



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**  
**DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**KALINE DA SILVA LIMA**

**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA PESSOAS TRANSGÊNERO:**  
**O PAPEL DA AMEAÇA À DISTINTIVIDADE DE GÊNERO**

**JOÃO PESSOA – PB**  
**FEVEREIRO – 2022**



**KALINE DA SILVA LIMA**

**PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO CONTRA PESSOAS TRANSGÊNERO:  
O PAPEL DA AMEAÇA À DISTINTIVIDADE DE GÊNERO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicologia Social da  
Universidade Federal da Paraíba.

**Orientador:** Prof. Dr. Cicero Roberto Pereira

Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
– CAPES

**JOÃO PESSOA – PB  
FEVEREIRO – 2022**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

L732p Lima, Kaline da Silva.

Preconceito e discriminação contra pessoas  
transgênero : o papel da ameaça à distintividade de  
gênero / Kaline da Silva Lima. - João Pessoa, 2022.  
194 f. : il.

Orientação: Cicero Roberto Pereira.  
Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Preconceito. 2. Discriminação. 3. Ameaça à  
distintividade. 4. Pessoas transgênero. 5. Identidade  
social. I. Pereira, Cicero Roberto. II. Título.

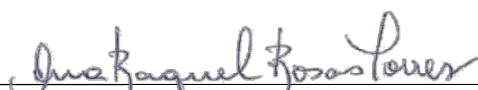
UFPB/BC

CDU 316.647.8(043)

## ATA DE DEFESA DE TESE

Ao primeiro dia do mês de fevereiro de dois mil e vinte e dois, de modo remoto, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social (CCHLA/UFPB), para a defesa de Tese da aluna **KALINE DA SILVA LIMA** – mat. 20181017507 (orientanda, UFPB, CPF: 079.904.744-92). Foram componentes da banca examinadora: Prof. Dr. CICERO ROBERTO PEREIRA (UFPB, Orientador, CPF: 982.070.754-49), Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANA RAQUEL ROSAS TORRES (UFPB, Membro Interno ao programa, CPF: 267.442.364-15), Prof. Dr. ELDO LIMA LEITE (F.M.Nassau, Membro externo à instituição, CPF: 076.687.004-98), Prof. Dr. MARCUS EUGÊNIO OLIVEIRA LIMA (UFS, Membro externo à instituição, CPF: 528.554.905-10) e Prof. Dr. JOSEMBERG MOURA DE ANDRADE (UnB, Membro Externo à Instituição, CPF: 024.182.104-56). Na cerimônia compareceram, além da examinada, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, o presidente da banca, Prof. Dr. **CICERO ROBERTO PEREIRA**, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada KALINE DA SILVA LIMA e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que discorresse sobre seu trabalho, intitulado: “**Preconceito e Discriminação contra Pessoas Transgênero: O Papel da Ameaça à Distintividade de Gênero**”. Passando então ao aludido tema, a aluna foi, em seguida, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito de “**APROVADO**”, o qual foi proclamado pelo presidente da banca, logo que retornou ao recinto da solenidade pública. Nada mais havendo a tratar, eu, Júlio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 01 de fevereiro de 2022.

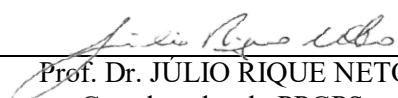
  
Prof. Dr. CICERO ROBERTO PEREIRA

  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> ANA RAQUEL R. TORRES

  
Prof. Dr. ELDO LIMA LEITE

  
Prof. Dr. JOSEMBERG M. DE  
ANDRADE

Documento assinado digitalmente  
 Marcus Eugenio Oliveira Lima  
Data: 01/02/2022 16:02:49-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>  
Prof. Dr. MARCUS EUGÊNIO O. LIMA

  
Prof. Dr. JÚLIO RIQUE NETO  
Coordenador do PPGPS

## **Agradecimentos**

A jornada do doutorado não seria possível sem o empenho, o exemplo e todo o incentivo das pessoas pelas quais hoje sou grata. Primeiramente agradeço ao meu orientador Cícero, por ter me aberto as portas do doutorado em psicologia social e por ter me ensinado tanto ao longo desses 3 anos e 10 meses. Sua orientação sempre presente e atenta desenvolveu minhas competências científicas, minha forma de ler, escrever e analisar os dados. Sinto-me profundamente grata e honrada por ter convivido pessoalmente e academicamente com alguém tão admirável.

Agradeço, em segundo lugar, a banca examinadora desta tese. Especialmente, Marcus Eugênio e Ana Raquel, cujas contribuições na etapa de qualificação muito acrescentaram na minha experiência e na tese. Além disso, suas obras, tais como livros e artigos, muito colaboraram com a minha formação em psicologia social. Também agradeço em especial ao professor Josemberg, que tanto contribuiu para o meu crescimento e amadurecimento acadêmico da graduação até o mestrado, sendo o meu orientador. Também agradeço ao professor Eldo, por ter aceito avaliar este trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a todos que sonharam junto comigo, minha família e amigos. Dentre estes, agradeço a minha mãezinha Vania, por sempre me apoiar, incentivar e se orgulhar de cada novo passo que eu dava; a minha irmã Karla, minha Tia Penha, meu sobrinho Henri e meu padraсто Valdemar; e minha avó Julita, que não está mais aqui na vida terrena, mas que também compartilhou comigo desse sonho. Sou muito grata ao meu amor, Waleska, por acompanhar de perto a escrita da tese e por sempre me impulsionar no meu desenvolvimento pessoal e profissional. Agradeço às amigas Jéssica e Alyne e Anna Caroline por acompanharem a distância essa etapa da minha vida e por torcerem muito por mim. Agradeço a Tamyres e Thaís pela amizade na UFPB e na vida e por terem estudado comigo para aprovação no doutorado. Agradeço aos amigos do

núcleo de pesquisa GPCP, Marcos, por ter me apresentado a Cícero e me incentivado a fazer a seleção, e a Emerson Do Bú, Karol, Camilla, Allyson, Estela, Jessica, Karla, Michelly, Nathalia, Suiane, Taciana, Tatiana, Ádila e Tátilla por toda a agradável convivência. Enfim, sou muito agradecida a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização dessa conquista.

## RESUMO

Atitudes negativas e discriminação contra pessoas transgênero são generalizadas no Brasil. No entanto, pouca atenção tem sido dada à especificidade do preconceito transfóbico e ao papel da ameaça à distintividade de gênero nas atitudes discriminatórias contra essas pessoas. Para elucidar essa questão, desenvolvemos um programa de pesquisa no qual realizamos oito estudos, os quais apresentamos em três artigos empíricos. No primeiro artigo, apresentamos quatro estudos preliminares nos quais descrevemos o desenvolvimento e a validação de uma escala de preconceito contra mulheres (PTS-W) e homens transgênero (PTS-M). Os resultados mostraram evidência empírica consistente de validade de construto e fiabilidade da PTS-M e da PTS-W. No segundo artigo (N = 300), realizamos um estudo experimental no qual avaliamos a especificidade na discriminação contra pessoas transgênero expressa no valor social que as pessoas atribuem a pessoas transgênero que são vítimas de injustiça. Manipulamos o sexo da vítima designado no nascimento (masculino vs. feminino) e a informação sobre a sua pertença categorial (heterossexual vs. homossexual vs. transgênero). Os resultados mostraram maior valorização de uma vítima heterossexual em relação a uma transgênero. O artigo 3 descreve três estudos experimentais que testam a hipótese de que a discriminação de transgêneros é mais forte nos homens do que nas mulheres, e que essa diferença decorre da ameaça à distintividade de gênero e do preconceito transfóbico. No estudo 1 (N = 162), manipulamos o sexo da vítima designado no nascimento (feminino vs. masculino) e a sua identidade de gênero (cisgênero vs. transgênero) e medimos o suporte social dado a essa vítima. Os participantes homens expressaram menor suporte social à vítima transgênero, tendo este efeito sido mediado pelo preconceito transfóbico. No estudo 2 (N = 196), manipulamos a ameaça à distintividade de gênero usando uma notícia fictícia que destacava a semelhança (i.e., ameaça à distintividade) entre pessoas cisgênero e transgênero e uma condição controle (i.e., notícia neutra). Os resultados indicaram que a percepção de distintividade de gênero e o preconceito contra transgêneros mediam sequencialmente a relação entre o sexo dos participantes e o menor suporte social dado à vítima transgênero, especialmente na condição de ameaça à distintividade de gênero. No Estudo 3 (N = 350), manipulamos a ameaça à distintividade de gênero por meio de falsos feedbacks descrevendo a semelhança (i.e., ameaça à distintividade) ou a diferença (i.e., afirmação da distintividade) entre pessoas cisgênero (vs. transgênero). Os homens cisgêneros perceberam maior distintividade face aos transgêneros, expressaram mais preconceito e ofereceram menor suporte social a pessoas trans do que a cisgêneros, especialmente na condição de afirmação da distintividade de gênero. No geral, os resultados são consistentes com as hipóteses que propomos e as inconsistências observadas foram discutidas com base na Teoria da Identidade Social, destacando o papel da ameaça à distintividade intergrupala.

*Palavras-chave:* preconceito; discriminação; ameaça à distintividade; pessoas transgênero; Identidade Social.

## ABSTRACT

Negative attitudes and discrimination against transgender people are widespread in Brazil. However, little attention has been paid to the specificity of transphobic prejudice and the role of threats to gender distinctness in discriminatory attitudes towards these people. To address this question, we developed a research programme in which we conducted eight studies, which we present in three empirical articles. In the first article, we present four preliminary studies in which we describe the development and validation of a scale of prejudice against women (PTS -W) and transgender men (PTS -M). The results showed consistent empirical evidence for the construct validity and reliability of PTS -M and PTS -W. In the second article (N = 300), we conducted an experimental study examining the specificity of discrimination against transgender people expressed in the social value people attribute to transgender people who are victims of injustice. We manipulated the victim's sex reported at birth (male vs. female) and information about their categorical membership (heterosexual vs. homosexual vs. transgender). The results showed that a heterosexual victim was rated more highly than a transgender victim. Article 3 describes three experimental studies that test the hypothesis that discrimination against transgender people is stronger among men than women and that this difference is due to threats to gender distinctiveness and transphobic prejudice. In Study 1 (N = 162), we manipulated the victim's sex determined at birth (female vs. male) and gender identity (cisgender vs. transgender) and measured the social support the victim received. Male participants expressed less social support for the transgender victim, and this effect was mediated by transphobic prejudice. In Study 2 (N = 196), we manipulated threat to gender distinctiveness using a fictional news story that highlighted the similarity (i.e., threat to distinctiveness) between cisgender and transgender people and a control condition (i.e., neutral news). Results indicated that perceptions of gender difference and prejudice against transgender people sequentially mediated the relationship between participants' gender and lower social support for the transgender victim, particularly in the gender difference threat condition. In Study 3 (N = 350), we manipulated gender distinctiveness threat through false feedback describing the similarity (i.e., distinctiveness threat) or difference (i.e., distinctiveness assertion) between cisgender participants' (vs. transgender) personalities. Cisgender men who perceived greater distinctiveness from transgender people expressed more prejudice and offered less social support to transgender people than cisgender people, especially in the condition of affirming gender distinctiveness. Overall, the results are consistent with our hypotheses and the observed inconsistencies were discussed based on social identity theory, highlighting the role of threats to intergroup distinctiveness.

*Keywords:* prejudice, discrimination, threat to distinctiveness, transgender people, social identity.

## Sumário

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Introdução Geral .....</b>                                          | <b>9</b>  |
| <b>CAPÍTULO I.....</b>                                                 | <b>20</b> |
| <b>CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE MEDIDAS DE PRECONCEITO CONTRA</b>         |           |
| <b>MULHERES E HOMENS TRANSGÊNERO .....</b>                             | <b>20</b> |
| Abstract.....                                                          | 21        |
| Resumo.....                                                            | 22        |
| Introduction .....                                                     | 23        |
| Study 1: Development and Content Validity of PTS Items .....           | 30        |
| Method .....                                                           | 30        |
| Results .....                                                          | 32        |
| Discussion.....                                                        | 32        |
| Study 2: Evidence of Factorial Validity and Internal Consistency ..... | 33        |
| Method .....                                                           | 33        |
| Results .....                                                          | 34        |
| Discussion.....                                                        | 38        |
| Study 3: Confirmatory Analysis of PTS .....                            | 39        |
| Method .....                                                           | 39        |
| Results .....                                                          | 41        |
| Discussion.....                                                        | 44        |
| Study 4: Convergent-Discriminatory Validity of PTS .....               | 44        |
| Method .....                                                           | 44        |
| Results .....                                                          | 46        |
| Discussion.....                                                        | 47        |
| General Discussion .....                                               | 47        |
| References .....                                                       | 50        |
| <b>CAPÍTULO II.....</b>                                                | <b>56</b> |
| <b>O VALOR SOCIAL DE UMA PESSOA DEPENDE DE SUA ORIENTAÇÃO</b>          |           |
| <b>SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO .....</b>                             | <b>56</b> |
| Abstract.....                                                          | 57        |
| Resumo.....                                                            | 58        |
| Introduction .....                                                     | 59        |

|                                                              |           |
|--------------------------------------------------------------|-----------|
| Method .....                                                 | 66        |
| Results .....                                                | 68        |
| Discussion.....                                              | 71        |
| References .....                                             | 77        |
| <b>CAPÍTULO III .....</b>                                    | <b>82</b> |
| <b>A DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS TRANSGÊNERO REFLETE</b>        |           |
| <b>PRECONCEITO E AMEAÇA À DISTINTIVIDADE DE GÊNERO .....</b> | <b>82</b> |
| Resumo.....                                                  | 83        |
| Abstract.....                                                | 85        |
| Introdução .....                                             | 86        |
| Estudo 1.....                                                | 96        |
| Método .....                                                 | 96        |
| Resultados .....                                             | 98        |
| Discussão .....                                              | 102       |
| Estudo 2.....                                                | 102       |
| Método .....                                                 | 103       |
| Resultados .....                                             | 107       |
| Discussão .....                                              | 116       |
| Estudo 3.....                                                | 117       |
| Método .....                                                 | 118       |
| Resultados .....                                             | 120       |
| Discussão .....                                              | 125       |
| Discussão Geral .....                                        | 125       |
| Referências.....                                             | 136       |
| Discussão geral da Tese .....                                | 143       |
| Apêndices.....                                               | 160       |
| Apêndice A (Materiais usados no Capítulo I) .....            | 161       |
| Apêndice B (Materiais usados no Capítulo II) .....           | 173       |
| Apêndice C (Materiais usados no Capítulo III) .....          | 179       |

## **Introdução Geral**

Os avanços dos direitos das pessoas transgêneros são acompanhados de uma maior visibilidade desse grupo na sociedade e, conseqüentemente, por uma maior necessidade de especificação das semelhanças e diferenças entre cisgêneros e transgêneros (Buck, 2016). Preocupações como legislação para o uso de banheiros, maior representatividade trans em meios políticos, admissão de trans nas forças armadas, ou a presença de transgêneros no esporte podem, por sua vez, ativar o sentimento de ameaça à distintividade de gênero. Em 2018, por exemplo, tornou-se conhecida no Brasil a atleta Tiffany Abreu, a primeira mulher transgênero a disputar a superliga feminina de vôlei. Além de levantar o debate sobre uma possível vantagem que levaria sobre as outras atletas, o seu pioneirismo não passou imune a manifestações de preconceito. Mensagens discriminatórias nas redes sociais se misturam a teses pretensamente científicas que insinuaram um suposto oportunismo da atleta, como se jogar com mulheres cisgêneros fosse uma manobra com o objetivo de sobressair-se pela imposição física. O regulamento da Federação Internacional de Voleibol (FIVB), em conformidade com diretrizes aprovadas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2015, permitiu a participação de transgêneros em competições oficiais que atendem um conjunto de critérios objetivos que caracterizam a sua identidade de gênero (International Olympic Committee [IOC], 2015). Aos 33 anos, Tiffany cumpria os requisitos e concluiu o processo de transição de gênero em 2015. Contudo, a aceitação dessa situação foi polêmica e gerou respostas fortemente reativas.

A reatividade tem se manifestado abertamente nas redes sociais. Por exemplo, recorrendo à retórica da biologia, a ex-jogadora de vôlei Ana Paula escreveu uma carta ao COI atribuindo a inclusão de transgêneros no esporte feminino a uma “questão ideológica”. Segundo ela, a liberação de Tiffany configura “um grande deboche às

mulheres” e justifica a sua posição argumentando que a inclusão dessas atletas poderia incentivar o mercado de atletas trans, em que homens biológicos poderiam ocupar o lugar de mulheres cisgênero nas competições de times (Castro et al., 2020).

Também ficou conhecido no Brasil no ano de 2020 o caso do homem trans Thammy Miranda, que participou de uma campanha do dia dos pais promovida por uma reconhecida empresa de cosméticos brasileira. Inflamados debates nas redes sociais levantavam posicionamentos contrários e favoráveis à campanha. Em relação às atitudes contrárias, justificativas mais comuns argumentavam que Thammy não era “homem de verdade”, logo não poderia ser pai; ou que os homens estariam mal representados por uma “mulher biológica” na campanha que valoriza o papel masculino na sociedade. O caso repercutiu de tal forma que as expressões de preconceito e transfobia se apresentaram como flagrantes na internet. Por exemplo, a *hashtag* #naturação ficou entre os assuntos mais comentados das redes sociais (Catraca Livre, 2020), indicando uma forte reatividade à campanha publicitária estrelada por Thammy Miranda.

Diante dessa polêmica, podemos nos perguntar se o fato de as pessoas transgênero transitarem às fronteiras que definem as categorias de gênero uma ameaça à identidade de pessoas cisgêneros e, por esta razão, essas pessoas reagem expressando mais fortemente a sua oposição à ampla integração das pessoas trans na sociedade. Isto é, será que mulheres e homens cisgêneros se sentem ameaçados por mulheres e homens trans e qual o impacto dessa ameaça nas suas atitudes e comportamentos face a políticas públicas que ampliam e as que limitam os direitos das pessoas transgênero no Brasil? O objetivo principal dos estudos que serão aqui apresentados é responder a essa questão propondo um modelo analítico que integra os conceitos de ameaça à distintividade de gênero, preconceito e suporte social a políticas discriminatórias contra transgêneros. Especificamente, propomos a tese de que a necessidade de distintividade entre as

categorias de gênero favorece a expressão de preconceito anti-transgêneros, o que se relaciona como o maior apoio a políticas discriminatórias contra pessoas transgênero. Além disso, prevemos que esse processo ocorre diferentemente para homens e mulheres em contextos de maior ameaça à distintividade de gênero.

As hipóteses propostas na presente tese foram baseadas nas teorias da Psicologia Social que abordam as relações intergrupais, especificamente a formação de atitudes negativas e discriminação de grupos minoritários como consequência da percepção de ameaça. Nosso foco principal é a Teoria de Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) e Teoria da Ameaça intergrupos (Stephan et al., 2009; Stephan et al., 2015). Embora cada uma dessas teorias tenha suas próprias características, elas compartilham a ideia de que a percepção de ameaça intergrupar promove atitudes discriminatórias como respostas reativas a exogrupos relevantes que ameaçam as fronteiras intergrupais ou a posição relativa dos grupos na ordem social.

Outros estudos e perspectivas teóricas abordam a temática do preconceito e discriminação contra transgêneros com base em outros fatores também relevantes para a compreensão do mesmo fenômeno aqui estudado, como são exemplo o autoritarismo de direita (Makwana et al., 2018), o contato (Hoffarth & Hodson, 2018) e ansiedade intergrupar (McCullough et al., 2019), atitudes tradicionais de papéis de gênero (Buck, 2016), necessidade de fechamento (Tebbe & Moradi, 2012) conservadorismo (Norton & Herek, 2013), crenças no binarismo de gênero (Prusaczyk & Hodson 2020), e o essencialismo de gênero (Ching & Xu, 2018; Wilton et al., 2018). Nessa tese, por outro lado, decidimos focar nos aspectos da ameaça intergrupar como desencadeador de um processo que julgamos ser fundamental para a compreensão do preconceito contra pessoas transgênero, focando especificamente no estudo da ameaça à distintividade de gênero.

O fenômeno do preconceito e da discriminação contra pessoas transgênero é relevante para modelos teóricos da psicologia social que visam explicar as consequências da percepção de ameaça a grupos majoritários representada por membros de grupos minoritários, mas também relevantes para proposição de políticas públicas que objetivem a redução do preconceito, o combate à exclusão social e da violência contra pessoas trans. Os casos de preconceito e discriminação contra trans relatados nos meios de comunicação e nas redes sociais ocorrem no contexto de um quadro mais geral apresentado em estatísticas que colocam o Brasil como o primeiro no ranking de países que mais cometem violência fatal contra transgêneros, mantendo essa posição pelo 13º ano consecutivo. Somente no último ano foram 125 transgêneros assassinados em decorrência da identidade de gênero no Brasil, representando 41% das mortes no mundo, cujo aumento foi de 7% em relação a 2020. Os dados alarmantes apontam que o Brasil tem quase o dobro dos números de assassinatos do México e três vezes mais números que os Estados Unidos (Transrespect *versus* Transphobia Worldwide, 2021). De acordo com a ONG Transgender Europe (2020), observa-se um aumento da hostilidade de grupos feministas anti-trans, a exclusão dos principais grupos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros) e o surgimento de redes políticas que mobilizam movimentos anti-gênero, os quais, por sua vez, agravam os riscos de violência e discriminação contra pessoas transexuais. O relatório mostra que 96% das pessoas assassinadas em todo o mundo eram mulheres trans ou pessoas transfeminadas, com uma idade média de 30 anos, mantendo a expectativa de vida da população trans no país em 35 anos (Associação Nacional de Travestis e Transexuais [ANTRA], 2021). Para além da possibilidade de os dados estarem subnotificados ou faltosos, existem pessoas que frequentemente passam por um processo de invisibilidade, infra-humanização e discriminação meramente pelo fato de serem pessoas trans. Apesar dessa possibilidade, segundo a organização ANTRA (2021), que

faz o monitoramento dos casos de assassinatos no Brasil desde 2017, nenhum investimento ou ação foram propostos pelo governo brasileiro para enfrentar a violência e o preconceito contra a população trans.

O preconceito e a discriminação também produzem outras consequências para a vida das pessoas transgênero. Estudos mostraram que jovens transgêneros têm taxas mais altas de depressão, suicídio, automutilação, transtornos alimentares (Connolly et al., 2012) e transtornos de déficit de atenção (Becerra-Culqui et al., 2018) do que a população geral. Entre adultos, além da depressão e ideação suicida, a exposição a traumas interpessoais, transtornos por uso de substâncias, ansiedade e angústia geral provocados por estresse decorrente da discriminação de que são alvo (Valentine & Shipherd, 2018), isto é, o impacto na saúde mental provocado por pertencer a uma minoria de gênero que sofre diariamente as consequências do preconceito e da discriminação.

Com isso, ressalta-se a urgência e a necessidade de estudar o tema em questão. Diante do universo de estudos acerca do preconceito e da discriminação contra grupos minoritários, o estudo sobre os processos psicossociais associados com esse fenômeno quando o grupo-alvo são pessoas transgênero ainda é reduzido relativamente a quantidade de pesquisas disponíveis sobre outros grupos sociais minoritários. Não está claro, por exemplo, se a discriminação contra pessoas transgênero difere da discriminação contra homossexuais e quais os processos psicológicos sociais levam a discriminação de transgêneros. Além disso, até onde vai o nosso conhecimento, ainda estava por ser elucidado se a ativação contextual da ameaça à distintividade de gênero produz respostas reativas diferentes em homens e mulheres cisgênero.

### **Visão Geral da Tese**

O primeiro capítulo se refere a um artigo preliminar no qual descrevemos o processo de construção e validação de duas medidas para mensurar o preconceito explícito contra mulheres e homens transgênero. Por meio de quatro estudos, buscamos fornecer medidas com adequadas propriedades psicométricas. O primeiro estudo objetivou construir os itens e obter evidências de validade de conteúdo por meio da análise de juízes e análise da compreensibilidade dos itens. O segundo estudo visou estudar a estrutura interna dos itens, por meio de análises fatoriais exploratórias e reduzir a quantidade de itens via Teoria de Resposta ao Item. No terceiro estudo, realizamos análises fatoriais confirmatórias e análises fatoriais confirmatórias multigrupo. Por fim, apresentamos evidências de validade convergente e discriminante em um estudo correlacional.

O segundo capítulo estudou se o apoio à políticas discriminatórias contra transgêneros, operacionalizada pelo valor social atribuído a exemplares desses grupos-alvos de preconceito, depende da orientação sexual e identidade de gênero de uma vítima de vazamento de fotos na internet. Nesse estudo, testamos a hipótese de que as pessoas cisgêneros e heterossexuais desvalorizariam mais pessoas transexuais em uma situação de vitimização em comparação com cisgêneros heterossexuais e homossexuais. Para o efeito, realizamos um estudo experimental em que manipulamos o sexo dos alvos e a informação sobre a pertença categorial deles (heterossexual vs. homossexual vs. transexual). O cenário consistia em uma suposta notícia de vitimização por vazamento de fotos nas redes sociais. Após a apresentação aleatória dos cenários, os participantes deveriam atribuir uma indenização às vítimas. Levantamos a hipótese de que o valor social (indenização a vítima) atribuídos às pessoas transexuais seria menor quando comparado aos outros grupos. Discutimos os resultados com base na Teoria da Identidade

Social e levantamos a hipótese de que os efeitos obtidos decorrem do preconceito e da ameaça à distintividade de gênero.

O terceiro capítulo busca responder ao problema principal da tese, ou seja, o papel da ameaça à distintividade de gênero e do preconceito na discriminação contra pessoas transgênero, apresentando evidência empírica para hipótese da ameaça à distintividade de gênero como um construto importante na compreensão do preconceito e discriminação de transgêneros em homens e mulheres cisgênero. Nesse conjunto de estudos testamos a hipótese geral de que homens, mais do que mulheres, apoiam mais fortemente a discriminação e oferecem menos suporte social às pessoas trans, e isso ocorre por meio da percepção de distintividade de gênero e do preconceito. Para isso, conduzimos três estudos em que manipulamos experimentalmente a informação sobre a pertença grupal dos alvos de vitimização com base na identidade de gênero (transgêneros vs. cisgêneros) e no sexo deles designado no nascimento (masculino vs. feminino) (Estudo 1), a ameaça à distintividade de gênero por meio de notícias fictícias que aumentaram as semelhanças entre cisgêneros e transgêneros (vs. condição controle) (Estudo 2), e a ameaça à distintividade (vs. afirmação da distintividade) por meio de feedbacks fictícios em um teste implícito de personalidade (Estudo 3). O estudo 1 mediu o preconceito contra transgêneros e o suporte social dado à vítima. O estudo 2 mediu a percepção de distintividade de gênero, o preconceito contra transgêneros, o apoio a políticas discriminatórias contra transgêneros e o suporte social, mediante a atribuição de um valor em dinheiro que o governo deveria oferecer a transgêneros para realizarem cirurgia de redesignação sexual. Por fim, o estudo 3 mensurou a percepção de distintividade de gênero, o preconceito contra transgêneros e o suporte social, com base no apoio a um projeto de lei para o uso de banheiros por pessoas trans conforme suas identidades de gênero. Esses estudos objetivaram demonstrar o papel mediador do preconceito e da

percepção de distintividade na relação entre o sexo do participante e a discriminação de pessoas transgênero.

### Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading: Addison Wesley-Brown.
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021). *Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020*.  
<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>
- Becerra-Culqui, T. A., Liu, Y., Nash, R., Cromwell, L., Flanders, W. D., Getahun, D., Goodman, M. (2018). Mental Health of Transgender and Gender Nonconforming Youth Compared with Their Peers. *Pediatrics*, 141(5), 1-11.  
<https://doi.org/10.1542/peds.2017-3845>
- Buck, D. M. (2016). Defining transgender: What do lay definitions say about prejudice? *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 3(4), 465–472.  
<https://doi.org/10.1037/sgd0000191>
- Castro, P. H. Z. C., Garcia, R. M., & Pereira, E. G. B. (2020). O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista. *Motrivivencia*, 32(61), p. 01-22.  
<https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e62806>
- Catraca Livre (2020). *Natura combate ataques transfóbicos a Thammy Miranda e o defende*. <https://catracalivre.com.br/cidadania/natura-combate-ataques-transfobicos-a-thammy-miranda-e-o-defende/>
- Ching, B. H. H., Xu, J. T. (2018). The Effects of Gender Neuroessentialism on Transprejudice: An Experimental Study. *Sex Roles*, 78, 228–241  
<https://doi.org/10.1007/s11199-017-0786-3>

- Connolly, M. D., Zervos, M. J., Barone, C. J., Johnson, C. C., & Joseph, C. L. M. (2016). The Mental Health of Transgender Youth: Advances in Understanding. *Journal of Adolescent Health, 59*(5), 489–495. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2016.06.012>
- Hoffarth, M. R., & Hodson, G. (2018). When intergroup contact is uncommon and bias is strong: The case of anti-transgender bias. *Psychology & Sexuality, 9*(3), 237-250. <https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1470107>
- International Olympic Committee – IOC (2015). *Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism*. [https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions\\_PDFfiles/Medical\\_commission/2015-11\\_ioc\\_consensus\\_meeting\\_on\\_sex\\_reassignment\\_and\\_hyperandrogenism-en.pdf](https://stillmed.olympic.org/Documents/Commissions_PDFfiles/Medical_commission/2015-11_ioc_consensus_meeting_on_sex_reassignment_and_hyperandrogenism-en.pdf)
- Makwana, A. P., Dhont, K., Akhlaghi-Ghaffarokh, P., Masure, M., & Roets, A. (2018). The motivated cognitive basis of transphobia: The roles of right-wing ideologies and gender role beliefs. *Sex Roles, 79*(3), 206-217. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0860-x>
- McCullough, R., Dispenza, F., Chang, C. Y., & Zeligman, M. R. (2019). Correlates and predictors of anti-transgender prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 6*(3), 359–368. <https://doi.org/10.1037/sgd0000334>
- Norton, A. T., & Herek, G. M. (2013). Heterosexuals' attitudes toward transgender people: Findings from a national probability sample of US adults. *Sex Roles, 68*, 738-753. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-011-0110-6>
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology, 90*(5), 751–783. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.90.5.751>

- Prusaczyk, E., Hodson, G. (2020). The Roles of Political Conservatism and Binary Gender Beliefs in Predicting Prejudices Toward Gay Men and People Who Are Transgender. *Sex Roles*, 82, 438–446 <https://doi.org/10.1007/s11199-019-01069-1>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Morrison, K. R. (2009). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (1st ed., pp. 43–59). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2015). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2nd ed., pp. 255–278). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). *The social identity theory of inter-group behavior*. In S. Worchel & W. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7–24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tebbe, E. N., & Moradi, B. (2012). Anti-transgender prejudice: A structural equation model of associated constructs. *Journal of Counseling Psychology*, 59(2), 251–261. <https://doi.org/10.1037/a0026990>
- Transgender Europe – TGEU (2020). *Trans Day of Remembrance 2020: Fighting for our futures*. <https://tgeu.org/joint-statement-tdor-2020/>
- Transrespect versus Transphobia Worldwide (2020). *TMM Update Trans Day of Remembrance 2020. 350 trans and gender-diverse people reported murdered in the last year*. <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2020/>
- Transgender Europe (2021). *375 trans and gender-diverse people reported murdered in the past year*. <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>
- Valentine, S. E., & Shipherd, J. C. (2018). A systematic review of social stress and mental health among transgender and gender non-conforming people in the United

States. *Clinical Psychology Review*, 66, 24-38.

<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2018.03.003>

Wilton, L. S., Bell, A. N., Carpinella, C. M., Young, D. M., Meyers, C., & Clapham, R. (2018). Lay Theories of Gender Influence Support for Women and Transgender People's Legal Rights. *Social Psychological and Personality Science*, 10(7), 883-894. <https://doi.org/10.1177/1948550618803608>

## **CAPÍTULO I**

### **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE MEDIDAS DE PRECONCEITO CONTRA MULHERES E HOMENS TRANSGÊNERO**

Este capítulo é baseado em:

Lima, K. S., & Pereira, C. R. (2022). Development and Validation of Scales of Prejudice Against Transgender Women and Men (*Não publicado*).

## **Development and Validation of Scales of Prejudice Against Transgender Women and Men**

### **Abstract**

Transgender women and men are often the targets of prejudice and discrimination. To better analyze this phenomenon, valid and reliable measures of these specific target groups are needed. This article describes four studies in which we developed the Prejudice Against Transgender Scales (PTS) questionnaire. We initially conducted preliminary study to develop the scale's items and address its content validity (Study 1). Then, in Study 2 (N = 300), we conducted an exploratory analysis of the factorial structure of the scales and examined the quality of the items in detail using the item response theory approach. The results revealed a single-factorial structure with two parallel scales (PTS - W and PTS -M), each with 10 identical items and strong internal consistency. Study 3 (N = 237) provided complementary evidence of factorial validity through confirmatory factor analysis. Finally, in Study 4 (N = 148), we analyzed the convergent and discriminant validity of the two scales. The summary of results showed that PTS provides consistent evidence for validity and reliability in measuring prejudice against transgender women and men.

*Keywords:* prejudice, transgender, transphobia, homophobia, scale.

### **Resumo**

Mulheres e homens transgêneros são frequentemente alvos de preconceito e discriminação. Para melhor analisar esse fenômeno, são necessárias medidas válidas e confiáveis desses grupos-alvo específicos. Este artigo descreve quatro estudos nos quais desenvolvemos o questionário Prejudice Against Transgender Scales (PTS). Inicialmente, realizamos um estudo preliminar para desenvolver os itens da escala e abordar sua validade de conteúdo (Estudo 1). Em seguida, no Estudo 2 (N = 300), realizamos uma análise exploratória da estrutura fatorial das escalas e examinamos detalhadamente a qualidade dos itens usando a abordagem da teoria da resposta ao item. Os resultados revelaram uma estrutura unifatorial com duas escalas paralelas (PTS-W e PTS-M), cada uma com 10 itens idênticos e forte consistência interna. O estudo 3 (N = 237) forneceu evidências complementares de validade fatorial por meio de análise fatorial confirmatória. Por fim, no Estudo 4 (N = 148), analisamos a validade convergente e discriminante das duas escalas. O resumo dos resultados mostrou que a PTS fornece evidências consistentes de validade e confiabilidade na medição do preconceito contra mulheres e homens transgêneros.

*Palavras-chave:* preconceito, transgênero, transfobia, homofobia, escala.

## **Introduction**

Lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) people are often studied as if they were a uniform group, ignoring the complexities faced by these different minority subgroups (Morrison, Bishop, & Morrison, 2018). The category of “transgender” is an umbrella term that refers to a wide range of social identities of individuals whose gender identity, gender expression and behaviors are different from those associated with the biological sex to which they were assigned at birth (American Psychology Association [APA], 2011). This includes men and women who identify with a gender other than the gender assigned at birth (binary transgender men or women), people who identify outside the gender binary (non-binary) and intersex people (Billard, 2018a). These are all people who transgress gender stereotypes (“trans”). These people are unable or unwilling to undergo medical and hormonal interventions to conform their bodies to the characteristics associated with their gender identity.

Transphobia has traditionally been defined as the irrational fear/hatred and emotional displeasure directed to individuals who do not conform to society's expectations of gender, regardless of the orientation of their sexual behavior (Hill & Willoughby, 2005). However, to escape the capture of attitudes and behaviors that denote a “phobic” and pathological response, transphobia can be conceptualized as the prejudice directed to transgender individuals. Since the term “transgender” covers multiple identity possibilities, it is more difficult to evaluate attitudes and behaviors towards transgender individuals because of the complexity in operationally defining the construct (Billard, 2018b), which may not occur when using the binary transgender term. In fact, several existing measures of attitudes towards transgender individuals fail in providing adequate measurement parameters (Morrison, 2017; Billard, 2018b), perhaps because the measures focus on attitudes towards transgender individuals at a broader level (Hill & Willoughby,

2005; Kanamori et al., 2017; Nagoshi et al., 2008; Walch et al., 2012). In addition, the few instruments currently available to measure transphobia evaluate attitudes towards non-conformity of gender but cannot distinguish between attitudes towards transgender men and women, and gender variants such as non-binary or transvestite people.

Accordingly, it is essential to evaluate attitudes towards these groups separately because the efforts to confront prejudice are likely to be more successful if they are based on data from research on attitudes and behaviors toward particular target groups (e.g., Worthen, 2013). For instance, perceptions about transmen and transwomen can be notably different (Winter et al., 2009). For example, Anderson (2018) found different teasing levels against transwomen than transmen, regardless of men's sexual orientation. For this reason, a specific measure is needed to evaluate prejudice against transgender men and women with the aim of understanding the phenomenon, finding its predictors and analyzing its consequences. In this sense, this article proposes a self-report instrument containing two parallel scales referring to negative attitudes towards transgender men and women.

### **Measures of Prejudice against Transgender People**

As far as we know, there are no measures of prejudice against transgender people specifically. However, there are 13 published scales to measure attitudes towards transgender individuals as a broader and more diffuse category. A widely used scale is Hill and Willoughby's (2005) Genderism and Transphobia Scale (GTS), which has been used in 29 studies using it after its original presentation. The scale has 32 items measuring three domains: (1) transphobia or emotional disturb because of the non-conformity to gender; (2) genderism, an ideological stance directed towards a strict division of gender and congruency between sex and gender; and (3) gender-bashing, referring to the physical, verbal or psychological assault against individuals with non-conforming gender.

Although it has obtained discriminant, convergent, predictive and concurrent validity, the scale has failed to show content validity (Billard, 2018a), it only obtained sufficient goodness-of-fit indexes in confirmatory factor analysis (Tebbe et al., 2014). Importantly, the scale proposed to evaluate attitudes toward people who do not conform to gender in a broader manner, without distinguishing transgender identities, referring to “manly women”, “feminine men”, and men and women who exhibit alternating gender characteristics. Finally, according to Billard (2018a), the measure fails to measure attitudes, because it merges behavioral items (e.g., *I have beat up men who act like sissies*), with items such as attitudes (e.g., *Women who see themselves as men are abnormal*), or it contains errors regarding transgender identity (e.g., *If a friend wanted to have his penis removed in order to become a woman, I would openly support him*). To overcome these limitations, Tebbe et al. (2014) suggested two revised GTS measures, the GTS-Revised (GTS-R) with 22 items and GTS-R–Short Form (GTS-R-SF) with 13 items. Both versions measure two factors, corresponding to negative attitudes; and propensity for violence of the GTS. However, these scales continued to have the same content validity problems as the original measure.

The second widely used metric is the Transphobia Scale (TS) developed by Nagoshi et al. (2008). This scale contains nine items taken directly from transgender activist Kate Bornstein's *My Gender Workbook* (Bornstein, 2013). This scale measures transphobia with strong reliability ( $\alpha = .82$ ), but with limited validity. Moreover, Weiner and Zinner (2015) demonstrated predictive validity for TS, but they did not check for content validity. In addition, the items address gender nonconformity without specifying transgender identity and cannot distinguish between prejudice against transgender men and women and non-binary individuals (Billard, 2018b).

The Attitudes Toward Transgendered Individuals Scale (ATTI) developed by Walch et al. (2012), contains 20 grouped the items into a single factor with strong internal consistency ( $\alpha = .95$ ). Riggs and Bartholomaeus (2016) pointed out some psychometric inconsistencies regarding its factorial structure, showing that the ATTI measures at least two factors. In addition, the ATTI has some content validity issues as it uses the term "transgendered", which may be problematic to refer to transgender people (Billard, 2018b), and explicitly includes "transvestites" under the term "transgender", even though attitudes towards these people should be assessed differently, considering that they belong to different groups.

The Transgender Attitudes and Beliefs Scale (TABS; Kanamori et al., 2017) contains 33 items distributed in three factors: interpersonal comfort; gender beliefs; and human values, with six items. However, this scale brings together items to evaluate attitudes towards female and male transgender. The analysis of its content used only Christian experts, obtaining an over-represented content of the right-wing Christian beliefs about transgender identity (Billard, 2018a; Morrison et al., 2017). Another scale is the Transgender Prejudice Scale (Case & Stewart, 2013), which is composed of 21 items, six of which are taken from the Genderism and Transphobia Scale (Hill & Willoughby, 2005). It evaluates three dimensions: negative attitudes, myths and predetermined discriminatory behaviors against transgender people. Its validity was only studied with a small sample (132 participants), which did not evaluate its content validation or perform construct validation analyses, or convergent-discriminatory validation.

A scale applied in multiple samples is the Transprejudice Scale (Winter et al., 2009). This scale was built focusing only on transgender women. It features 30 items and five factors: mental illness, denial-women, social-rejection, peer-rejection, and sexual-

deviance. Although it has been used in several countries, the analysis of its factor validity was restricted to using only exploratory factor analysis. Similarly, the *Escala de actitudes negativas hacia personas trans* (Paez et al., 2015) is a 9-item instrument with an acceptable single factor structure, but studies addressing its validity have shown only factor validity using exploratory and confirmatory factor analysis. A similar instrument, the Transgender Prejudice Scale (TPS; Davidson, 2014), contains 25 items organized in two sub-scales: sexual essentialism; and discomfort. The study of its validity analyzed its convergent-discriminatory and predictive validity. However, this scale evaluates attitudes towards transgender people in general, without distinguishing specific gender groups.

The Scale of Prejudice against Sexual and Gender Diversity (EPDSG; Costa et al., 2015) was built and validated in the Brazilian context. It addresses prejudiced attitudes using 16 items that aim to measure two distinct constructs: prejudice against sexual orientation (SO); and prejudice against nonconformity of gender and transsexuality (GT). However, this scale suffers from some important psychometric problems, first by not measuring two factors as proposed, and second by evaluating attitudes towards individuals that do not conform to the gender dichotomy in a general way.

The Attitudes toward Transgender Men and Women Scale (ATTMW; Billard, 2018a) tries to overcome the limitations of validity of content and construct of the scales described so far, distinguishing between two separate measures, one being the attitudes towards transgender men (ATTM) and the other attitudes towards transgender women (ATTW). Each measure contains 12 non-parallel items, which makes it impossible to compare the levels of prejudice against transgender men and women. Thus, there is no guarantee that the prejudice will be different between the groups due to the characteristics of the sample or the content of the items. The measure still includes attitudes towards transgenders as a broad term, distinguishing only female and male identity. In addition,

ATTW is focused only on attitudes of young and liberal Americans, and has only been applied to small samples in validation studies.

Finally, the Transgender Knowledge, Attitudes, and Beliefs Scale (T-KAB; Clark & Hughto, 2020) has recently faced some of the content and construct validation issues of the previous scales. The T-KAB contains 22 items that address three factors (acceptance of the gender spectrum; social tolerance; comfort and contact related to transgender people). Although this scale has demonstrated content, factor, and convergent-discriminant validities, it does not distinguish specific gender groups.

The reviewed literature has shown that the available instruments are valuable and valid for assessing people's attitudes toward transgender people. However, these instruments have some weaknesses that need to be overcome (Billard, 2018b; Morrison et al., 2017). Existing scales have focused only on attitudes toward transgender persons at a broader level (Hill & Willoughby, 2005; Kanamori et al., 2017; Nagoshi et al., 2008; Walch et al., 2012). These scales are helpful to measuring attitudes toward gender nonconformity but cannot distinguish between attitudes toward transgender men and women. Consequently, they are not useful for distinguishing between prejudice toward trans men and trans women and individuals with gender variants or transvestites. In this article, we propose a new instrument to overcome these limitations in measuring negative attitudes toward transgender men and women, specific to binary transgender people, in a cultural context with high rates of prejudice and harmful behavior toward trans people.

## **Overview of the Studies**

Transphobia research is still scarce compared to studies on other sexual minorities. It is crucial to diversify the study of transphobia, especially since previous research has documented its high incidence. Research carried out by the Transgender Europe NGO in

several countries has revealed that Brazil occupies the top rank of murders of trans people (TGEU, 2016), where 1,238 died of violent causes between 2008 and 2018. These numbers can be underestimated because murdered trans people are not accurately specified in most countries, making it impossible to estimate the number of cases (TGEU, 2016; 2018). These data indicate that Brazil is a unique cultural environment for studying questions concerning attitudes about transgender, especially for developing an instrument that evaluates these attitudes.

To assess these attitudes, we developed and present construct validity evidence of the Prejudice against Transgender People Scale (PTS). It consists of two identical parallel measures: the Prejudice against Transgender Women Scale (PTS-W); and the Prejudice against Transgender Men (PTS-M). We initially conducted preliminary studies to develop the scale's items and address its content validity (see the Online Supplementary Materials – Appendix A). It resulted in 40 items: 20 items of PTS-W and 20 items of PTS-M. We then conducted the research program we reported below.

Study 1 we aimed to develop and validate the content of the items. Study 2 aimed to analyze the scale dimensionality by using exploratory factor analysis, internal consistency, and item reduction through item response theory. The Study 3 sought to confirm the factorial model in an independent sample and presented its configurational, metric, and scalar equivalence by gender and age. Finally, the study 4 aimed to carry out a convergent-discriminatory validation with other measures of attitudes towards transgender. All procedures used in the studies were approved by the Research Ethics Committee of our university. Data are available from the Open Science Framework at <https://osf.io/wg49t/>.

### **Study 1: Development and Content Validity of PTS Items**

The purpose of this study is to report on the initial development and validation process of the PTS. It involved theoretical and empirical procedures recommended for elaborating construct-based psychological instruments (DeVellis, 2016; Pasquali, 2010). The process followed four steps: 1) establishment of a theoretical framework; 2) development of a preliminary poll of items to measure blatant prejudice against transgender men and women, with this prejudice defined as direct and hostile expression of negative attitudes towards minority groups (Pettigrew & Meertens, 1995); 3) analysis of the items by a panel of experts (raters' analysis); and 4) determination of the item's comprehensibility by instrument's target population. We present below the methods and results of these steps.

#### **Method**

We reviewed the research on prejudice against transgender people and other sexual minorities to develop the PTS items. This theoretical review included the analysis of scientific articles and instruments widely used in international studies. Hence, we created 21 items based on the theoretical definition of prejudice against transgenders and other scales of prejudice against sexual minorities discussed above, explicitly adapted for the transgender context (see the online supplementary materials). Then we carried out the content validation of these 21 items.

#### ***Participants***

Three expert raters participated, two having master's degrees. The other one had a Ph.D., and all of them work in psychological evaluation, psychometry, and social psychology. Moreover, we interviewed 12 first-semester undergraduate students and four undergraduate students in the last year of the program to evaluate the items'

comprehensibility.

### ***Instruments***

The scale of attitudes towards transgender people (PTS) consists of two parallel versions distinguishing gender identification: the Scale of Prejudice against Transgender Women (PTS-W) and the Scale of Prejudice against Transgender Men (PTS-M). Each scale contains 21 affirmative sentences representing negative attitudes against the target group of prejudice.

We prepared a questionnaire written in Brazilian Portuguese and sent it to the raters. It presented the objective of the research, explaining the task to be developed by each rater, which consisted of reading each of the scale items and evaluating them based on three criteria: suitability to the construct (the degree which the item reflects the operationalized construct); relevance (importance of the item to the construct measure); and writing clarity (ease of understanding). Each criterion had a response scale of 0 to 10.

### ***Expert raters' analysis***

We sent the questionnaire with the items and the evaluating criteria to the raters by email. We measured the agreement between them by estimating the content validity coefficient (CVC) (Aiken, 1980). Specifically, we calculated the CVC for each item (CVCi), and the total scale (CVCt). We considered CVC values  $\geq .80$  as the cutoff criterion for content validity (Aiken, 1985).

### ***Item comprehensibility***

To prevent difficulties of understanding when applying the instrument, we submitted the items to the analysis of students of different education levels. The data collection took place collectively in two groups (first-semester students and last-year students). We asked students from each group to read the items in brainstorming sessions, explain if they understood the item content, and suggest modifications when necessary.

## Results

All PTS-W and PTS-M items presented CVCi values between 0.40 and 1.00 regarding the suitability, relevance and clarity. The CVCt coefficients were .72 and .71, respectively. We also asked the raters to suggest changes in the writing of the items with low CVC scores. Tables S2 and S3 in the online supplementary materials present the CVCi and the items before and after the raters' analysis and the items' comprehensibility.

All PTS-W and PTS-M items had averages of suitability, relevance, and clarity greater than .80. We dropped item 19 from both scales in line with the raters' suggestion because they considered it as having low suitability for measuring the construct ( $M = 7.33$ ;  $SD = 1.15$ ), relevance ( $M = 7.67$ ;  $SD = 1.52$ ) and clarity ( $M = 7.00$ ;  $SD = 1.00$ ). With this, there were 20 items left in each version. As a result of the raters' suggestions, we modified nine items. Also, we reworded the other three items due to the comprehensibility analysis we conducted with the target students.

## Discussion

The development of items, the raters' evaluation, and the wording comprehensibility analysis we conducted in this study showed evidence of the PTS content validity. The results allowed us to improve the quality of the items and better specify their wording to meet the construct's theoretical definition better. This content validity was crucial in the PTS development and filled an important gap in the literature, because most existing transphobia scales are insufficient (Billard, 2018). Another limitation we addressed concerns the items' source, which previous validation studies often fail to specify correctly. However, the first study only addressed the PTS content validity.

## **Study 2: Evidence of Factorial Validity and Internal Consistency**

We analyzed the factor structure and internal consistency of the scales that compose the PTS (PTS-W and PTS-M) from the classical testing theory (factor analysis and internal consistency) and statistics of item response theory (IRT). The analysis in light of IRT provided information on discrimination, difficulty and the items' parameters, producing empirical evidence for items' reduction without losing the estimated measurement parameters' quality.

### **Method**

#### ***Participants***

We defined the sample size using 10 participants per scale item as a minimum criterion (Nunnally, 1978). There were 300 cisgender heterosexual participants between the ages of 18 and 58 ( $M = 25.4$ ;  $SD = 6.72$ ), most of them female (63.7%). Most of the participants declared themselves single (72.7%), and the main religious affiliations were Catholic (32.7%), evangelical (14.0%) and non-religious (31.0%).

#### ***Instruments***

We use two parallel scales: a scale of prejudice against transgender women (PTS-W) and a scale of prejudice against transgender men (PTS-M). Each version was composed of 20 items in Likert format ranging from 1 (completely disagree) to 5 (completely agree).

#### ***Procedures***

Data collection took place online through the Qualtrics data collection platform (<https://www.qualtrics.com/>). The respondents were invited to participate via social networks in university groups. The participation took place after acceptance of terms of consent that presented the objective of the study and guaranteed anonymity of individual answers.

## Data Analysis

We used the IBM SPSS (version 21) and R-Studio (*psych* and *ltm* packages). We performed exploratory factorial analysis (EFA) with the principal-axis factoring method, parallel analysis (Horn, 1965) and estimated Cronbach's alpha and McDonald's omega for internal consistency. In addition, we applied factorial ANOVA to investigate differences between the participants' gender, and the item response theory through the graded Samejima response model (Samejima, 1969) to select the items with better parameters of discrimination and difficulty.

## Results

The results of the EFA showed three eigenvalues above 1.00. The first was 11.75, which explained 58.77% of the total variance, and the other eigenvalues were 1.63 and 1.06, which explained 8.15% and 5.31% of the variance respectively. Since the parallel analysis indicated the first factor to be predominant, we estimated a new EFA and set a single factorial model. Table 1 presents the PTS-W factor loadings, which ranged from -.41 (item 10) to .87 (item 6).

**Table 1**

*Factor loadings and Estimated Parameters of PTS-W items using IRT (Study 2)*

| Items         | EFA       | IRT  |       |       |       |       |                     |
|---------------|-----------|------|-------|-------|-------|-------|---------------------|
|               | $\lambda$ | $a$  | $b_1$ | $b_2$ | $b_3$ | $b_4$ | $I(\theta; -3; +3)$ |
| Item 1        | .58       | 1.54 | -.23  | .72   | 2.34  | 3.19  | 3.00                |
| <b>Item 2</b> | .78       | 3.28 | .06   | .68   | 1.06  | 1.65  | 8.38                |
| Item 3        | .72       | 2.55 | .35   | 1.18  | 2.00  | 2.67  | 6.21                |
| Item 4        | .71       | 2.69 | .51   | 1.31  | 2.14  | 2.47  | 6.36                |
| <b>Item 5</b> | .82       | 3.51 | -.05  | .40   | 1.10  | 1.46  | 9.06                |

|                        |            |       |      |      |      |       |       |
|------------------------|------------|-------|------|------|------|-------|-------|
| <b>Item 6</b>          | <b>.87</b> | 6.30  | .44  | .98  | 1.43 | 1.78  | 20.25 |
| <b>Item 7</b>          | <b>.81</b> | 4.02  | .20  | .79  | 1.25 | 1.60  | 10.71 |
| <b>Item 8</b>          | <b>.86</b> | 5.42  | .39  | 1.01 | 1.47 | 1.82  | 16.68 |
| Item 9                 | .78        | 4.07  | .65  | 1.38 | 2.03 | 2.42  | 11.77 |
| Item 10                | -.41       | -1.19 | 2.59 | 1.97 | 1.12 | -0.74 | 2.08  |
| <b>Item 11</b>         | <b>.82</b> | 4.42  | .47  | 1.28 | 1.91 | 2.35  | 13.75 |
| <b>Item 12</b>         | <b>.83</b> | 3.76  | .29  | .97  | 1.55 | 2.11  | 10.96 |
| Item 13                | .70        | 2.36  | -.06 | 1.00 | 1.63 | 2.13  | 5.70  |
| Item 14                | .71        | 2.13  | -.31 | .49  | 1.40 | 1.79  | 4.88  |
| <b>Item 15</b>         | <b>.74</b> | 2.56  | -.47 | .24  | 0.81 | 1.58  | 6.57  |
| <b>Item 16</b>         | <b>.81</b> | 3.35  | .13  | 1.02 | 1.51 | 2.00  | 9.19  |
| Item 17                | .69        | 2.78  | .81  | 1.88 | 2.54 | 2.74  | 6.05  |
| Item 18                | .63        | 2.71  | 1.06 | 2.21 | 2.68 | 3.03  | 5.33  |
| Item 19                | .74        | 3.12  | .35  | .75  | 1.24 | 1.58  | 6.87  |
| <b>Item 20</b>         | <b>.82</b> | 3.42  | .16  | 0.62 | 1.11 | 1.55  | 8.42  |
| Eigenvalue             | 11.75      |       |      |      |      |       |       |
| Explained Variance (%) | 58.77      |       |      |      |      |       |       |
| Cronbach's Alpha       | .95        |       |      |      |      |       |       |

Note. KMO = .95; Bartlett Sphericity Test [ $\chi^2(190) = 5370.52$ ;  $p < 0.001$ ].  $\lambda$  - factor loadings;  $a$  - Discrimination;  $b_1, b_2, b_3, b_4$  - Thresholds;  $I(\theta; -3; +3)$  - Information area between  $\theta$  -3 and +3. Bolded items: items that were included.

We aimed to reduce the number of PTS-W items to obtain a measure with the best possible quality from the smallest possible number of items, thus respecting the best parsimony practices. The first criterion was to keep the items with the highest factor loadings. For the second criterion, we used the IRT by taking into account the items with more robust discrimination parameter ( $a$ ), with greater amplitude of Theta, corresponding to the difficulty parameter ( $b$ ), and item information (precision). Table 1 presents the results, which caused us to maintain items 2, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 15, 16, and 20 because

they satisfied our criteria. The internal consistency of the final set of 10 items was satisfactory ( $\alpha = .949$ ;  $\omega = 0.952$ ).

The results of the PTS-M showed two eigenvalues higher than 1.00. The first was 12.38, which explained 61.93% of the total variance, and the second was 1.51, which explained 7.59%. We then estimated a new EFA using a unifactorial model, indicated by parallel analysis. The PTS -M factor loadings, shown in Table 2, ranged from -.32 (item 10) to .88 (item 6). We selected the same 10 items from the previous scale: 2, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 15, 16, and 20 to obtain a parallel measure. Internal consistency was satisfactory ( $\alpha = .956$ ;  $\omega = 0.961$ ). The correlation between the total scores of PTS-W and PTS -M was high and significant ( $r = .94$ ;  $p < .001$ ).

**Table 2**

*Factor loadings and Estimated Parameters of PTS-M items using IRT (Study 2)*

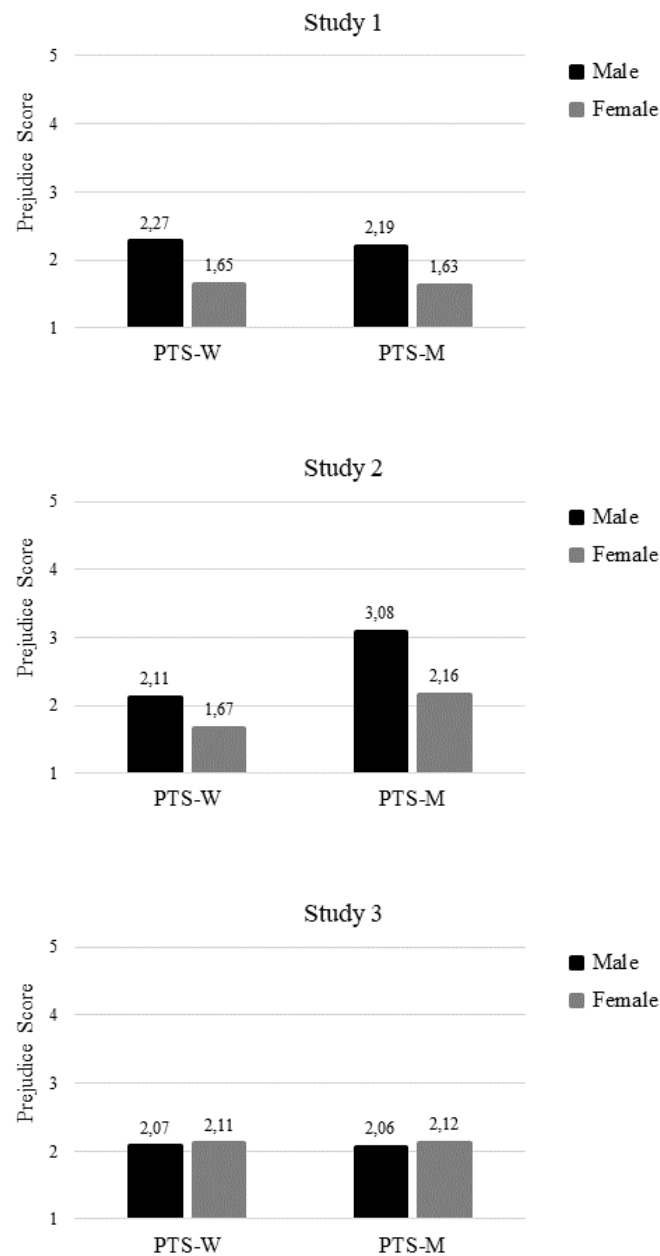
| Items          | EFA       | IRT   |       |       |       |       |                     |
|----------------|-----------|-------|-------|-------|-------|-------|---------------------|
|                | $\lambda$ | $A$   | $b_1$ | $b_2$ | $b_3$ | $b_4$ | $I(\theta; -3; +3)$ |
| Item 1         | .65       | 1.88  | -.16  | 0.76  | 1.84  | 2.49  | 4.19                |
| <b>Item 2</b>  | .81       | 3.64  | .18   | 0.77  | 1.08  | 1.73  | 9.61                |
| Item 3         | .80       | 3.59  | .35   | 1.12  | 1.66  | 2.34  | 10.44               |
| Item 4         | .80       | 3.65  | .39   | 1.16  | 1.81  | 2.22  | 10.31               |
| <b>Item 5</b>  | .83       | 3.57  | .02   | 0.49  | 1.00  | 1.50  | 9.26                |
| <b>Item 6</b>  | .88       | 5.75  | .41   | 0.98  | 1.43  | 2.08  | 19.41               |
| <b>Item 7</b>  | .83       | 4.34  | .26   | 0.91  | 1.27  | 1.67  | 11.93               |
| <b>Item 8</b>  | .86       | 5.88  | .45   | 1.19  | 1.53  | 2.60  | 19.93               |
| Item 9         | .77       | 3.53  | .63   | 1.46  | 2.27  | 2.83  | 9.69                |
| Item 10        | -.32      | -0.97 | 2.74  | 2.12  | 1.09  | -0.93 | 1.50                |
| <b>Item 11</b> | .86       | 6.01  | .48   | 1.25  | 1.76  | 2.06  | 19.51               |
| <b>Item 12</b> | .85       | 5.13  | .48   | 1.08  | 1.42  | 2.11  | 16.17               |

|                        |       |      |      |      |      |      |      |
|------------------------|-------|------|------|------|------|------|------|
| Item 13                | .75   | 2.56 | .07  | 0.95 | 1.62 | 2.10 | 6.32 |
| Item 14                | .72   | 2.17 | -.03 | 0.61 | 1.40 | 1.80 | 4.71 |
| <b>Item 15</b>         | .74   | 2.36 | -.43 | 0.27 | 0.80 | 1.76 | 5.93 |
| <b>Item 16</b>         | .81   | 3.44 | 0.19 | 1.08 | 1.45 | 1.89 | 9.09 |
| Item 17                | .74   | 3.24 | .72  | 1.74 | 2.26 | 2.90 | 8.14 |
| Item 18                | .63   | 2.50 | 1.02 | 2.19 | 2.78 | 3.13 | 4.73 |
| Item 19                | .75   | 3.13 | .30  | 0.75 | 1.24 | 1.65 | 7.22 |
| <b>Item 20</b>         | .83   | 3.72 | .16  | 0.63 | 1.07 | 1.53 | 9.47 |
| Eigenvalue             | 12.38 |      |      |      |      |      |      |
| Explained variance (%) | 61.93 |      |      |      |      |      |      |
| Cronbach's Alpha       | .95   |      |      |      |      |      |      |

Note. KMO = 0.95; Bartlett Sphericity Test [ $\chi^2(190) = 5758.95$ ;  $p < .001$ ].  $\lambda$  - factor loadings;  $a$  - Discrimination;  $b_1, b_2, b_3, b_4$  - Thresholds;  $I(\theta; -3; +3)$  - Information area between  $\theta$  -3 and +3. Bolded items: items that were included.

We computed a factorial ANOVA to examine the mean scores of each scale. The results indicated that the PTS-W was significantly higher than PTS-M [ $F(1, 295) = 16.15$ ;  $p < 0.001$ ,  $\eta_p^2 = 0.052$ ]. We found a marginally significant interaction between the scale versions (PTS-W vs. PTS-M) and the participants' gender [ $F(1, 295) = 3.52$ ;  $p = 0.061$ ;  $\eta_p^2 = 0.012$ ]. Breaking down this interaction (see Figure 1), the male participants showed more prejudice against trans women than against trans men ( $b = 0.07$ ;  $SE = 0.021$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.07$ ), which we did not find in female participants ( $b = 0.02$ ;  $SE = 0.016$ ;  $p = 0.070$ ;  $d = 0.02$ ). In addition, men were more prejudiced than women both in the PTS-W ( $b = 0.61$ ;  $SE = 0.11$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.65$ ) and PTS-M ( $b = 0.56$ ;  $SE = 0.11$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.58$ ).

**Figure 1.** Comparison between the scale version as a function of the participants' gender



## Discussion

The results obtained for the two scale items measure a unifactorial structure of prejudice against transgender individuals. The results also indicated that the selected ten items measured this construct with robust internal consistency both of prejudice against transgender men (PTS-M) and women (PTS-W). However, because the current study was

exploratory, it was necessary to further replicate the findings in an independent sample and address the invariance of the proposed unifactorial structure. In Study 2, we addressed these aspects.

### **Study 3: Confirmatory Analysis of PTS**

In this study, we intended to obtain complementary evidence of the validity of the PTS-W and PTS-M by estimating parameters using confirmatory factor analysis. We also analyzed the configurational, metric and scalar equivalence by gender and age groups, and evaluated the internal consistency of each scale. Our primary hypothesis was that each scale measures a unifactorial latent variable, which we call prejudice against transgender men and prejudice against transgender women. We predicted that the PTS would show configurational, metric and scalar invariance between participants' gender and age groups.

#### **Method**

##### ***Participants***

We determined the sample size in advance, using 10 participants per scale item as a minimum criterion (Nunnally, 1978). There were 237 cisgender heterosexual participants between the ages of 18 and 70 ( $M = 27.9$ ;  $SD = 9.43$ ), most of whom were female (65.4%). Most participants reported being single (63.3%), and the main religious affiliations were Catholic (29.5%), Protestant (13.1%), and nonreligious (33.8%).

##### ***Instruments***

We applied the two parallel scales: the scale of prejudice against transgender women (PTS-W) and the scale of prejudice against transgender men (PTS-M). In line with the results of Study 1, each version was composed of 10 items in Likert format ranging from 1 (completely disagree) to 5 (completely agree).

### ***Procedures and Data Analysis***

We followed the same procedures as described in Study 1. We analyzed the data with the IBM SPSS (version 21) and R Studio (Lavaan package; Rosseel et al., 2017). We addressed the measurement model by estimating several confirmatory factor analyses (CFA) of both the PTS-W and PTS-M.

We estimated the parameters using the matrix of variances-covariances between variables as input and the maximum likelihood (ML) method of estimation. We used the following criteria for goodness-of-fit: Chi-square ( $\chi^2$ ) with degrees of freedom (df); comparative fit index (CFI) and Tucker-Lewis Index (TLI), with values above .95 as indicative of good fit; root-mean-square error of approximation (RMSEA) with coefficients below .05 as excellent, and below .10 as good fit (Garson, 2012); and standardized root mean square residual (SRMR), whose values lower than .10 indicate good fit (Byrne, 2013; Kline, 2015).

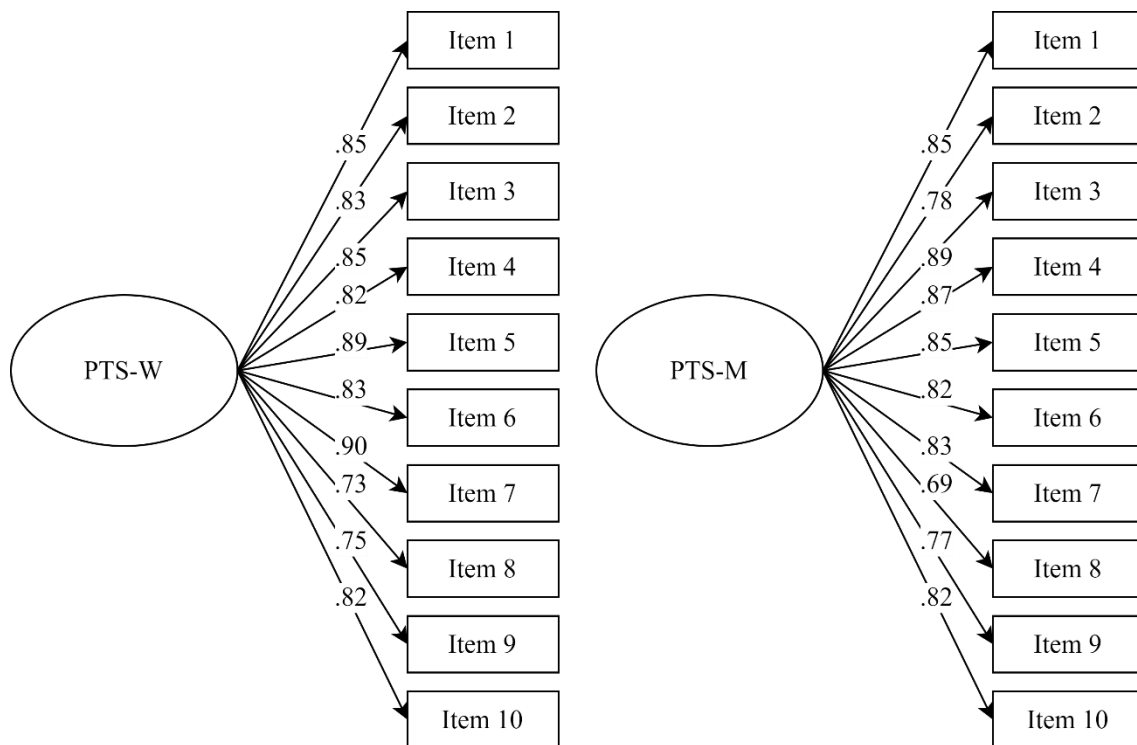
We also conducted multigroup analyses to test whether the configural, metric, and scalar values of the scales were invariant across gender and age groups. Configural invariance indicated whether the factor structure was identical between groups. Metric invariance (i.e., equivalence of item factor loadings) means that the loading of each item is the same between groups. Scalar invariance (i.e., the equality of item intercepts) means that the intercepts of the items are similar between groups (Putnick & Bornstein, 2016). Measurement invariance was tested using the CFI difference test. The decrease in CFI indices ( $\Delta\text{CFI} > .01$ ) when parameters are adjusted means that measurement invariance cannot be accepted (Cheung & Rensvold, 2002). We also computed some descriptive statistics, estimated the internal consistency, and Pearson's correlation, and performed factorial ANOVA to explore mean differences between participants' gender.

## Results

### Factorial Validity

The results of the CFA presented the following goodness-of-fit metrics of the PTS-W measurement model:  $\chi^2 = 173.37$ ,  $df = 35$ ; CFI = .93; TLI = .92; RMSEA = .12 (CI90% = .11; .14); and SRMR = .039. These results showed that all indicators are satisfactory based on the described criteria, except for the RMSEA. In addition (see Figure 2), the factor loadings (Lambdas -  $\lambda$ ) were statistically different from zero ( $p < .001$ ) with very strong values, varying between .73 (item 8) and .90 (item 7).

**Figure 2.** Standardized factor loadings ( $\lambda$ ) of PTS-W and PTS-M items (Study 3)



For PTS-M, the results showed the following goodness-of-fit indices:  $\chi^2 = 131.95$ ,  $df = 35$ ; CFI = .95; TLI = .94; RMSEA = .10 (CI90% = .08; .12); and SRMR = .034. Thus, only the RMSEA exceeded the cutoff point. The factor loadings (Lambdas -  $\lambda$ ) were statistically different from zero ( $p < .001$ ) with acceptable values, ranging from .69 (item 8) to .83 (item 3).

### ***Internal Consistency***

The internal consistency of the PTS-W was .954 ( $\alpha_{\text{Men}} = .964$ ;  $\alpha_{\text{Women}} = .941$ ) and of the PTS-M was .952 ( $\alpha_{\text{Men}} = .964$ ;  $\alpha_{\text{Women}} = .934$ ). The general alpha of the EAPT was .966 and Pearson's correlation between the scales was strong and significant ( $r = .95$ ;  $p < .001$ ). The average score of the PTS-W was 1.82 ( $SD = .90$ ) and of the PTS-M was 2.48 ( $SD = 1.85$ ), indicating more prejudice against of transgender men ( $t(236) = -9.66$ ;  $p < .001$ ).

### ***Model Invariance***

To evaluate the measures' invariance, we performed multi-group analyses, considering the gender (male and female) and age separated by the median (below 26 years and above or equal to 26 years). The results are presented in Table 3 and indicated that both PTS-W and PTS-M have configurational, metric and scalar invariance concerning the gender and age of the participants.

**Table 3**

*Goodness-of-fit indexes of different model invariances (Study 3)*

| PTS-W           | $\chi^2$ | df | CFI  | RMSEA | $\Delta\chi^2$ | $\Delta\text{CFI}$ |
|-----------------|----------|----|------|-------|----------------|--------------------|
| <b>Sex</b>      |          |    |      |       |                |                    |
| Unconstrained   | 240,17   | 70 | .925 | .102  |                |                    |
| Male            | 84.55    | 35 | .945 | .132  |                |                    |
| Female          | 145.67   | 35 | .912 | .142  |                |                    |
| Metric          | 252.15   | 79 | .923 | .009  | 11.97          | 0.002              |
| Scalar          | 260,00   | 89 | .924 | .009  | 19.82          | 0.001              |
| <b>Age</b>      |          |    |      |       |                |                    |
| Unconstrained   | 238.49   | 70 | .927 | .101  |                |                    |
| < 26 years      | 126.15   | 35 | .928 | .137  |                |                    |
| $\geq 26$ years | 112.29   | 35 | .926 | .151  |                |                    |

|                 |          |    |      |       |                 |              |
|-----------------|----------|----|------|-------|-----------------|--------------|
| Metric          | 269.21   | 79 | .918 | .101  | 30.71           | .009         |
| Scalar          | 275.72   | 89 | .919 | .009  | 37.22           | .008         |
| PTS-M           | $\chi^2$ | df | CFI  | RMSEA | $\Delta \chi^2$ | $\Delta CFI$ |
| <b>Sex</b>      |          |    |      |       |                 |              |
| Not constrained | 241.28   | 70 | .922 | .102  |                 |              |
| Male            | 126.43   | 35 | .896 | .18   |                 |              |
| Female          | 114.60   | 35 | .939 | .12   |                 |              |
| Metric          | 252.21   | 79 | .921 | .097  | 10.92           | .001         |
| Scalar          | 260.95   | 89 | .921 | .091  | 19.66           | .001         |
| <b>Age</b>      |          |    |      |       |                 |              |
| Not constrained | 280.16   | 70 | .906 | .113  |                 |              |
| < 26 years      | 132.49   | 35 | .924 | .142  |                 |              |
| $\geq 26$ years | 147.57   | 35 | .882 | .182  |                 |              |
| Metric          | 293.35   | 79 | .904 | .107  | 13.18           | .002         |
| Scalar          | 295.79   | 89 | .907 | .090  | 15.62           | .001         |

### ***Gender Differences***

The factorial ANOVA results indicated that the mean scores of the PTS-M was significantly higher than that of the PTS-W [ $F(1, 235) = 109.78$ ;  $p < 0.001$ ,  $\eta_p^2 = 0.318$ ]. Also, we found a significant interaction between the scale versions (PTS-M vs. PTS-W) and the participants' gender [ $F(1, 235) = 12.00$ ;  $p = 0.001$ ;  $\eta_p^2 = 0.049$ ]. Breaking down this interaction (see Figure 1), the prejudice against trans men was stronger than the prejudice against trans women in male ( $b = 0.96$ ;  $SE = 0.11$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.57$ ) and female participants ( $b = 0.46$ ;  $SE = 0.082$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.39$ ). Besides this, male participants were more prejudiced than women both in the PTS-W ( $b = 0.43$ ;  $SE = 0.12$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.48$ ) and PTS-M ( $b = 0.91$ ;  $SE = 0.24$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.48$ ). The interaction effect indicated that prejudice against trans men was greater than against trans women.

## **Discussion**

This study revealed additional empirical evidence of factorial validity and internal consistency of the PTS-W and PTS-M measures. The confirmatory factor analyses showed the unifactorial model fitted the data well. Both scale versions were equally valid and consistent for both men and women and people of different ages. One of the main qualities of the PTS shown in this study is its configurational, metric and scalar equivalence between gender and age groups. All told, this study's results showed that the proposed measure is valid and valuable for measuring attitudes towards transgender individuals.

### **Study 4: Convergent-Discriminatory Validity of PTS**

The previous studies presented evidence of the PTS's content and factorial validity and its strong reliability according to its internal consistency. The current study went further, proposing to demonstrate evidence of convergent and discriminatory validity of the instruments. We predicted this scale would correlate with other scales that purportedly assess similar constructs (i.e., convergent validity) and low association with a scale that measures different constructs (i.e., discriminant validity). For this reason, we analyzed whether the two scales of the PTS converge with an already validated measure of prejudice against sexual and gender diversity, while differing from a scale measuring distinct constructs, such as personality factors.

## **Method**

### ***Participants***

We used Webpower (Zhang & Yuan, 2018) to estimate the minimum sample size required by considering an effect size from moderate to low (i.e.,  $r = .25$ ) with power = .80 and  $p < .05$ . The specification of these parameters indicated that at least 122 participants were required. Thus, we had a sample of 148 university students between the

ages of 18 and 55 ( $M = 25.7$ ;  $SD = 7.46$ ), most of whom were women (66.2%). Most participants reported being single (75.7%), and the main religious affiliations were Catholic (48.6%), Protestant (22.3%), and non-religious (14.9%).

### ***Instruments***

We applied the PTS in its two scales: prejudice against transgender women (PTS-W); prejudice against transgender men (PTS-M). Each version was composed of 10 items ( $\alpha = .95$ ) with the Likert response scale ranging from 1 (completely disagree) to 5 (completely agree).

For convergent validity purposes, we applied the prejudice scale against sexual and gender diversity (EPDSG) developed by Costa et al. (2015). This scale consists of 16 items that evaluate two measures: prejudice against sexual orientation; and prejudice against gender non-conformity and transsexuality. Regarding factor validity, they presented a single-factor structure explaining 58.13% of the total variance, and the general internal consistency was .94.

For purposes of discriminant validity, we applied the Ten-Item Personality Inventory (TIPI) developed by Gosling, Rentfrow and Swann (2003), using the version for the Brazilian context by Pimentel et al. (2014). This scale showed adequate test-retest reliability, ranging from .62 to .77 to measure five factors using only ten items: extroversion (extroverted, enthusiastic); agreeable (generous, cooperative); conscientiousness (responsible, self-disciplined); emotional stability (calm, self-confident); and openness to experiences (curious, creative). The response scale varies from 1 = strongly disagree to 7 = strongly agree.

### ***Procedures and Data Analysis***

We applied the instruments collectively in a classroom but ensured the individuality of the answers. We informed individuals about the study's objective, the

voluntary nature of participation, guarantee of anonymity of the answers and respect for the ethical guidelines that govern the research with human beings. We used descriptive statistics for sample characterization and Pearson's correlation analysis for estimation of convergent-discriminant validity.

## Results

### *Convergent-discriminant validity*

To test the convergent-discriminant validity hypotheses of the PTS, we analyzed the matrix of correlations presented in Table 5. The results showed strong evidence of both PTS scales' convergent validity with the prejudice measured by the EPDSG, since the correlations obtained were very high. The findings also indicated discriminating validity because the scales of the PTS were not related to most personality factors, the exceptions being two low and negative correlations with the factor openness to experience.

**Table 4**

*Correlations between the study's variables (Study 3)*

| Dimensions                | 1 | 2     | 3     | 4    | 5      | 6    | 7     | 8     |
|---------------------------|---|-------|-------|------|--------|------|-------|-------|
| 1. PTS-W                  | 1 | .97** | .89** | -.05 | -.22** | .12  | .08   | -.12  |
| 2. PTS-M                  |   | 1     | .91** | -.04 | -.20*  | .13  | .05   | -.09  |
| 3. EPDSG                  |   |       | 1     | -.03 | -.29** | .15  | .04   | -.06  |
| 4. Agreeable              |   |       |       | 1    | .18*   | .18* | -.01  | .01   |
| 5. Openness to experience |   |       |       |      | 1      | -.05 | -.09  | .27** |
| 6. Emotional Stability    |   |       |       |      |        | 1    | .25** | -.10  |
| 7. Conscientiousness      |   |       |       |      |        |      | 1     | .03   |
| 8. Extroversion           |   |       |       |      |        |      |       | 1     |

*Note.* prejudice scale against Transgender Women (PTS-W); prejudice scale against Transgender Men (PTS-M); prejudice scale against Sexual and Gender Diversity (EPDSG); \*  $p < .01$  (bidirectional test); \*\*  $p < .001$  (bidirectional test).

### ***Gender Differences***

The factorial ANOVA revealed no significant difference between the means of PTS-W and PTS-M or a reliable interaction effect between the scale versions (PTS -M vs. PTS -W) and the gender of the participants (see Figure 1).

### **Discussion**

The results revealed that both the PTS-W and PTS-M are strongly correlated with the measure of prejudice against sexual and gender diversity (EPDSG). On the other hand, they had very low or non-significant correlations with a distinct construct. In other words, this result reinforced that prejudice against transgender is different from personality traits. Thus, the pattern of correlations found supported our hypothesis that both PTS scales have convergent-discriminant validity. Addressing these validity types is essential because they offer additional evidence of the construct validity.

### **General Discussion**

Through the three studies, we developed and obtained evidence of the validity of a scale of prejudice against transgender. In Study 1, we selected 40 items to form the PTS using as a source other scale of prejudice against sexual minorities and a comprehensive review of the literature on transphobia. After, we applied traditional testing theory and item response theory in an exploratory analysis of 20 items from each scale. The results allowed us to select only highly qualified items, resulting in a parsimonious unifactorial structure. The PTS consisted of 20 items in two identical versions, with 10 items in the PTS-W and 10 in the PTS-M, with varying difficulty levels, factor loadings above 0.40 and high internal consistency. Study 2 confirmed the PTS's unifactorial structure and showed its configurational, metric and scalar invariance between age and gender groups. Finally, Study 3 demonstrated the convergent-discriminant validity of the PTS through

its correlation with a measure of negative attitudes towards sexual diversity and its low association with personality factors.

This research program's synthesis shows strong evidence of the construct validity of the PTS to assess prejudiced attitudes against transgender men (PTS-M) and women (PTS-W). The PTS thus fills a gap in the study of transphobia by providing a valid and precise measurement method to evaluate separately negative attitudes towards transgender men and women. Morrison et al. (2017) and Worthen (2013) highlighted that prejudice against transgender men and women, as opposed to different identities under the umbrella of transgender, should be regarded as distinct rather than uniform in all categories of identity.

### **Implications for the Study of Transphobia**

The current research helps fill some gaps in measuring attitudes towards transgender people. First, with the PTS it is possible to study differences in the prejudice against trans men and women, which was not possible with previous instruments (Worthen, 2013). Second, the PTS overcomes some limitations of existing scales by showing factor validity, internal consistency, and other minor methodological and psychometric properties (Billard, 2018b), as well as content and convergent-discriminant validity.

Third, the PTS has methodological qualities similar to those presented by the ATTMW (Billard, 2018a). However, the ATTM and ATTW sub-scales are not identical, so they are not suitable to directly compare individuals' attitudes towards trans men and women. Furthermore, the content of the measures differs. Whereas the ATTMW features items with little variety of content and eliciting subtle negative attitudes (e.g. Transgender men will never really be men and Transgender men are unnatural), the PTS is a measure of explicit prejudice and discrimination between the items. Hence, PTS fills this gap, as

a valid, precise and usable measurement instrument for comparisons between prejudice against these two subgroups.

### **Limitations and Future Directions**

Although the PTS is an excellent way to measure prejudice against transgender men and women, the studies we conducted have some limitations. First, the samples we used were not representative of the general population, as participants were primarily college students. Second, our sample was not probabilistic and consisted only of individuals interested in non-random participation. In addition, all studies included only cisgender heterosexuals, and women in particular were overrepresented. Therefore, the results cannot be generalized to the population as a whole. Finally, it is important to analyze the extent to which PTS addresses experimental manipulations of cultural biases against transgender people, aspects that were not analyzed in this research program. In addition, test-retest reliability studies should be conducted. Nonetheless, the PTS can be used productively in both correlational and experimental studies that address the causes of prejudice against transgender men and women. For example, PTS can be used to examine how attitudes toward trans men and trans women differ from each other and from other gender and sexual minorities, and what factors underlie these differences, as measures of attitudes toward transgender persons have not previously made such an analysis possible.

Despite these limitations, the results of the studies presented here allow us to offer a psychometrically adequate and easy to apply scale, which can be used in multiple social research contexts to understand attitudes specifically towards binary transgender individuals. This is of fundamental importance, given the complex nature of this issue. In the long run, the PTS can be helpful in public policymaking, where it is important to provide information about the level of prejudice against a particular group. The PTS is

also valuable for applied studies aiming to change attitudes, prevent discrimination, and improve health resources and employability, for example, by overcoming negative attitudes towards transgender men and women.

### References

- Aiken, L. R. (1980). Content validity and reliability of single items or questionnaires. *Educational and Psychological Measurement*, 40(4), 955–959.  
<https://doi.org/10.1177/001316448004000419>
- Aiken, L. R. (1985). Three coefficients for analyzing the reliability, and validity of ratings. *Educational and Psychological Measurement*, 45(1), 131–142.  
<https://doi.org/10.1177/0013164485451012>
- American Psychological Association (2011). *Answers to your questions about transgender people, gender identity, and gender expression*.  
<https://www.apa.org/topics/lgbt/transgender.pdf>
- Anderson, V. N. (2018). Cisgender men and trans prejudice: Relationships with sexual orientation and gender self-esteem. *Psychology of Men & Masculinity*, 19(3), 373–384. <https://doi.org/10.1037/men0000125>
- Billard, T. J. (2018a). Attitudes Toward Transgender Men and Women: Development and Validation of a New Measure. *Frontiers in Psychology*, 9(387), 1-11.  
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.00387>
- Billard, T. J. (2018b). The Crisis in Content Validity Among Existing Measures of Transphobia. *Archives of Sexual Behavior*, 47(5), 1305–1306.  
<https://doi.org/10.1007/s10508-018-1191-x>
- Bornstein, K. (2013). *My new gender workbook: A step-by step guide to achieving world peace through gender anarchy and sex positivity*. New York, NY:Routledge.

- Byrne, B. M. (2013). *Structural equation modeling with Mplus: Basic concepts, applications, and programming*. New York: Routledge.
- Case, K. A., & Stewart, B. (2013). Intervention Effectiveness in Reducing Prejudice Against Transsexuals. *Journal of LGBT Youth*, 10(1-2), 140–158.  
<https://doi.org/10.1080/19361653.2012.718549>
- Cheung, G. W., & Rensvold, R. B. (2002). Evaluating Goodness-of-Fit Indexes for Testing Measurement Invariance. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 9(2), 233–255.  
[https://doi.org/10.1207/s15328007sem0902\\_5](https://doi.org/10.1207/s15328007sem0902_5)
- Costa, A. B., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 163-172. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200002>
- Davidson, M. R. (2014). *Development and validation of the transgender prejudice scale*. Masters Thesis. Western Washington University.  
<https://cedar.wwu.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://scholar.google.com.br/&httpsredir=1&article=1383&context=wwuet>
- DeVellis, R. F. (2016). *Scale development: Theory and applications* (4nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Garson, G. D. (2012). *Structural Equation Modeling*. Asheboro, NC: Statistical.
- Gosling, S. D., Rentfrow, P. J., & Swann, W. B. (2003). A very brief measure of the Big-Five personality domains. *Journal of Research in Personality*, 37(6), 504-528.  
[https://doi.org/10.1016/S0092-6566\(03\)00046-1](https://doi.org/10.1016/S0092-6566(03)00046-1)

- Hill, D. B., & Willoughby, B. L. B. (2005). The development and validation of the Genderism and Transphobia Scale. *Sex Roles*, 53(7-8), 531–544.  
<https://doi.org/10.1007/s11199-005-7140-x>
- Horn, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(1), 179-185.  
<https://doi.org/10.1007/BF02289447>
- Lai, K., & Green, S. B. (2016). The Problem with Having Two Watches: Assessment of Fit When RMSEA and CFI Disagree. *Multivariate Behavioral Research*, 51(2-3), 220–239. <https://doi.org/10.1080/00273171.2015.1134306>
- Kanamori, Y., Cornelius-White, J. H. D., Pegors, T. K. et al. (2017). Development and Validation of the Transgender Attitudes and Beliefs Scale. *Archives of Sexual Behavior*, 46(5), 1503-1505. <https://doi.org/10.1007/s10508-016-0840-1>
- Kline, R. B. (2015). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: Guilford publications.
- Moreira, S. N. et al. (2020). Atenção à saúde de homens e mulheres transexuais brasileiras: uma evidência de pesquisa. *Saúde Coletiva (Barueri)*, 10(57), 3491-3506. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2020v10i57p3491-3506>
- Morrison, M. A., & Morrison, T. G. (2003). Development and Validation of a Scale Measuring Modern Prejudice Toward Gay Men and Lesbian Women. *Journal of Homosexuality*, 43(2), 15-37. [https://doi.org/10.1300/J082v43n02\\_02](https://doi.org/10.1300/J082v43n02_02)
- Morrison, T. G. (2017). Systematic review of the psychometric properties of transphobia scales. *International Journal of Transgenderism*, 18(4), 395–410.  
<https://doi.org/10.1080/15532739.2017.1332535>
- Morrison, M. A., Bishop, C. J., & Morrison, T. G. (2018). What is the Best Measure of Discrimination against Trans People?: A Systematic Review of the Psychometric

Literature. *Psychology & Sexuality*, 9(3), 269-287.

<https://doi.org/10.1080/19419899.2018.1484798>

Nagoshi, J. L., Adams, K. A., Terrell, H. K., Hill, E. D., Brzuzy, S., & Nagoshi, C. T.

(2008). Gender differences in correlates of homophobia and transphobia. *Sex Roles: A Journal of Research*, 59(7-8), 521-531. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9458-7>

Nunnally, J. (1978). *Psychometric Theory* (2nd Ed.). New York: McGraw-Hill.

Páez, J., Hevia, G., Pesci, F., & Rabbia, H.H. (2015). Construcción y validación de una escala de actitudes negativas hacia personas trans. *Journal of Psychology*, 33(1), 153-190. [http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0254-92472015000100006&lng=es&nrm=iso&tlng=es](http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-92472015000100006&lng=es&nrm=iso&tlng=es)

Pasquali, L. & Alves, A. (2010). Testes Referentes a Conteúdo: Medidas Educacionais e de Competências. In Luiz Pasquali. (Ed.), *Instrumentação Psicológica: fundamentos e práticas* (pp. 199-241). Porto Alegre: Artmed.

Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western Europe. *European Journal of Social Psychology*, 25(1), 57–75. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>

Pimentel, C. E., Ferreira, D. C. S., Vargas, M. M., Maynard, V. A. P., & Mendonça, D. C. (2014). Preferência por estilos de filmes e suas diferenças nos cinco fatores de personalidade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 9(2), 233-244. [http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista\\_ppp/article/view/931](http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/931)

Putnick, D. L., & Bornstein, M. H. (2016). Measurement invariance conventions and reporting: The state of the art and future directions for psychological research. *Developmental Review*, 41, 71–90. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2016.06.004>

- Riggs, D. W., & Bartholomaeus, C. (2016). Australian mental health nurses and transgender clients: attitudes and knowledge. *Journal of Research in Nursing*, 21(3), 212–222. <https://doi.org/10.1177/1744987115624483>
- Rosseel, Y. et al. (2017). *Package 'lavaan'*. <https://cran.r-project.org/web/packages/lavaan/lavaan.pdf>
- Samejima, F. (1969). Estimation of latent ability using a response pattern of graded scores. *Psychometrika*, 35(1), 139-139. <https://doi.org/10.1002/j.2333-8504.1968.tb00153.x>
- Sevelius, J., Murray, L. R., Martinez Fernandes, N., Veras, M. A., Grinsztejn, B., & Lippman, S. A. (2018). Optimising HIV programming for transgender women in Brazil. *Culture, Health & Sexuality*, 21(5), 1–15. <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1496277>
- Tebbe, E. A., Moradi, B., & Ege, E. (2014). Revised and abbreviated forms of the Genderism and Transphobia Scale: Tools for assessing anti-trans\* prejudice. *Journal of Counseling Psychology*, 61(4), 581-592. <https://doi.org/10.1037/cou0000043>
- Transgender Europe. (2016). *30th March 2016: Trans day of visibility press release*. [https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/03/TvT\\_TMM\\_TDoV2016\\_PR\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/03/TvT_TMM_TDoV2016_PR_EN.pdf)
- Transgender Europe. (2018). *2982 reported murders of trans and gender-diverse people between 1 January 2008 and 30 September 2018*. [https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT\\_TMM\\_TDoR2018\\_Tables\\_EN.pdf](https://transrespect.org/wp-content/uploads/2018/11/TvT_TMM_TDoR2018_Tables_EN.pdf)
- Walch, S. E., Ngamake, S. T., Francisco, J., Stitt, R. L., & Shingler, K. A. (2012). The Attitudes Toward Transgendered Individuals Scale: Psychometric Properties.

*Archives of Sexual Behavior*, 41(5), 1283–1291. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9995-6>

Weiner, B. A., & Zinner, L. (2015). Attitudes Toward Straight, Gay Male, and Transsexual Parenting. *Journal of Homosexuality*, 62(3), 327-339. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.972800>

Winter, S. et al. (2009). Transpeople, Transprejudice and Pathologization: A Seven-Country Factor Analytic Study. *International Journal of Sexual Health*, 21(2), 96–118. <https://doi.org/10.1080/19317610902922537>

Worthen, M. G. F. (2013). An Argument for Separate Analyses of Attitudes Toward Lesbian, Gay, Bisexual Men, Bisexual Women, MtF and FtM Transgender Individuals. *Sex Roles*, 68(11), 703–723. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0155-1>

Zhang, Z., & Yuan, K.-H. (2018). *Practical Statistical Power Analysis Using Webpower and R* (Eds). Granger, IN: ISDSA Press.

**CAPÍTULO II**  
**O VALOR SOCIAL DE UMA PESSOA DEPENDE DE SUA ORIENTAÇÃO**  
**SEXUAL E IDENTIDADE DE GÊNERO**

Este capítulo é baseado em:

Lima, K. S., & Pereira, C. R. (2022). People's social value depends on their sexual orientation and gender identity. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 39, 1-12.  
<https://doi.org/10.1590/1982-0275202239e200086>

## **People's Social Value Depends on Their Sexual Orientation and Gender Identity**

### **Abstract**

The present study aimed to investigate discrimination against transsexuals. A experimental study was carried out that consisted in the presentation of a fictitious news about photos of a person that were leaked according to the victim's gender assigned at birth (male vs. female), their sexual orientation and gender identity (heterosexual vs. homosexual vs. transsexual), resulting in six experimental conditions. The measure of discrimination used was the allocation of the indemnification amount. The study included 300 cisgender heterosexual participants of both genders, randomly allocated in one of the six experimental conditions. The results enhanced the evidence that people tend to value their own group and discriminate against transsexual people. Variations were found regarding the target gender and the discriminator's gender. The findings were discussed based on the Social Identity Theory and the threat to distinctiveness.

*Keywords:* experimental psychology; social discrimination; transgender persons.

### **Resumo**

O presente estudo objetivou investigar a discriminação de transexuais. Realizou-se um experimento que consistiu na apresentação de uma notícia fictícia acerca de vazamento de fotos de uma pessoa que variava de acordo com o sexo da vítima designado no nascimento (masculino vs. feminino), sua orientação sexual e identidade de gênero (heterossexual vs. homossexual vs. transexual), resultando em seis condições experimentais. A medida de discriminação usada foi a atribuição do valor de indenização. O estudo contou com 300 participantes heterossexuais cisgêneros de ambos os sexos, alocados aleatoriamente em uma das seis condições. Os resultados reforçaram as evidências de que as pessoas tendem a valorizar o próprio grupo e discriminar pessoas transexuais. Foram encontradas variações do sexo do alvo e do sexo de quem discrimina. Os achados foram discutidos com base na Teoria da Identidade Social e na ameaça à distintividade.

*Palavras-chave:* discriminação social; pessoas transgênero; psicologia experimental.

## **Introduction**

Data from different reports on the situation of transgender people show a dramatic reality. All over the world, they are frequently victims of prejudice, discrimination, cruel aggression and murder. This is because they are transsexuals. For example, Brazil is considered to be at the top of transgender people homicides' ranking in the world. According to the NGO Transgender Europe (TGEu, 2016), in no other country are there so many cases of homicides of transgender people. Brazil recorded, in absolute numbers, more than three times the number of murders of the second ranked nation, Mexico. Since the first year in which Brazil was included in the world statistics, there was a 114% transgender people murder increase recorded in the country, not considering the underreported cases. In 2019, trans people who identify with the female gender represented 97% of cases. Most of the murders took place on the streets. The State of São Paulo accounted for more cases of murders, with an increase of 50% in relation to 2018. Next are the States of Ceará, Bahia, Pernambuco and Rio de Janeiro, which accounted for the highest crime rates against the trans population (Benevides & Nogueira, 2020). In addition, constant exposure to discrimination and violence leads to adverse impacts on the mental health of trans victims, such as depression or anxiety (McCullough et al., 2019) and suicide risk (Tebbe & Moradi, 2016). Thus, the consequences of transphobia are growing and cover both the physical health and the preservation of lives, as well as the mental health of transgender individuals.

These data indicate that transphobia is normative in Brazil, where people's social value varies greatly depending on their sexual orientation and gender identity. The evidence is that people with less perceived social value are unwanted and, successively, targets of actions of social exclusion. Unlike the gender category designated at birth, the gender identity experienced by any individual can be: cisgender or transgender. The

cisgender identity seems to be the predominant profile of the gender experience and, thus, characterizes a majority group (Tate et al., 2013). On the other hand, transgender (or trans) is an umbrella term used to describe people whose gender identity, gender expression or behavior differ from that associated with the gender to which they were designated at birth (APA, 2011). Under this “umbrella” are transvestites, transsexual women, transsexual men, or non-binary gender people. This diversity of gender categories can be considered ambiguous due to the perceived movement to depart from gender norms and, therefore, can cause discomfort in some people (Adams et al., 2016). The question arises whether the same discomfort that occurs with trans people also materializes with other groups of sexual minorities.

Although included in the same acronym LGBT (lesbian, gay, bisexual and transgender), some investigators pointed out that attitudes towards trans individuals, as well as their discriminatory experiences, differ from those associated with lesbians and gays (Worthen, 2013). Transgender individuals, compared to lesbians and gays, also cross gender boundaries, but in a different way, much more aligned with gender identity than with sexual orientation. Thus, conflicting attitudes about the experiences of transgender people with that of LGB people can obscure the similarities and differences in the psychological predictors of attitudes and discrimination against these distinct minority groups, although they may be related (Wilton et al., 2018). With that, it is still not clear which psychological processes explain the attitudes towards these groups and whether prejudice against non-heterosexual people and non-conforming gender people burgeons from the same motivation.

From a theoretical point of view, it is not known whether this occurs because the victim is transgender, or if the phenomenon occurs because it is often motivated by homophobia or a combination of transphobia and homophobia. The present study

addresses this issue, trying to identify a person's social value according to their birth designated gender (male vs. female), their sexual orientation (homosexual vs. heterosexual) and their gender identity (cisgender vs. transgender). Our view is that, if there is a specific motivation for the rejection of a person due to his or her gender identity, it is likely that the social value attributed to that individual is different than the value attributed to a cisgender person and even to a non-transsexual homosexual.

### **Social Identity and Attitudes towards Transsexuals**

According to the Social Identity Theory (SIT; Tajfel & Turner, 1986), individuals' identity is derived, in part, from their awareness of belonging to a social group or category. People tend to see themselves as more like the members of the ingroup and as more different from the members of the outgroup. They establish an "us versus them" dynamics in their social behavior. Likewise, the self-categorization theory (Turner, Hogg, Oakes, Reicher, & Wetherell, 1987) states that people determine which social identities to use for categorization based on how well social categories reflect real group differences, preferring categorizations that maximize intra-group similarities and maximize dissimilarities between groups.

Studies on prejudice from the perspective of SIT start from the hypothesis that, in an effort to increase their positive self-concept, the majority groups would positively evaluate the members of their own group and negatively the members of the other relevant groups (Tajfel, 1982). Situations that reduce the perception of distinctiveness between the ingroup and the outgroup in important dimensions (for example, status, social value of the group, symbolic value of the group) can cause members of a group to respond negatively to members of the outgroup. Such negative responses may include devaluing members of the outgroup, allocating less resources to members of that outgroup and even

supporting public policies that maintain distance between groups (Falomir-Pichastor et al., 2017; Tajfel & Turner, 1986). Studies also suggest, for example, that the more social policies are focused on reducing intergroup boundaries, the less favorable individuals' attitudes towards that policy will be (Outten et al., 2019). This means that policies that favor transsexuals, such as using toilets according to the gender in which the person identifies him/herself, access to jobs or education, surgeries for sexual reassignment, and policies to combat prejudice, can threaten cisgender identity by decreasing each time more the boundaries between cisgenders and transgenders. This reactivity is a consequence of people's motivation to establish the positive distinctiveness of their group in relation to other groups.

In fact, both the theory of social identity as well as the theory of self-categorization (Turner et al., 1987) suggest that group members are highly motivated to maintain intergroup distinctiveness (that is, distinct binary limits of gender: male versus female). They are motivated to maintain this distinction by acting with the purpose of devaluing the outgroup members who are perceived as blurring the group's boundaries, a phenomenon known as a threat to positive distinctiveness (for example, Jetten et al., 2005). This phenomenon can occur when transsexuals resemble cisgenders, or even when cisgenders and transgenders are categorized in the same group. The similarity between a trans person and a cisgender can obscure the binary limits of gender categorization and thus pose a threat to intergroup distinctiveness. Discriminatory behaviors have as one of their functions the reduction of this threat by maximizing the distinction between groups.

Thus, one of the possible reasons for discrimination against trans individuals is the binary socialization of gender roles. Trans individuals can be seen as threatening the distinction between groups. Gender binarism refers to the belief that there are only two genders, corresponding to the gender designated at birth (Tebbe & Moradi 2012). These

beliefs are associated with greater anti-transgender prejudice (Norton & Herek, 2013; Tebbe & Moradi, 2012). For heterosexual cisgender individuals, any deviations from this normativity are perceived as threatening (Worthen, 2016). Therefore, it is possible that transgender people are threatening those with high levels of gender binarism, because transgender people are perceived as crossing the narrow boundary between binary sex (i.e., men and women) that are based on traditional gender roles (that is, the threat of distinctiveness). The threat between groups in competitive terms is generally experienced when it is perceived that the characteristics or actions of an outgroup are challenging the well-being, the resources or the distinction of the ingroup (Outten et al., 2019). Thus, transgender people can be devalued as a way to protect the distinctiveness between binary genders and to defend gender binary beliefs.

However, recent studies have sought to understand differentiations of prejudice based on sexual orientation versus gender identity, considering that they constitute different bases of perceived threat to the social status of groups (Nagoshi et al., 2019). In addition, they challenge the existence of different psychological processes that lead to the perception of threat by men and women (Nagoshi et al., 2019; Outten et al., 2019). Possibly, the identity of cisgender men and women is threatened differently by the presence of transgender people in the social environment.

Specific studies on attitudes towards transgender people are still incipient. Some correlational research has sought to identify predictors of anti-transgender bias, such as right-wing authoritarianism (McCullough et al., 2019), religious fundamentalism (Adams et al., 2016), political conservatism, religiosity, anti-egalitarian attitudes and hostile sexism (Norton & Herek, 2013), and preference for traditional gender roles (Makwana et al. 2018; Tebbe & Moradi, 2012). A minor number of experimental studies has investigated whether anti-transgender prejudice and transgender people support public

policies are influenced by gender essentialism. That is, believing that genders are immutable (Wilton et al., 2019) and the Need for Closure (NFC) (Makwana et al., 2018), a type of information processing motivated for sureness and order as opposed to confusion and ambiguity. The study by Outten et al. (2019) investigated the role of the intergroup threat in supporting cisgender women to share women's bathrooms with transgender women. They found that women who feel more threatened give less support to sharing this space with trans women and support the use of exclusive bathrooms for people who do not conform to the gender. That is, they acted in order to maintain the distinction between groups. Another set of experiments by Konopka et al. (2019) investigated the role of the threat to masculinity in transphobia. The results showed that Polish men showed higher prejudices towards transgender people when they were exposed to the gender threat.

The current study aimed to carry out an experiment in which each participant is presented with a fictitious news (scenario) about a person who suffered victimization by a company that leaked personal photos on the internet. In this scenario, the gender of the target designated at birth (Male vs. Female) and the target context (Heterosexual vs. Homosexual vs. Transsexual) were manipulated. Participants indicated how much compensation the victim should receive for the leaked photos. Our hypothesis is that, if people devalue transsexuals more simply because they are what they are, then there would be a greater threat to the social identity of cisgenders more in view of the breaking of the gender binarism barriers than on account of breaking the norms of sexual orientation. Alternatively, if the social value of transsexuals is the same as that attributed to homosexuals, then discrimination may be based on the perception that a gay/lesbian or trans individual is a member of a general socially deviant group.

First, we anticipate that a lower indemnity amount would be assigned to transsexual targets (Hypothesis 1). There is evidence that this minority group suffers more discrimination than other sexual minorities, as they clearly violate the rules regarding gender roles (Grossman & D'augelli, 2006; Lehavot & Lambert, 2007), and create greater ambiguity regarding the gender dichotomy (Cragun & Sumerau, 2015; Malwana et al., 2018). Breaking the barriers of gender binarism can be more socially serious than just breaking with heteronormativity. In fact, homosexuals more in line with the gender assigned at birth (male gays or female lesbians) are more accepted in society, in contrast to effeminate gays and male lesbians who deviate from gender norms (Broussard & Warner, 2019).

In this connection, according to Adams et al (2016), the differentiation of prejudice based on sexual orientation (homophobia), versus based on gender identity and gender roles (transphobia), not only considers different bases of perception as a threat to social status, but it also considers gender differences in these perceived threats. Therefore, we also predict that there would be differences in value attributed due to the target's gender in interaction with the target's context (Hypothesis 2), because female people will be more discriminated against when they are in the homosexual or transsexual contexts, due to the concomitant belonging to minority groups (Wilton et al., 2019).

Finally, we predict a three-way interaction between the target's gender, target context and the participant's gender (Hypothesis 3). First, because there will be ingroup bias (Tajfel, 1982), men would favor heterosexual men, just as women would favor heterosexual women to the detriment of homosexual and transgender people of both sexes. Second, because studies have already shown that men are more prejudiced against transgender people than women (Fisher et al., 2017; Norton & Herek, 2013; Tebbe & Moradi 2012) and that the psychological process underlying attitudes towards trans

people is different for men and women. based on the threat to distinctiveness and competition, respectively (Outten et al., 2019).

## **Method**

### **Participants**

The sample size was defined a priori using WebPower (Zhang & Yuan, 2018) taking into account a median effect size ( $d = 0.50$ , Cohen, 1988),  $\alpha = 0.05$  and test power  $\beta = 0.80$ . Considering our experimental design, the specification of these parameters indicated that at least 157 participants were necessary. Nevertheless, we conducted the study with 557 participants. However, non-heterosexual participants ( $n = 206$ ), extreme outliers ( $n = 51$ ) and people who were wrong in the manipulation check ( $n = 19$ ) were eliminated. The final sample consisted of 281 participants who declared themselves to be heterosexual and, thus, we ensured that at least 50 of them be included in each experimental condition. Their age was between 16 and 58 years ( $M = 25.4$ ;  $SD = 6.72$ ), the majority being female (63.7%). They were randomly assigned to one of six experimental conditions, according to a factorial design 2 (Gender of the target at birth: Male vs. Female)  $\times$  3 (Target context: Heterosexual vs. Homosexual vs. Transsexual).

### **Procedures and Manipulation**

The project was submitted to the Research Ethics Committee of the Health Sciences Center of the Federal University of Paraíba and approved with CAEE N° 3536988. Data collection took place online through the Qualtrics data collection platform (<https://www.qualtrics.com/>). Participants viewed a news report allegedly published in the online version of a newspaper (Appendix B) that described the situation below, which

allowed us to manipulate the victim's gender and information about the victim's context (sexual orientation/gender identity) using the information shown between parentheses:

(João/Joana), 30 years old, (Transsexual woman/ Transsexual man) sent his cell phone for service. Days later he/she had intimate photos with (his girlfriend/boyfriend) posted on social networks and began receiving embarrassing messages. (João/Joana) went to court claiming that the company should pay an indemnification for pain and suffering because it was responsible for the leak.

## **Measure**

### ***Indemnification***

Our dependent variable is the social value attributed to the victim. We measured this value by asking participants about the amount of compensation that the person in the news should receive. They entered in a separate field the amount in Reais to be attributed to the victim. Responses ranged from 0 to 500,000 reais ( $M = 42,389.68$ ;  $SD = 67,095.03$ ).

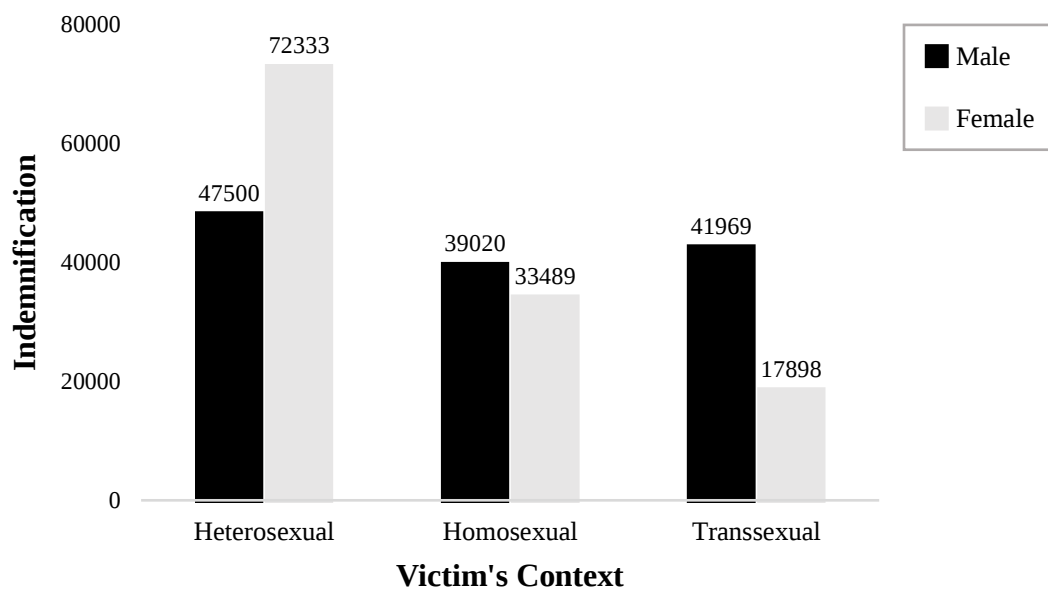
### ***Manipulation Check***

At the end of the questionnaire, participants were asked about the designated gender at birth, sexual orientation and gender identity of the reported person. The rates of correct answers for each experimental condition were as follows: the male victim was perceived as a man (92.66%), the female as a woman (90.66%). The heterosexual victim was perceived as heterosexual (91%), the homosexual as a homosexual (86%) and the transsexual as a transsexual (84%). Hence, it is understood that most respondents got the target's characteristics right, which shows that the manipulation procedure was effective.

## Results

Results of a between-subject factorial ANOVA showed a non-significant main effect of the target's gender [ $F(1, 275) = 0.04, p = 0.839, \eta^2 p = 0.000$ ], but a significant main effect of the information on the victim's context [ $F(2, 275) = 5.41; p = 0.005, \eta^2 p = 0.038$ ]. Multiple comparisons showed that the participants who read the news about the heterosexual victim ( $M = 60.18; SD = 100.40$ ) provided a significantly higher amount of compensation when compared to the conditions in which the victim was homosexual ( $M = 36.34; SD = 41.66$ ), ( $b = 23.66, SE = 9.55, p = 0.014; d = 0.31$ ) and transsexual ( $M = 30.45; SD = 35.29$ ), ( $b = 29.98, SE = 9.63; p = 0.002; d = 0.39$ ). However, there was no significant difference between homosexual and transsexual conditions ( $b = 6.32, SE = 9.61, p = 0.511; d = 0.15$ ).

Most importantly, there was a significant interaction between the victim's gender and the context,  $F(2, 275) = 3.29; p = 0.039, \eta^2 p = 0.023$ . The breakdown of this interaction indicated that the information on sexual orientation/gender identity was significant only for the female victims [ $F(2, 275) = 8.47; p < 0.001, \eta^2 p = 0.058$ ], but it was not significant for males [ $F(2, 275) = 0.20; p = 0.817, \eta^2 p = 0.001$ ]. Participants attributed greater compensation to the female victim when she was described as heterosexual ( $M = 72.33; SD = 123.09$ ) than as homosexual ( $M = 33.48; SD = 36.01$ ) ( $b = 38.84, SE = 13.54, p = 0.004; d = 0.42$ ) or transsexual ( $M = 17.89; SD = 17.65$ ) ( $b = 54.43, SE = 13.70, p < 0.001; d = 0.61$ ). The difference between the female homosexual and transsexual target is not significant ( $b = 15.59, SE = 13.84, p = 0.261; d = 0.54$ ).

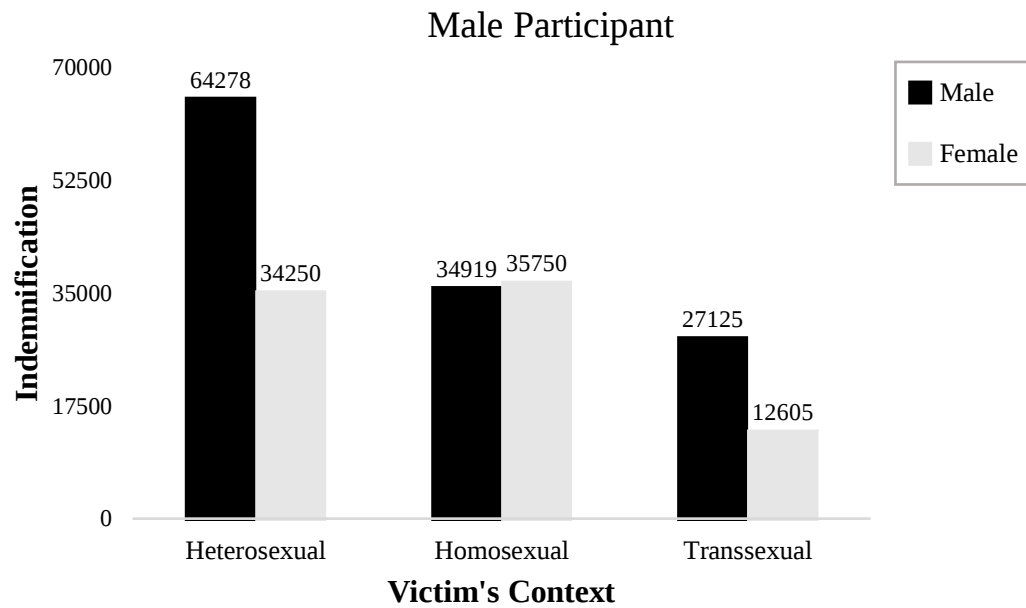
**Figure 1***Indemnification Based on Gender and on the Victim's Context*

Source: Prepared by the authors (2020).

Reviewing the interaction from another perspective, we verified marginally significant effects of the victim's gender when he/she was described as heterosexual [ $F(1, 275) = 3.36$ ;  $p = 0.068$ ;  $\eta^2p = 0.012$ ], as the participants attributed greater compensation when the individual was female ( $M = 72.33$ ;  $SD = 123.09$ ) than when it was male ( $M = 47.50$ ;  $SD = 68.47$ ) ( $b = 24.83$ ,  $SE = 13.54$ ,  $p = 0.068$ ;  $d = 0.24$ ). The same phenomenon occurred when the individual was described as a transsexual [ $F(1, 275) = 3.08$ ;  $p = 0.080$ ;  $\eta^2p = 0.011$ ], but especially due to the fact that they assigned a lower value to the transsexual of the designated female gender at birth (i.e., a transsexual man;  $M = 17.89$ ;  $SD = 17.65$ ) than to the transsexual of the designated male gender at birth (transsexual woman;  $M = 41.96$ ;  $SD = 42.93$ ) ( $b = -24.07$ ;  $SE = 13.70$ ;  $p = 0.080$ ;  $d = 0.73$ ). When the victim was homosexual, gender did not influence the indemnification awarded ( $b = 5.53$ ,  $SE = 13.48$ ,  $p = 0.682$ ;  $d = 0.13$ ).

**Figure 2**

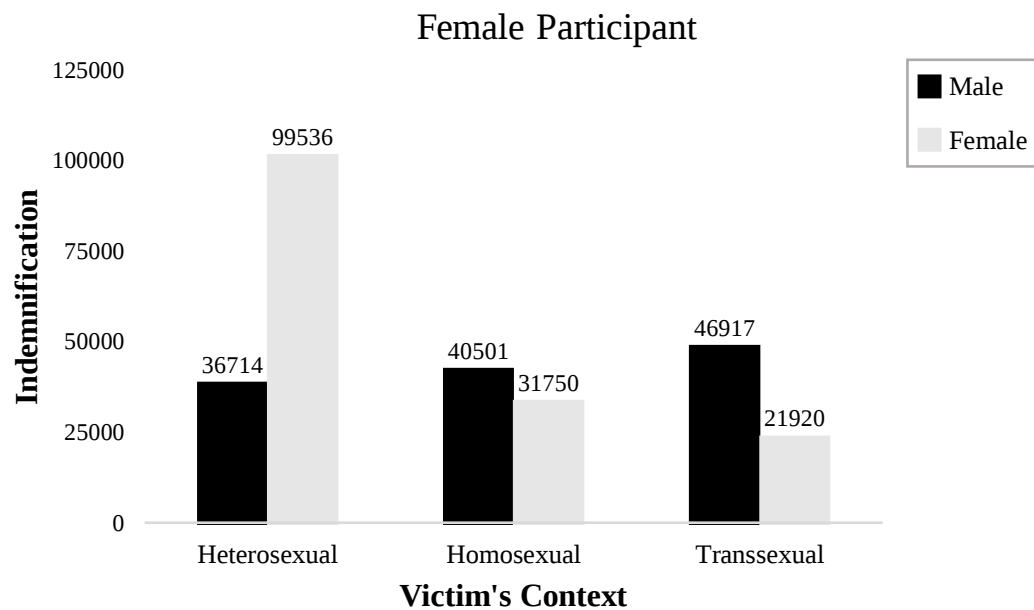
*Indemnification for Male Participants Depending on Gender and the Victim's Context*



Source: Prepared by the authors (2020).

**Figure 3**

*Indemnification for Female Participants Based on Gender and Victim's Context*



Source: Prepared by the authors (2020).

Finally, we observed a significant three-way interaction between the victim's gender, information about his/her sexual orientation and the participant's gender [ $F(2, 281) = 4.59$ ;  $p = 0.011$ ;  $\eta^2p = 0.033$ ]. As can be seen in Figure 2, male participants favored heterosexual men ( $M = 64.27$ ;  $SD = 78.74$ ) compared to the other groups. In addition, in Figure 3, we also observed that female participants favored heterosexual women ( $M = 99.53$ ;  $SD = 153.00$ ). However, multiple comparisons revealed that only female participants favored significantly more heterosexual women than heterosexual men ( $b = 62.82$ ;  $SE = 17.26$ ;  $p < 0.001$ ;  $d = 0.58$ ). They also significantly differentiated indemnification to heterosexual women compared to lesbians ( $b = 67.78$ ;  $SE = 17.59$ ;  $p < 0.001$ ,  $d = 0.50$ ) and to transsexual men ( $b = 77.61$ ;  $SE = 17.77$ ;  $p < 0.001$ ,  $d = 0.71$ ).

## Discussion

Within the framework of intergroup relations, the present study aimed to experimentally investigate discrimination against transsexual people through the attribution of an amount (indemnification) in the face of a situation of victimization. First, we predicted that there would be attribution of lower compensation to transsexual targets (Hypothesis 1). Corroborating the prediction, the average amounts for trans people were lower when compared to the other groups. However, they were significantly smaller than those attributed to heterosexuals, but not to homosexuals. Thus, this hypothesis was partially confirmed. In fact, different studies have already shown a high correlation between homophobia and transphobia (Costa et al., 2015), which suggests a generalization covering minorities. However, we underlined the specificity of prejudice against trans individuals as necessary theoretically and methodologically (Worthen, 2013). As shown in the study by Adams et al. (2017), homophobia is associated with

discomfort with violations of sexual orientation norms, while transphobia is associated with discomfort with violations of gender identity norms.

The hypothesis that there would be a significant interaction between the target's gender and the context (Hypothesis 2) was confirmed. We found significant differences regarding the gender of transsexual targets, with transsexual men being more discriminated against than transsexual women. On the other hand, there was no distinction between the devaluation of gays and lesbians. As a result, a woman, already part of a minority group (Wilton et al., 2018) who completely crossed the boundaries of her gender, is devalued twofold. This hypothesis and result are in line with other findings that show that attitudes are more negative towards transsexual women compared to transsexual men. In particular, transsexual women, when compared to other groups, are more often unemployed (Fisher et al., 2017); they also revealed to be the victims of greater provocation (Anderson, 2018) and are targets of fatal physical violence in absolute numbers (Benevides & Nogueira, 2020). However, it is worth highlighting the possibility of distinct psychological processes that lead to discrimination against transgender men and women, as transgender men can threaten cisgender men in relation to distinctiveness and competition, as they are more "socially camouflaged". On the other hand, an alternative hypothesis to explain this phenomenon is that women tend to discriminate against transsexual women merely due to competition, in the view that trans women are not really women, but men wanting to occupy typically female spaces, for example in the use of bathrooms (Outten et al., 2019). The results of this investigation are consistent with this possibility, but it will be necessary to further study this phenomenon specifically for this purpose.

In order to add empirical data to the literature on the differences highlighted above, the third hypothesis sought to confirm the three-way interaction between the

target's gender, target context and the participant's gender. The results showed that the heterosexual cisgender male participants valued their own group and attributed relatively lower indemnification averages to homosexuals and transsexuals, when compared to women, in line with previous research (Fisher et al., 2017; Norton & Herek, 2013; Tebbe & Moradi, 2012). Although the differences are not significant, perhaps due to the high variability in the indemnification measure, men devalued trans men more and did not differentiate gays from lesbians, as seen in Figure 2. Participants heterosexual cisgender women were the ones who most valued their ingroup and significantly devalued gays and trans, especially lesbians and trans men, as shown in Figure 3. This result encourages us to raise the following question: Why did women devalue more lesbian women and women who transitioned to identify themselves as men? This phenomenon may be related to the hypothesis that women who break the norms of the group, actually cross the borders of gender binarism and thus threaten the positive social identity of women who are already more socially devalued. In the process of social identity, a member of the ingroup (being a woman) who behaves in a way deviating from the group norm will be more negatively assessed than members of other outgroups. As a consequence of this effect, negative attitudes and devaluation of the deviant member may ensue (Marques et al., 2001). For example, regarding women's attitudes towards trans people, a recent study by Nagoshi et al. (2019) found that benevolent sexism was positively correlated with transphobia only for female participants, but not for males. According to the authors, this result possibly reflected specific fears among women about threats to female social roles.

### **Theoretical and Practical Implications**

As far as we know, the present study is one of the few attempts to experimentally explore discrimination against transsexuals, specifically using an approach centered on

the Social Identity Theory literature. Despite considerable evidence that transgender people experience discrimination, less attention has been paid to the mechanisms through which this discrimination is formed. Current results reinforced the empirical evidence that heterosexual cisgender participants tend to value their own group (Tajfel, 1982), especially heterosexual women, and discriminate against the targets of other groups (homosexuals and transsexuals alike). We believe that the findings described in our work are in line with the literature on intergroup relationships, as highly threatened individuals are motivated to disadvantage external groups through decreased resources or devaluation.

The present study has also important practical implications. First, because Brazil stands out as the country that kills the largest transgender number of people in the world, and this is an emerging and socially relevant issue that needs to be made visible in the scientific and popular framework. Second, because it provides empirical evidence and theoretical justifications for policymakers who must carefully consider aspects of people's intergroup relationships and social identity in the development of public policies that aim to reduce prejudice and discrimination.

### **Limitations and Future Directions**

Although our study presents strong evidence for the social devaluation of victims according to their designated gender at birth and their sexual orientation/gender identity, some limitations stand out. First, we emphasize that, although the means of the groups were noticeably different, the measure of discrimination used (allocation of indemnification) produced high variability of responses, which statistically made it difficult to detect significant differences between groups. In subsequent studies, it is suggested to use other discrimination measures that tend to a minor dispersion in the

distribution of data and are more sensitive to seek significant differences in discrimination against homosexuals and transsexuals.

Second, in research with social minorities and in experimental designs, social desirability or anti-prejudice norms can be activated, causing less external validity. Third, a difficulty to operationalize the experiment was the participants' lack of knowledge about the nomenclatures of different genders. The percentages of errors in the manipulation check were higher in the conditions of a transsexual man and a transsexual woman. Possibly cisgender people confuse the gender designated at birth of transsexual men and women. This fact can hamper predictors' investigation for each distinct group, as it can cause confusion among respondents. For similar experiments, we recommend the description or conceptualization of gender identities previously directed to the people allocated to answer the conditions related to transsexuals.

Another substantial limitation is the overlapping of sexual orientation and gender identity in the independent context variable of the victim (Heterosexual vs. Homosexual vs. Transsexual); after all, trans people can be heterosexual, homosexual, bisexual or pansexual. For this reason, it is suggested that future studies use simpler experimental designs such as 2 (gender identity: cisgender x transgender) x 2 (gender: male vs. female) or three-way, as 2 (gender identity: cisgender x transgender) x 2 (sexual orientation: heterosexual vs. homosexual) x 2 (gender: male vs. female), thereby reducing bias in the experimental design.

Despite the well-established phenomenon of prejudice and discrimination against LGBT individuals, even in supposedly more tolerant university settings (Tetreault et al., 2013), the process that leads to discrimination against these groups is unclear. This is an issue that must be understood, above all, in university contexts. We do not know whether the effects obtained in our investigation would apply to people from other groups or

geographic regions. In this regard, it is necessary to replicate a similar study in general contexts.

As future studies, it is important to investigate discrimination in other contexts of victimization, such as in situations of physical violence and social injustice. Subsequent studies would make sense to examine factors that predict discrimination against trans people, such as: conservatism, political positioning, religious fundamentalism, among other constructs already known in the prediction of anti-transgender attitudes. It is necessary to understand the psychological process that leads to the devaluation of transsexuals, seeking to ascertain the role of perceived threat and belief in gender binarism, as mediators for discrimination to occur, and whether this process occurs differently for cisgendered men and women. Although we discuss the research problem based on SIT and the threat to distinctiveness, further studies are needed to experimentally manipulate the threat to gender distinctiveness and thus obtain more evidence of this theorized psychological process. The relationship between perceived threat to gender binarism and people's gender should be further explored in future studies. Another interesting and little investigated aspect is the relationship between prejudice, discrimination and the issue of passability, that is, how much a trans person can “go unnoticed” among cisgenders.

Given that the debate on discrimination against gender minorities will continue in the foreseeable future, it is necessary that social psychologists continue to study the psychological determinants involved in this problem. It is especially important to successfully combat discriminatory behaviors, based on research that explores specific targets of prejudice (Worthen, 2013), because when considering the different minority groups, it is possible to outline, in the long term, strategies to reduce prejudice, social exclusion and violence in a more targeted way.

## References

- Adams, K. A., Nagoshi, C. T., Filip-Crawford, G., Terrell, H. K., & Nagoshi, J. L. (2016). Components of gender-based prejudice. *International Journal of Transgenderism*, 17, 185–198. <http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2016.1200509>
- American Psychological Association. (2011). *Answers to your questions about transgender people, gender identity, and gender expression*. Retrieved from <http://www.apa.org/topics/lgbt/transgender.pdf>
- Anderson, V. N. (2018). Cisgender men and trans prejudice: Relationships with sexual orientation and gender self-esteem. *Psychology of Men & Masculinity*, 19(3), 373–384. <http://dx.doi.org/10.1037/men0000125>
- Benevides, B. G. & Nogueira, S. N. B (2020). *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019 – São Paulo*: Expressão Popular, Associação Nacional de Travestis e Transexuais Do Brasil (ANTRA), Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE). Retrieved from <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-daviolc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>
- Broussard, K. A. & Warner, R. H. (2019). Gender Nonconformity Is Perceived Differently for Cisgender and Transgender Targets. *Gender Roles*, 80(7), 409 – 428. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0947-z>
- Cragun, R. T., & Sumerau, J. E. (2015). The last bastion of sexual and gender prejudice? Sexualities, race, gender, religiosity, and spirituality in the examination of prejudice toward sexual and gender minorities. *The Journal of Sex Research*, 52(7), 821-834. <https://doi.org/10.1080/00224499.2014.925534>
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. 2<sup>a</sup> ed. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

- Costa, A. B., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. Avaliação do preconceito contra diversidade sexual e de gênero: construção de um instrumento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(2), 163-172. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000200002>
- Falomir-Pichastor, J. M., Mugny, G., & Berent, J. (2017). The side effect of egalitarian norms: Reactive group distinctiveness, biological essentialism, and sexual prejudice. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(4), 540–558. <http://dx.doi.org/10.1177/1368430215613843>
- Fisher, A.D. et al. (2017). Who has the worst attitudes toward sexual minorities? Comparison of transphobia and homophobia levels in gender dysphoric individuals, the general population and health care providers. *Journal of Endocrinological Investigation*, 40, 263–273. <http://dx.doi.org/10.1007/s40618-016-0552-3>
- Grossman, A. H., & D'Augelli, A. R. (2007). Transgender youth and life-threatening behaviors. *Suicide and life-threatening behavior*, 37(5), 527-537. <https://doi.org/10.1521/suli.2007.37.5.527>
- Jetten, J., Summerville, N., Hornsey, M. J. & Mewse, A. J. (2005). When differences matter: Intergroup distinctiveness and the evaluation of impostors. *European Journal of Social Psychology*, 35, 609–620. <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.282>
- Konopka, K., Rajchert, J., Dominiak-Kochanek, M., & Roszak, J. (2019). The Role of Masculinity Threat in Homonegativity and Transphobia, *Journal of Homosexuality*, 66, 1-28. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2019.1661728>
- Lehavot, K., & Lambert, A. J. (2007). Toward a greater understanding of antigay prejudice: On the role of sexual orientation and gender role violation. *Basic and Applied Social Psychology*, 29(3), 279-292. <https://doi.org/10.1080/01973530701503390>

- Marques, J. M., Abrams, D., Paéz, D., & Hogg, M. (2001). *Social Categorization, social identification, and rejection of deviant group members*. In M. A. Hogg & R. S. Tindale (Eds.). *Blackwell handbook of social psychology* (vol. 3: Group Processes, pp. 400-424). Oxford: Blackwell.
- Makwana, A.P., Dhont, K., De keersmaecker, J.; Akhlaghi-Ghaffarokh, P., Masure, M, & Roets, A. (2018). The Motivated Cognitive Basis of Transphobia: The Roles of Right Wing Ideologies and Gender Role Beliefs. *Gender Roles*, 79, 206–217. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-017-0860-x>
- McCullough, R., Dispenza, F., Chang, C. Y., & Zeligman, M. R. (2019). Correlates and predictors of anti-transgender prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(3), 359–368. <http://dx.doi.org/10.1037/sgd0000334>
- Nagoshi, C. T., Cloud, J. R., Lindley, L. M., Nagoshi, J. L., & Lothamer, L. J. (2019). A Test of the Three-Component Model of Gender-Based Prejudices: Homophobia and Transphobia Are Affected by Raters' and Targets' Assigned Gender at Birth. *Gender Roles*, 80, 137-146. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0919-3>
- Norton, A. T., & Herek, G. M. (2013). Heterosexuals' attitudes toward transgender people: Findings from a national probability sample of US adults. *Gender Roles*, 68, 738-753. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-011-0110-6>
- Outten, H. R., Lee, T., & Lawrence, M. E. (2019). Heterosexual women's support for trans inclusive bathroom legislation depends on the degree to which they perceive trans women as a threat. *Group Processes & Intergroup Relations*, 22(8), 1094–1108. <http://dx.doi.org/10.1177/1368430218812660>
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). *The social identity theory of inter-group behavior*. In S. Worchel & W. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tate, C. C., Ledbetter, J. N., & Youssef, C. P. (2013). A two-question method for assessing gender categories in the social and medical sciences. *Journal of Gender Research, 50*, 767–776.
- Tebbe, E. N., & Moradi, B. (2012). Anti-transgender prejudice: A structural equation model of associated constructs. *Journal of Counseling Psychology, 59*(2), 251–261.  
<http://dx.doi.org/10.1037/a0026990>
- Tebbe, E. A., & Moradi, B. (2016). Suicide risk in trans populations: An application of minority stress theory. *Journal of Counseling Psychology, 63*, 520.  
<http://dx.doi.org/10.1037/cou0000152>
- Tetreault, P. A., Fette, R., Meidlinger, P., & Hope, D. (2013). Perceptions of Campus Climate by Sexual Minorities. *Journal of Homosexuality, 60*(7), 947-964.  
<http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2013.774874>
- Transgender Europe –TGEU. (2016), *2,190 murders are only the tip of the iceberg – An introduction to the Trans Murder Monitoring project TMM annual report 2016*. Retrieved from <https://transrespect.org/wp-content/uploads/2016/11/TvT-PS-Vol14-2016.pdf>
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- Wilton, L. S., Bell, A. N., Carpinella, C. M., Young, D. M., Meyers, C., & Clapham, R. (2018). Lay Theories of Gender Influence Support for Women and Transgender People’s Legal Rights. *Social Psychological and Personality Science, 10*(7), 883–894. <http://dx.doi.org/10.1177/1948550618803608>

- Worthen, M. G. (2013). An argument for separate analyses of attitudes toward lesbian, gay, bisexual men, bisexual women, MtF and FtM transgender individuals. *Gender Roles*, 68, 703-723. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-012-0155-1>
- Worthen, M. G. (2016). Hetero-cis-normativity and the gendering of transphobia. *International Journal of Transgenderism*, 17, 31–57.  
<http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2016.1149538>

### **CAPÍTULO III**

#### **A DISCRIMINAÇÃO DE PESSOAS TRANSGÊNERO REFLETE PRECONCEITO E AMEAÇA À DISTINTIVIDADE DE GÊNERO**

Este capítulo é baseado em:

Lima, K. S., & Pereira, C. R. (2022). A Discriminação de Pessoas Transgênero Reflete Preconceito e Ameaça à Distintividade de Gênero. *Artigo não submetido*.

## **A Discriminação de Pessoas Transgênero Reflete Preconceito e Ameaça à Distintividade de Gênero**

### **Resumo**

Existe evidência de que os homens discriminam pessoas transgênero mais do que mulheres, mas os motivos desse efeito ainda estão por elucidar mais detalhadamente. Abordamos essa questão num programa de estudos no qual propomos que o preconceito transfóbico e a ameaça à distintividade de gênero estão relacionados com a maior discriminação de pessoas transgênero pelos homens. No Estudo 1 (N = 162) apresentamos uma notícia fictícia com a qual manipulamos o sexo designado no nascimento (feminino vs. masculino) e a identidade de gênero (cisgênero vs. transgênero) de uma pessoa vítima de vazamento de fotos íntimas. Os participantes homens expressaram menor suporte social à vítima transgênero, tendo este efeito sido mediado pelo preconceito transfóbico. No Estudo 2 (N = 196), manipulamos a ameaça à distintividade de gênero e medimos o preconceito, a percepção de distintividade de gênero e o apoio à discriminação. Os homens apresentaram maior apoio à discriminação, sendo esse fenômeno sequencialmente mediado pelo preconceito e pela maior percepção de distintividade numa condição de saliência da ameaça representada por um homem transgênero. No Estudo 3 (N = 350), manipulamos a ameaça à distintividade de gênero por meio de falsos feedbacks sobre a similaridade (vs. diferença) da personalidade dos participantes e de pessoas transgênero e replicamos a mediação serial no contexto do apoio ao uso compartilhado do banheiro por pessoas transgênero e cisgênero. Nossos resultados têm implicações importantes para a compreensão da discriminação contra transgêneros, esclarecendo o papel desempenhado pelo preconceito e pela ameaça à distintividade de

gênero na expressão de comportamentos discriminatórios. Os resultados foram discutidos com base na teoria de ameaça intergrupos e teoria da identidade social.

*Palavras-chave:* preconceito, discriminação, ameaça à distintividade, pessoas transgêneros

### **Abstract**

There is evidence that men discriminate transgender people more than women, but the reasons for this effect are yet to be elucidated in more detail. We address this issue in a program of studies in which we propose that transphobic prejudice and the threat to gender distinctiveness are related to a greater discrimination, of transgender people by men. In Study 1 ( $N = 162$ ) we presented a fictitious news item which we manipulated the sex assigned at birth (female vs. male) and gender identity (cisgender vs. transgender) of a person who was the victim of leaked intimate photos. Male participants expressed less social support for the transgender victim, and this effect was mediated by transphobic prejudice. In Study 2 ( $N = 196$ ), we manipulated the threat to gender distinctiveness and measured prejudice, perceived gender distinctiveness, and support for discrimination. Men showed greater support for discrimination, this phenomenon being sequentially mediated by prejudice and a greater perception of distinctiveness in a condition of the salience of the threat posed by a transgender man. In Study 3 ( $N = 350$ ), we manipulated the threat to gender distinctiveness through false feedback about the personality similarity (vs. difference) of participants and transgender people and replicated serial mediation in the context of supporting the use of a shared bathroom by transgender and cisgender people. Our results have important implications for understanding discrimination against transgender people, clarifying the role played by prejudice and the threat to gender distinctiveness in the expression of discriminatory behavior. The results were discussed based on intergroup threat theory and social identity theory.

*Keywords:* prejudice, discrimination, threat to distinctiveness, transgender people

## **Introdução**

Embora pessoas transgêneros venham ganhando cada vez mais visibilidade nos meios de comunicação social, na vida política e social, muitas vezes esse fenômeno é acompanhado por preconceito e percepções de ameaças que partem de grupos refratários à mudança na ordem social. O preconceito contra pessoas transgênero se refere às atitudes negativas em relação às pessoas que se colocam fora do esquema binário de gênero tradicional de masculino e feminino, seja no modo como se comportam ou na aparência ou em ambos (Huffaker & Kwon, 2016). As ameaças geralmente induzem um comportamento hostil em relação aos membros do grupo externo (Stephan et al., 2009). Em suma, somos abertamente preconceituosos em relação às pessoas que vemos como tendo características que são ameaçadoras (Kende & McGarty, 2018). Estudos correlacionais e experimentais já investigaram o papel da percepção de ameaça no preconceito contra pessoas trans (Ching, 2021; Konopka et al., 2019). Os indivíduos cisgêneros que se sentem ameaçados por pessoas trans podem temer a perda de sua identidade social ou poder e se apegar mais fortemente ao seu próprio grupo, fomentando o preconceito em relação a esse grupo (McCullough et al., 2019). Um fato contemporâneo que fortalece a hipótese de que a percepção de ameaça leva a discriminação é que a medida em que a visibilidade trans está aumentando, também está aumentando o número de homicídios trans (Berberick, 2018), provavelmente devido a subsequente presença de sentimentos de ameaça suscitada por essa visibilidade.

Quanto mais as fronteiras intergrupos podem ser reduzidas, tal como a possibilidade de transição de gênero, maior é a ameaça à distintividade intergrupar (Jetten & Spears, 2003) que assegura as posições dos grupos no sistema social (Tajfel & Turner, 1979). Meios que favoreçam às pessoas transgênero de alguma forma podem reduzir as diferenças entre cisgêneros e transgêneros, ativar a percepção de ameaça intergrupar e,

consequentemente, fomentar atitudes negativas e discriminação de transgêneros. Por exemplo, muitas pessoas cisgêneros se opõem ao uso de banheiros públicos por pessoas trans quando estas querem usar o banheiro correspondente à sua identidade de gênero (Outten et al. 2019; Harrison & Michelson, 2017), a inclusão/admissão de trans nas forças armadas (Lewis et al., 2021), são resistentes ao amplo acesso a emprego (Abreu et al., 2021), à obtenção de direitos (Flores et al., 2018; Harrison & Michelson, 2018; Tee & Hegarty, 2006) e representação política (Jones et al., 2018), e opõe-se às cirurgias de redesignação sexual (Antoszewski et al., 2007).

A evidência empírica recente aponta que os homens endossam atitudes mais negativas em relação às pessoas trans do que as mulheres (Broussard & Warner, 2019; Hill & Willoughby, 2005; Konopka et al., 2019; Nagoshi et al., 2008; Norton & Herek, 2013). A motivação pela distinção é particularmente forte para os homens (Falomir-Pichastor et al., 2015; Figueiredo & Pereira, 2021). Homens também expressam mais fortemente comportamentos discriminatórios após se sentirem ameaçados pela semelhança intergrupos (Harrison & Michelson, 2018). Entretanto, estudos com mulheres identificaram que estas também podem agir com discriminação quando são apresentadas a um contexto ameaçador (Outten et al., 2019) e quando possuem altos níveis de percepção de ameaça à distintividade de gênero, preconceito e a identificação grupal (Hayes & Reiman, 2021).

Como a ameaça à distintividade de gênero motiva a resistência das pessoas à aceitarem essas políticas emancipatórias de pessoas transgênero? A nossa hipótese é a de que a percepção de distintividade de gênero influencia o preconceito contra pessoas trans, e este, por sua vez, prediz um menor suporte social aos direitos dos indivíduos trans e um maior apoio à discriminação. Diferentes pesquisas em relações intergrupais fornecem suporte indireto a este postulado. Primeiramente, levamos em conta as diferenças de

gênero nesse processo, considerando os estudos apresentados (Broussard & Warner, 2019; Harrison & Michelson, 2018; Hill & Willoughby, 2005; Konopka et al., 2019; Nagoshi et al., 2008; Norton & Herek, 2013). Ainda, consideramos evidências experimentais de que a distinção percebida medeia a relação entre gênero e preconceito sexual em homens, mas não em mulheres (Figueiredo & Pereira, 2021). A partir desse raciocínio, propomos um modelo em que os homens expressam maior discriminação por meio da percepção de distintividade de gênero e do preconceito contra pessoas transgênero. Além disso, buscamos explorar se homens e mulheres continuam diferindo em suas atitudes e comportamentos em situações em que a ameaça à distintividade de gênero está saliente, ou se, por outro lado, as mulheres podem agir com discriminação contra pessoas transgênero como fazem os homens. Testamos essas hipóteses num programa de pesquisa realizado no Brasil, um dos líderes mundiais no *ranking* de crimes cometidos contra pessoas transgênero, com 41% de todos os dados (Transgender Europe, 2021).

### **Ameaça Intergrupual e Preconceito contra Pessoas Transgênero**

A teoria da ameaça intergrupos (Stephan et al., 2009; Stephan et al., 2015) e a teoria da identidade social (Tajfel & Turner, 1986) abordam a ameaça como variável importante para a expressão do preconceito contra minorias sociais. A teoria da ameaça intergrupos (Stephan et al., 2009; Stephan et al., 2015) enfatiza dois tipos de ameaça: a ameaça realista ao poder, competição de recursos, segurança ou bem-estar do grupo; e a ameaça simbólica aos valores, à cultura ou ao modo de vida de um grupo. As percepções de ameaças realistas e simbólicas geralmente coexistem (Stephan et al., 2009; Stephan et al., 2015). Embora a maioria dos estudos sobre a ameaça intergrupual não empregue manipulações experimentais, necessitamos compreender como e quando ameaças estão causalmente relacionadas a atitudes negativas entre grupos (Rios et al., 2018).

A Teoria da identidade social (TIS) postula que as pessoas definem parte de sua auto-percepção e identidade pessoal tendo como referência os grupos sociais aos quais pertencem e sugere que as pessoas buscam uma autoestima positiva por meio da comparação de seu grupo de referência com outros grupos relevantes, favorecendo o seu próprio grupo (Tajfel & Turner, 1979). Isto ocorre porque as pessoas são altamente motivadas para manter a distintividade intergrupar positiva (Turner et al., 1987). A motivação para manter essa distinção leva as pessoas a desvalorizarem os membros do exogrupo que são percebidos como obscurecendo as fronteiras do grupo, um fenômeno conhecido como ameaça à distintividade positiva (por exemplo, Jetten et al., 2005). Ou seja, as pessoas agem como se tivessem uma necessidade de diferenciar seu próprio grupo positivamente de exogrupos relevantes, a fim de manter um senso distinto de si mesmo e proteger a integridade do endogrupo (Tajfel & Turner, 1979). Este fenômeno ocorre quando as fronteiras intergrupais são permeáveis, i.e., quando um membro do exogrupo pode migrar para o endogrupo. Isto gera a necessidade de distinção reativa, expressa em forma de preconceito (Falomir-Pichastor et al., 2015), e que parte de preocupações de que o endogrupo tem muito em comum com os exogrupos para estabelecer ou manter sua própria identidade (Jetten & Spears, 2003). Como consequência, é mais provável que as pessoas demonstrem preconceito entre grupos e tentem distinguir seu próprio grupo dos grupos externos em condições de ameaça (Tajfel & Turner, 1986), e este fenômeno ocorre porque a ameaça à distintividade coloca em questão o estatuto social dos grupos (Ellemers, Spears, & Doosje, 2002), que envolve percepções de que o exogrupo está competindo com o grupo por poder, recursos ou prestígio, uma forma de ameaça realista.

A TIS difere da teoria da ameaça intergrupar nos motivos subjacentes à identificação e ao conflito do grupo. De fato, de acordo com a TIS e perspectivas relacionadas (por exemplo, Teoria da Incerteza-Identidade; Hogg, 2014), as pessoas são

motivadas a se associar a grupos para maximizar sua autoestima (Tajfel & Turner, 1986) ou reduzir a incerteza sobre suas identidades pessoais e sociais (Hogg, 2014). Nesse sentido, as pessoas trans também podem evocar desconforto ou ameaçar os sistemas de crenças em relação à sexualidade, papéis de gênero (Rye et al., 2019) e crenças no binarismo do gênero (Tebbe & Moradi, 2012).

A ameaça, sobretudo a ameaça à distintividade de gênero, pode influenciar o preconceito contra pessoas transgênero, pois estas ameaçam os limites binários distintos de gênero (masculino versus feminino) e, assim, representam uma ameaça à distintividade intergrupar (Broussard & Warner, 2019). A ameaça à distintividade é geralmente manipulada à medida que um grupo é altamente semelhante a um grupo de comparação (Figueiredo & Pereira, 2021; Hayes & Reiman, 2021; Jetten et al., 1997; Jetten et al., 2004; Plante et al., 2015; Spears et al., 1997). Esse fenômeno pode ser evidenciado quando os transgêneros se assemelham aos cisgêneros, ou mesmo quando cisgêneros e transgêneros são categorizados em um mesmo grupo (Hayes & Reiman, 2021). Na realidade, o acesso a direitos, cirurgias, tratamentos estéticos e hormonais tornam pessoas transgênero cada vez mais semelhantes às pessoas cisgênero, o que pode provocar em algumas pessoas o sentimento de ameaça à distintividade de gênero.

Os comportamentos discriminatórios ocorreriam com a função de reduzir o estresse provocado pela percepção de ameaça (Stephan et al., 2009), por meio da desvalorização do exogrupo ou mesmo a maximização da distinção entre os grupos (Falomir-Pichastor et al., 2015). Ou seja, como uma forma de recuperar essa distintividade, haveria maior discriminação de pessoas transgênero. Essas respostas negativas podem ser expressas, por exemplo, pela alocação de menos recursos aos membros deste exogrupo e até apoiar políticas públicas que mantenham a distância entre os grupos (Falomir-Pichastor et al., 2015). Em uma metanálise sobre o efeito da

semelhança e diferença intergrupar, Jetten et al. (2004) descobriram que a baixa distinção entre os grupos resulta em tentativas de diferenciação entre um grupo e o exogrupo de comparação, principalmente entre aqueles indivíduos com alta (vs. baixa) identificação com o endogrupo. Com base na evidência de um efeito consistente da ameaça à distintividade, propomos que a necessidade de distintividade de gênero leva ao preconceito contra trans, o que, por sua vez, associa-se com o apoio que as pessoas dão às políticas discriminatórias contra pessoas transgênero, como são exemplo o menor suporte social e a oposição ao reconhecimento e aplicação de direitos sociais básicos e fundamentais às pessoas transgêneros.

### **O papel da Ameaça à Distintividade na Discriminação de Pessoas Transgênero**

A ameaça intergrupar pode ocorrer em termos competitivos, experimentada quando se percebe que as características ou ações de um exogrupo estão desafiando o bem-estar, os recursos ou a distinção do endogrupo. Embora existam poucas manipulações experimentais da ameaça por grupos minoritários (Rios, 2018; Vala, Lopes, Lima, & Brito, 2002), alguns estudos investigaram o efeito de diferentes tipos de ameaça no preconceito e discriminação de pessoas transgênero. O estudo desenvolvido por Outten et al. (2019) investigou o papel da ameaça intergrupos no apoio de mulheres cisgêneras ao compartilhamento de banheiros femininos com mulheres transgênero. A ameaça foi manipulada por meio da apresentação de dois projetos de lei fictícios, um projeto era de banheiro trans-inclusivo, que foi descrito como aumentando a quantidade de banheiros públicos neutros em termos de gênero, enquanto o outro projeto permitia que mulheres trans teriam acesso aos banheiros públicos exclusivos para mulheres. Eles descobriram que mulheres que sentem mais ameaçadas apoiam menos o compartilhamento desse espaço com mulheres trans, agindo de modo a manter a distinção entre grupos. Também

em relação ao direito do uso de banheiro, um estudo de Harrison e Michelson (2017) manipularam a apresentação de defesas (favorável vs. desfavorável) e justificações (segurança vs. liberdade) para o uso de banheiros por pessoas trans. Os resultados indicaram que as pessoas deram menor apoio ao direito dos transgêneros na condição em que se apresentava um texto desfavorável e com justificação de segurança, que implicaria uma ameaça realista.

Em relação aos homens, o estudo de Konopka et al. (2019) investigou o papel da ameaça à masculinidade na transfobia. A ameaça de gênero foi manipulada oferecendo a homens e mulheres feedbacks fictícios sobre o seu nível de masculinidade e feminilidade. Os resultados evidenciaram que somente os homens apresentaram preconceitos mais elevados em relação às pessoas transgêneros quando foram expostos à ameaça de gênero, ou seja, quando recebiam feedbacks de alta feminilidade. Um outro estudo de Ching (2021) investigou, em uma amostra de universitários, o efeito da ameaça à masculinidade na transfobia. O experimento ofereceu feedbacks falsos que desafiava o senso de masculinidade (grupo de ameaça à masculinidade) ou afirmava a masculinidade (grupo de afirmação da masculinidade). Os resultados confirmaram um maior preconceito contra pessoas trans na condição de ameaça à masculinidade.

O estudo de Harrison e Michelson (2018) investigou experimentalmente como a ameaça de gênero afeta mais os homens do que as mulheres. Eles também manipularam a ameaça de gênero apresentando feedbacks falsos de adesão aos papéis de gênero. Homens na condição ameaçadora receberam feedback de que estavam na “faixa feminina”, enquanto as mulheres na condição ameaçadora receberam feedback de que estavam na “faixa masculina”. Os resultados evidenciaram que os homens apoiaram menos os direitos das pessoas transgênero e que ameaçar a masculinidade de um homem

aumenta a oposição aos direitos dos transgêneros, enquanto ameaçar a feminilidade de uma mulher não influenciou as atitudes das participantes do sexo feminino.

Contudo, estudos recentes questionam se existem processos psicológicos diferentes que levam a percepção de ameaça por homens e mulheres (Nagoshi et al., 2019; Outten et al., 2019), sendo possível que a identidade de homens e mulheres cisgênero seja ameaçada de diferentes formas quando pessoas trans se assemelham às cisgêneros. De acordo com a teoria da ameaça intergrupar, as ameaças às normas de gênero são consideradas mais angustiantes para os homens do que para as mulheres. Isso ocorre porque os homens detêm o poder na hierarquia de gênero e, portanto, sentem-se ameaçados quando essa hierarquia é contestada (Norton & Herek, 2013). Entretanto, as mulheres também podem se sentir ameaçadas por pessoas transgênero na medida em que sejam ativados medos específicos sobre ameaças aos papéis sociais femininos e quando elas pontuam alto em sexismo benevolente (Nagoshi et al., 2019).

Hayes e Reiman (2021) deram um passo além nessa questão ao investigar o efeito da ameaça à distintividade de gênero no apoio às políticas de banheiro inclusivas de gênero em uma amostra de mulheres. Mulheres cisgêneros leram um projeto de Lei Estadual que permitiria que mulheres transgêneros usassem banheiros públicos só para mulheres. Em uma condição experimental, as participantes ainda leram que a promulgação do projeto de lei implicaria que as instituições de seu Estado acreditavam que "as mulheres transgênero são mulheres reais" (condição de ameaça), enquanto na outra condição o projeto dizia que "os direitos dos transgêneros são direitos humanos" (condição de não ameaça). Além disso, adicionaram uma condição de controle, cuja descrição do projeto de lei proposto não tinha qualquer informação adicional. Os resultados indicaram que o apoio ao projeto de lei foi menor nas mulheres da condição de ameaça, principalmente quando estas tinham altos níveis de percepção de ameaça,

preconceito e identificação com o gênero. Ou seja, quanto mais fortes a percepção de ameaça, o preconceito e a identificação com o gênero feminino, menor foi o apoio ao projeto de lei na condição de ameaça.

No entanto, as motivações para esses questionamentos ainda não estão suficientemente claras diante de poucos estudos que investigaram o efeito da ameaça, especificamente a ameaça à distintividade de gênero, na discriminação de pessoas transgênero. Neste programa de pesquisa nos questionamos qual o papel do preconceito e da percepção de distintividade de gênero na relação entre o sexo do participante e a discriminação contra pessoas transgênero. Propomos que os homens cisgêneros expressam maior discriminação contra pessoas transgêneros por meio da percepção de distintividade de gênero e do preconceito. Além disso, propomos que as mulheres também podem agir com maior discriminação em contextos ameaçadores à distintividade de gênero e comparação com contextos não ameaçadores.

### **Visão Geral dos Estudos**

Esse programa de estudos teve como objetivo testar a hipótese de que o preconceito e a percepção de distintividade de gênero (PD) contribuem para melhor compreendermos porque homens apoiam mais a discriminação de pessoas transgênero do que mulheres. Ainda, buscamos compreender se em condições ameaçadoras à distintividade intergrupar essas diferenças entre homens e mulheres se mantêm.

No Estudo 1, manipulamos a informação sobre o sexo e a identidade de gênero de uma vítima de vazamento de fotos íntimas na internet usando um delineamento 2 (Sexo da vítima: feminino vs. masculino) x 2 (identidade de gênero da vítima: cisgênero vs. transgênero) x 2 (sexo dos participantes: feminino vs. masculino). Esperávamos que: 1) os participantes homens expressariam maior preconceito e menor suporte social à vítima

transgênero do que as participantes mulheres; 2) o preconceito mediar a relação entre o sexo do participante e o suporte social à vítima quando a notícia se referisse aos alvos transgêneros. Nos Estudos 2 e 3 ativamos a ameaça à distintividade intergrupar, especificamente a ameaça à distintividade de gênero representada por pessoas transgênero, e analisamos o efeito dessa ameaça na discriminação contra pessoas transgênero.

No Estudo 2, a ameaça à distintividade de gênero foi manipulada colocando em saliência a semelhança entre cisgêneros e transgêneros por meio de notícias fictícias. Esperávamos que: 1) nas condições de ameaça haveria maior percepção de distintividade, preconceito mais elevado e mais intenso apoio a políticas discriminatórias e menor suporte social do que na condição controle; 2) a percepção de distintividade, o preconceito e o apoio à discriminação seriam maiores nos participantes homens do que nas mulheres, enquanto o suporte social aos trans seria maior nas mulheres; 3) Os participantes homens apoiariam mais fortemente a discriminação e essa relação seria mediada sequencialmente pela percepção de distintividade e pelo preconceito, e isso ocorreria nas condições de ameaça, mas não na condição controle.

No Estudo 3, a ameaça à distintividade de gênero foi manipulada por meio de um feedback sobre os resultados em teste fictício de personalidade que colocava em saliência a semelhança (condição de ameaça à distintividade) ou diferença (condição de afirmação da distintividade) entre a personalidade dos participantes cisgêneros e a das pessoas transgênero. Nesse estudo esperávamos que: 1) na condição de ameaça haveria maior percepção de distintividade, maior preconceito e menor suporte social aos transgêneros; 2) os participantes homens apresentariam maior percepção de distintividade e preconceito e menor suporte social; 3) A relação entre o sexo dos participantes e o suporte social seria mediada sequencialmente pela percepção de distintividade e pelo preconceito, e isso

ocorreria na condição de ameaça, mas não na condição de afirmação da distintividade, isto é, quando foi ressaltada as diferenças entre a personalidade dos participantes e a de pessoas transgênero.

### **Estudo 1**

Este estudo objetivou testar a hipótese de que os homens discriminam mais as pessoas transgênero do que mulheres, e isso ocorre porque eles são mais reativos à situações envolvendo pessoas transgênero expressando mais preconceito. Especificamente, manipulamos a informação sobre o alvo de uma notícia fictícia envolvendo o vazamento de fotos na internet, em que a vítima poderia ser homem (vs. mulher) e cisgênero (vs. transgênero). Esperávamos que, na condição experimental em que a vítima fosse uma pessoa transgênero, os participantes homens expressariam maior preconceito e menor suporte social à essa vítima do que as participantes mulheres. Prevemos, também, que esse efeito seria mediado pelo preconceito.

### **Método**

#### ***Participantes***

Cento e sessenta e dois universitários brasileiros com idades entre 18 e 55 anos ( $M = 20,97$ ;  $DP = 4,71$ ), a maioria homens (50,3%), sendo todos heterossexuais e cisgêneros. A maioria eram solteiros (89,6%) e grande parte de religião católica (45,4%). Análise da sensibilidade da amostra realizada no WebPower (Zhang & Yuan, 2018) informou que o tamanho dessa amostra possibilita a detecção de efeitos moderados ( $f = 0,22$ ), tendo em conta  $\alpha = 0,05$  e poder do teste  $\beta = 0,80$ .

#### ***Procedimentos e Manipulação***

A coleta de dados foi presencial em ambiente coletivo de salas de aulas. A manipulação foi realizada variando a informação sobre a pessoa descrita em uma notícia

fictícia (Apêndice C). Os participantes visualizaram uma notícia supostamente publicada na versão online de um jornal de grande circulação. A notícia descrevia a seguinte situação com a qual manipulamos a informação sobre o sexo do alvo atribuído ao nascer (feminino vs. masculino) e a sua identidade de gênero (cisgênero vs. transgênero):

*(João/ Joana), 25 anos, (Mulher transgênero/ Homem transgênero) enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois (ele/ela) teve fotos íntimas divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. (João/Joana) pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.*

O sexo do alvo atribuído ao nascer foi apresentado antes da notícia. Na condição cisgênero, dizia-se, por exemplo, que “*João nasceu um menino como os outros. Na infância teve muitos amigos(as) e gostava de tirar fotos*”, enquanto que na condição transgênero foi acrescentada ao texto a seguinte informação: “*No entanto, na fase adulta ele passou a ser ver e se comportar como uma mulher (mulher transgênero) e hoje se chama Joana*”. Nas condições de mulher cisgênero e homem transgênero alterava-se apenas o nome e os pronomes. A manipulação resultou em quatro condições experimentais referentes ao alvo da notícia: Homem Cisgênero (N = 38); Mulher cisgênero (N = 44); Homem transgênero (N = 40) e Mulher transgênero (N = 41).

### **Medidas**

*Preconceito contra pessoas transgênero.* Aplicamos a Escala de preconceito contra Mulheres Transgênero (PTS-W) e Escala de preconceito contra Homens Transgênero (PTS-M), ambas desenvolvidas por Lima e Pereira (2022). Cada versão contém 10 itens (e.g. “Um homem / Uma mulher que se opera para “mudar de sexo” é imoral”) com a escala de resposta Likert variando entre 1 (Discordo Muito) a 5 (Concordo Muito). As consistências internas das escalas PTS-M e PTSW nesse estudo foram de 0,96

e 0,97, respectivamente. Agregamos os escores das duas escalas numa medida global de preconceito contra transgênero, pois a correlação entre as escalas foi quase perfeita ( $r = 0,99$ ).

*Suporte social aos transgêneros.* Três itens foram desenvolvidos para avaliar o comportamento de apoio ao alvo da notícia: “Apoiaria João\Joana compartilhando a notícia nas redes sociais”; “Doaria uma quantia em dinheiro para João\Joana pagar advogados”; “Seria amigo(a) de João\Joana”. Os itens foram respondidos em uma escala de resposta variando de 0 (muito improvável) a 4 (Muito provável). A consistência interna da medida foi  $\alpha = 0,64$ . A média do somatório das respostas foi pontuada para a utilização nas análises.

*Verificação da Manipulação.* No fim do questionário, perguntou-se aos participantes sobre o sexo ao nascer e a identidade de gênero da vítima reportada na notícia. Erraram ao classificar homem cisgênero ( $N = 5$ ), mulher cisgênero ( $N = 10$ ), homem transgênero ( $N = 3$ ) e mulher transgênero ( $N = 1$ ). Esses participantes foram retirados do estudo por não haver garantia de que leram e compreenderam a notícia.

### ***Análise de dados***

Realizamos estatísticas descritivas (média e desvio-padrão), correlação bivariada de Pearson, ANOVA fatorial, comparações múltiplas (correção de Bonferroni) e modelos de mediação moderada no macro PROCESS (Hayes, 2018).

## **Resultados**

### ***Análises Preliminares***

As correlações bivariadas (Tabela 1 - Apêndices) evidenciaram uma relação linear do sexo dos participantes com o preconceito e o suporte social. Também observamos correlações negativas entre o preconceito e o suporte social, indicando que quanto maior o preconceito e menor suporte social às vítimas transgênero. Como visto na tabela 2,

quando a vítima-alvo foi descrita como transgênero, os participantes homens apresentaram maior média de preconceito e menor média de suporte social do que mulheres. Além disso, participantes mulheres, mais do que homens, tenderam a dar maior suporte social às vítimas.

### ***Preconceito contra pessoas transgênero***

Os resultados de uma ANOVA 2(sexo do alvo) \*2(identidade de gênero do alvo) \* 2(sexo dos participantes) mostraram efeitos principais não significativos do sexo do alvo [ $F(1, 150) = 1,75$ ;  $p = 0,187$ ;  $\eta_p^2 = 0,012$ ] e da identidade de gênero do alvo [ $F(1, 150) = 0,59$ ;  $p = 0,442$ ;  $\eta_p^2 = 0,004$ ] no preconceito. Contudo, a interação tripla Sexo do alvo\*Identidade de gênero\* Sexo do participante foi significativa [ $F(4, 150) = 2,51$ ;  $p = 0,044$ ,  $\eta_p^2 = 0,063$ ]. Comparações múltiplas evidenciaram que os participantes homens expressaram mais preconceito do que as participantes mulheres na condição de homem trans ( $b = 0,75$ ;  $EP = 0,29$ ;  $p = 0,011$ ;  $d = 0,80$ ). Diferenças em função do sexo dos participantes foram não significativas para o apoio de outros grupos-alvo (Médias na Tabela 2).

### ***Suporte Social***

Em relação ao suporte social, também não observamos efeitos principais significativos do sexo do alvo [ $F(1, 153) = 0,24$ ;  $p = 0,624$ ;  $\eta_p^2 = 0,002$ ] e da identidade de gênero do alvo [ $F(1, 153) = 0,03$ ;  $p = 0,850$ ;  $\eta_p^2 = 0,004$ ], mas sim uma interação tripla significativa: Sexo do alvo\* Identidade de gênero\*Sexo do participante [ $F(4, 153) = 3,28$ ;  $p = 0,013$ ,  $\eta_p^2 = 0,079$ ]. Comparações múltiplas evidenciaram que os participantes homens expressaram menor suporte social às mulheres trans quando comparados às participantes mulheres ( $b = -0,55$ ;  $EP = 0,28$ ;  $p = 0,008$ ;  $d = 0,86$ ). Diferenças de gênero não ocorreram para o apoio de outros grupos-alvo.

**Tabela 2***Médias e Desvios-padrão em Cada Subgrupo*

|                |                      | <b>Cisgênero</b>  |                   | <b>Transgênero</b> |                   |
|----------------|----------------------|-------------------|-------------------|--------------------|-------------------|
|                | Sexo do participante | Feminino          | Masculino         | Feminino           | Masculino         |
| Preconceito    | Homem                | 2,25 <sup>a</sup> | 1,77 <sup>a</sup> | 2,36 <sup>b</sup>  | 1,90 <sup>a</sup> |
|                |                      | (1,01)            | (0,75)            | (1,00)             | (0,71)            |
|                | Mulher               | 1,88 <sup>a</sup> | 2,04 <sup>a</sup> | 1,61 <sup>a</sup>  | 1,62 <sup>a</sup> |
|                |                      | (1,09)            | (0,82)            | (0,87)             | (0,80)            |
| Suporte social | Homem                | 2,53 <sup>a</sup> | 2,33 <sup>a</sup> | 2,40 <sup>a</sup>  | 2,30 <sup>a</sup> |
|                |                      | (0,49)            | (0,74)            | (0,56)             | (0,69)            |
|                | Mulher               | 2,77 <sup>a</sup> | 2,68 <sup>a</sup> | 2,67 <sup>a</sup>  | 2,86 <sup>b</sup> |
|                |                      | (0,53)            | (0,81)            | (0,65)             | (0,61)            |

*Nota:* Sobrescritos diferentes indicam diferenças significativas ( $p < .05$ ).

### ***Modelos de Mediação Moderada***

Para testar a segunda hipótese, realizamos análises de mediação moderada (Modelo 59, PROCESS) e incluímos o sexo do participante (0 = Feminino; 1 = Masculino) como variável preditora, o preconceito contra pessoas transgênero como variável mediadora e o suporte social como variável dependente. Como moderador desse processo incluímos a condição experimental Identidade de gênero (1 = Cisgênero; 2 = Transgênero). Devido ao fato de o sexo do alvo moderar as reações dos participantes homens e mulheres aos alvos transgênero e cisgênero, analisamos a mediação separadamente para alvos masculinos e femininos.

#### ***Mulher Transgênero***

Os resultados mostraram que o sexo dos participantes previu diretamente o suporte social na condição em que o alvo era uma mulher transgênero (Figura 1D).

Entretanto, a mediação por meio do preconceito não foi significativa (Efeito indireto:  $b = -0,12$ ; EP = 0,12; IC 95% [-0,38; 0,09]).

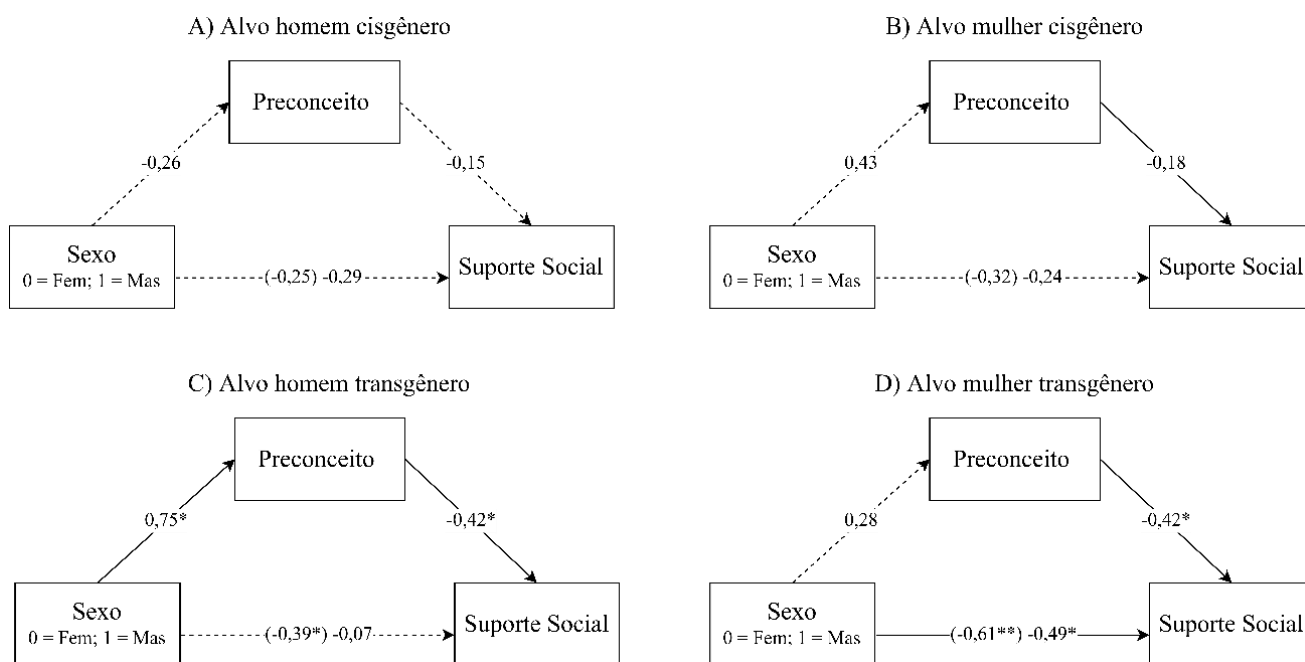
### *Homem Transgênero*

Os resultados mostraram que, na condição em que o alvo era um homem transgênero (Figura 1C), a relação entre o sexo do participante e o suporte social foi mediada pelo preconceito (Efeito indireto:  $b = -0,32$ ; EP = 0,13; IC 95% [-0,59; -0,05]). Os homens expressaram mais preconceito, e este relacionou-se negativamente com o suporte social aos homens trans.

Um processo completamente diferente ocorreu quando descrevemos a vítima como cisgênero (Figura 1A e 1B), pois nenhuma das relações entre as variáveis foi significativa.

**Figura 1**

### *Modelo de Mediação Moderada para o Suporte Social*



Nota: \*  $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$ .

## **Discussão**

Os resultados confirmam a hipótese de que os homens expressam mais preconceito e, conseqüentemente, oferecem menor suporte social à uma vítima transgênero. A análise de mediação moderada evidenciou que, quando expostos a uma situação em que pessoas trans são enfatizadas, como em um contexto de vitimização, os homens oferecem menor suporte social do que as mulheres. Essa relação entre o sexo dos participantes e o comportamento de apoio dado às vítimas trans foi mediada pelo preconceito quando o alvo era um homem transgênero, pois quanto maior o preconceito, menor o suporte social. Desta forma, mostrou-se que parte da motivação para um comportamento discriminatório depende de atitudes negativas frente a esse grupo das pessoas transgênero. No entanto, na condição em que a vítima era uma mulher transgênero, a relação entre o sexo dos participantes e apoio à vítima ocorreu de forma direta, e não indireta como prevíamos. O presente estudo, no entanto, não levou em conta fatores explicativos do preconceito contra pessoas trans, que pode ajudar a explicar a motivação dos homens para discriminarem mais do que mulheres. Isso será feito no Estudo 2, por meio da manipulação da ameaça à distintividade de gênero.

## **Estudo 2**

O presente estudo busca dar um passo além na compreensão da relação entre o sexo dos participantes e a discriminação contra pessoas transgênero, pois avalia experimentalmente o papel da percepção de distintividade de gênero (PD) como antecedente do preconceito. Neste estudo, a ameaça à distintividade de gênero foi manipulada colocando em saliência as semelhanças entre cisgêneros e transgêneros numa notícia fictícia. Para isso, cada participante lia um de três textos que manipulavam as informações sobre o sexo e a identidade de gênero da vítima. Esperávamos que: 1) haveria maior PD, preconceito, apoio a políticas discriminatórias e menor suporte social aos trans

nas condições de ameaça do que na condição controle; 2) Os participantes homens expressariam maior PD, preconceito e apoio à discriminação, e menor suporte social aos trans do que mulheres; 3) a relação entre o sexo dos participantes e o apoio à discriminação seria mediada pela PD e pelo preconceito, e isso ocorrerá nas condições de ameaça, mas não na condição controle.

## **Método**

### ***Participantes***

Estimamos o tamanho da amostra no WebPower (Zhang & Yuan, 2018) tendo em conta um tamanho de efeito baixo ( $d = 0,20$ ;  $\alpha = 0,05$  e poder do teste  $\beta = 0,80$ ), o qual indicou ser necessária uma amostra composta por 243 ou mais participantes. Contudo, resolvemos realizar o estudo com uma amostra ligeiramente maior para prevenirmos a presença de casos não elegíveis, *missing data* e outliers extremos. Assim, participaram do estudo 282 pessoas. No entanto, verificamos que 80 casos foram não elegíveis para a amostra porque se declararam não heterossexuais e seis foram *outliers* extremos ( $\pm 3SD$ ) na variável dependente suporte social. Assim, a amostra final contou com 196 participantes que se declararam ser heterossexuais, o que nos assegurou ao menos 50 casos em cada condição experimental. A idade deles situa-se entre 18 e 61 anos ( $M = 30,7$ ;  $DP = 10,26$ ), sendo a maioria do sexo feminino (65%). Alocamos aleatoriamente os participantes a uma de três condições experimentais consoante o alvo de preconceito: Mulheres transgênero ( $n = 63$ ) vs. Homens transgênero ( $n = 66$ ) vs. Controle ( $n = 67$ ).

### ***Procedimentos e Manipulação***

Realizamos a coleta de dados de forma online por meio da plataforma de recolha de dados Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>). Realizamos a manipulação de acordo com o tema dos cenários apresentados em forma de notícias (Apêndice C). Os participantes visualizaram uma de três possíveis notícias supostamente publicadas na

versão online de um jornal. Ao final do questionário de pesquisa foi feito um debriefing. Na condição mulher transgênero, os participantes leram a seguinte notícia:

“Fim da diferença entre Mulheres transgêneros e cisgêneros

Transgêneros são indivíduos transgêneros que se identificam com um gênero oposto ao do sexo atribuído a eles no nascimento. Enquanto Cisgêneros são a maioria da população, representada por indivíduos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceu. Logo, uma mulher transgênero nasceu com sexo biológico masculino, mas se identifica com o gênero feminino. Isto é, nasceu homem, mas agora é mulher.

Geralmente, as mulheres transgênero sentem a necessidade de fazer a transição física de um sexo para outro. Desde a demonstração de sua eficácia em 2019, o transplante uterino (TU) tornou possível que pacientes que passam por transição de gênero um dia tenham seus próprios filhos biológicos. O Cirurgião Dean Hamer (Instituto Nacional de Saúde dos EUA) já realizou a cirurgia em 17 mulheres transgênero. Em conjunto com tratamento hormonal para produção de óvulos e a cirurgia TU, especialistas da área médica afirmam que mulheres transgênero podem ser consideradas biologicamente idênticas a mulheres cisgêneros.

Obviamente, não é nosso papel legislar ou tomar uma posição a respeito do acesso à TU para essas mulheres transgênero. De fato, não é tecnicamente possível que tais procedimentos devam ser necessariamente executados, e não cabe à profissão médica decidir sobre as possibilidades de fertilidade em mulheres transgênero, principalmente porque esse tópico é objeto de acalorado debate na sociedade.”

Na condição homem transgênero, os participantes leram o mesmo texto acima, porém alteramos a identidade de gênero e o tipo de cirurgia para a transição do sexo biológico feminino para o masculino. Na condição de controle, os participantes leram o seguinte texto que não aborda qualquer questão sobre os temas da sexualidade ou identidade de gênero:

“Pesquisa descobre número de civilizações Extraterrestres

Um novo estudo, publicado no último dia 10 no periódico científico *The Astrophysical Journal*, apontou que o número mais provável de civilizações alienígenas contatáveis na Via Láctea é 36. Trata-se da primeira vez em que se estimou a quantidade de povos extraterrestres inteligentes e comunicáveis na galáxia.

A pesquisa usou uma equação como base o número de estrelas que se formam anualmente na galáxia e o tempo durante o qual cada civilização seria capaz de enviar sinais de vida detectáveis por nós. O problema é que a equação envolve incógnitas muito difíceis de se precisar. Por isso, os resultados da conta podem variar muito. Como forma de tentar compensar esse fato, os cientistas participantes do novo estudo buscaram refinar a equação e adicionar novos dados para obter respostas menos genéricas. Uma das suposições que os pesquisadores fizeram é a de que a vida inteligente se forma de um modo específico, científico, e não aleatoriamente.

Por isso, há evidências de que essas civilizações deveriam ter ao menos algumas semelhanças com os terráqueos, e além disso, tecnologias superiores. De fato, não podemos ter certeza que a pesquisa está correta, não cabe à profissão jornalística decidir sobre as possibilidades de vida fora da terra, principalmente porque esse tópico é objeto de acalorado debate na sociedade.”

## **Medidas**

*Avaliação da Notícia.* Os participantes avaliaram a qualidade da notícia lida atribuindo notas variando de 0 a 10 aos seguintes critérios: Clareza, Objetividade e Boa redação. Os três itens apresentaram um componente de avaliação positiva da notícia com consistência interna satisfatória ( $\alpha = 0,89$ ).

*Percepção de Distintividade de Gênero.* Realizamos uma adaptação da escala proposta por Figueiredo e Pereira (2021) para o contexto cisgêneros versus transgênero, por meio do qual os participantes indicaram o quanto pessoas Cisgêneros se diferenciam de Transgêneros (e.g. Transgêneros e Cisgêneros são essencialmente diferentes). A escala contém cinco itens respondidos por meio de uma escala tipo Likert de 7 pontos (1 = Discordo Muito a 7 = Concordo Muito). Uma análise fatorial mostrou que esses itens carregaram em um único fator (autovalor = 2,81; 56,3% de variância explicada; cargas fatoriais: 0,59 e 0,80). A análise de sua consistência mostrou  $\alpha = 0,80$ .

*Apoio a Políticas Discriminatórias.* Desenvolvemos para esse estudo 10 itens referentes a supostos projetos de lei aplicados às pessoas transgênero que tinham uma posição discriminatória (e.g., Proibição da cirurgia para mudar de sexo, redesignação sexual”) e não discriminatórias (e.g., “Pessoas transgênero devem escolher o banheiro público que quiser frequentar”). Os itens não-discriminatórios foram invertidos. Análise fatorial indicou que os itens carregaram em um único fator (autovalor = 4,80; 48,05% de variância explicada; cargas fatoriais entre 0,36 e 0,80). A consistência interna da medida foi  $\alpha = 0,85$ .

*Apoio à redesignação sexual (Suporte social).* Apresentamos aos participantes a seguinte situação: “Há também um projeto de lei para ser aprovado no parlamento cujo objetivo é dar apoio financeiro do Estado às pessoas transgênero que desejam fazer a cirurgia de redesignação sexual”. Em seguida perguntamos-lhes “na sua opinião, qual é valor em dinheiro que o estado deve dar caso o projeto fosse a aprovado?” As respostas

variaram entre 0 e 300 mil reais ( $M = 4411,59$ ;  $SD = 7241,75$ ). Os valores foram transformados em logaritmo natural para as análises por sua distribuição ter sido positivamente assimétrica.

*Preconceito contra Pessoas Transgênero.* Como no Estudo 1, aplicamos a Escala de preconceito contra Mulheres Transgênero (PTS-W) e a Escala de preconceito contra homens Transgênero (PTS-M), ambas desenvolvidas por Lima e Pereira (2021). As consistências internas da PTS-M e PTSW neste estudo foram de 0,96 e 0,97, respectivamente. No entanto, usamos uma medida global de preconceito, referente a média entre as duas pontuações na PTS-M e PTS-W, pois ambas estão fortemente correlacionadas.

*Manipulation check.* No fim do questionário, pedimos aos participantes que indicassem o assunto da notícia que eles leram. A maioria dos participantes indicaram correlatamente (89%). No entanto, 11% erraram as respostas e por esta razão os eliminamos das análises.

## **Resultados**

### ***Avaliação da notícia***

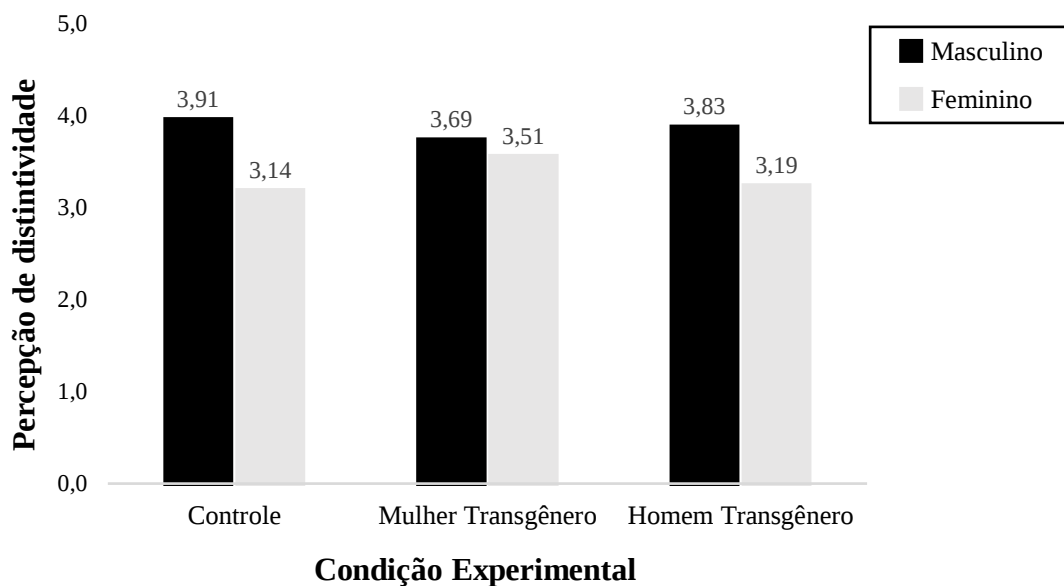
A avaliação da notícia não foi diferente entre as condições experimentais [ $F(2, 194) = 0,44$ ;  $p = 0,640$ ;  $\eta_p^2 = 0,005$ ], entre os sexos dos participantes [ $F(1, 194) = 1,48$ ;  $p = 0,224$ ;  $\eta_p^2 = 0,008$ ] nem foi significativa interação entre a condição experimental e sexo do participante [ $F(2, 194) = 1,38$ ;  $p = 0,253$ ;  $\eta_p^2 = 0,014$ ]. Isto significa que as notícias são equivalentes entre as condições do nosso desenho de pesquisa, um aspecto importante que refuta explicações alternativas baseadas em possíveis diferenças na qualidade percebidas das notícias que os participantes leram.

### ***Percepção de Distintividade de Gênero***

O efeito principal da manipulação experimental da ameaça na percepção de distintividade de gênero não foi significativo [ $F(2, 186) = 0,07$ ;  $p = 0,932$ ;  $\eta_p^2 = 0,000$ ]. Já o efeito principal do sexo do participante foi significativo [ $F(1, 186) = 6,66$ ;  $p = 0,01$ ;  $\eta_p^2 = 0,035$ ], de modo que os homens mostraram maior percepção de distintividade ( $M = 3,83$ ;  $DP = 1,35$ ) do que as mulheres ( $M = 3,29$ ;  $DP = 1,33$ ) ( $d = 0,40$ ). Os homens ( $M = 3,91$ ;  $DP = 1,25$ ) perceberam maior distintividade do que mulheres ( $M = 3,14$ ;  $DP = 1,31$ ) na condição controle ( $b = 0,77$ ;  $EP = 0,33$ ;  $p = 0,020$ ,  $d = 0,60$ ). Na condição de ameaça por mulher transgênero, não houve diferença significativa entre os sexos ( $b = 0,17$ ;  $EP = 0,37$ ;  $p = 0,636$ ;  $d = 0,12$ ). Já na condição de homem transgênero, a diferença entre homens e mulheres foi marginalmente significativa ( $b = 0,63$ ;  $EP = 0,35$ ;  $p = 0,007$ ;  $d = 0,47$ ), dado que os homens ( $M = 3,83$ ;  $DP = 1,39$ ) perceberam maior distintividade do que mulheres ( $M = 3,19$ ;  $DP = 1,33$ ). Apesar do padrão das diferenças não ser o mesmo entre as condições da ameaça, o efeito de interação foi não significativo, [ $F(2, 186) = 0,74$ ;  $p = 0,4748$ ;  $\eta_p^2 = 0,008$ ]. As médias dos grupos separadas para participantes homens e mulheres são apresentadas na Figura 3.

**Figura 3.**

*Percepção de distintividade em função da condição experimental e do sexo dos participantes.*



### ***Preconceito contra pessoas transgênero***

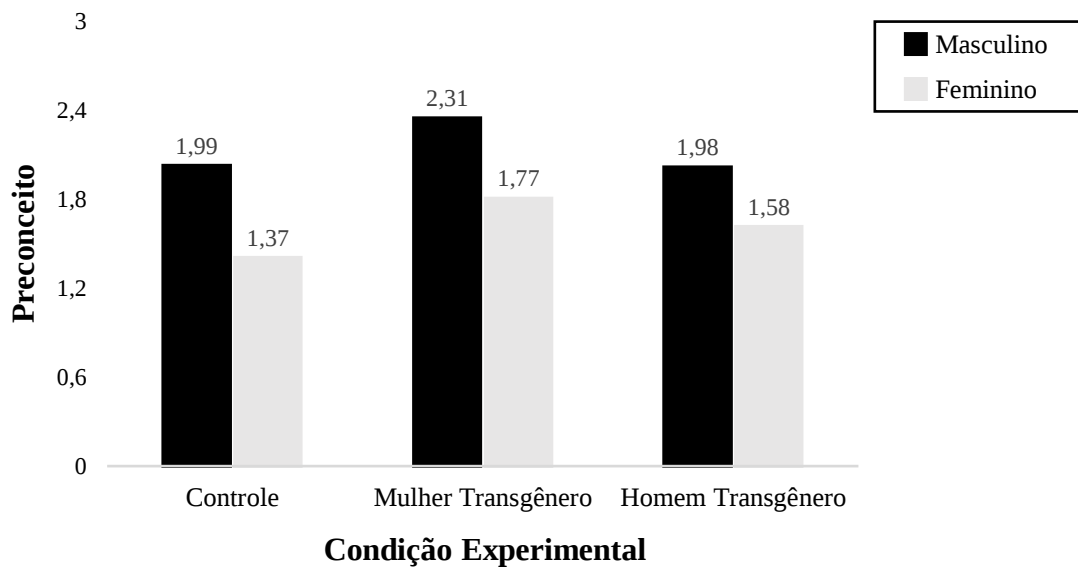
O efeito da manipulação experimental da ameaça no preconceito global contra pessoas transgênero não foi significativo [ $F(2, 190) = 1,96$ ;  $p = 0,143$ ;  $\eta_p^2 = 0,020$ ], embora tenhamos observado preconceito ligeiramente maior na condição de mulher transgênero ( $M = 1,92$ ;  $DP = 1,10$ ) do que na condição controle ( $M = 1,63$ ;  $DP = 0,89$ ).

Já o efeito do sexo dos participantes foi significativo [ $F(1, 190) = 12,19$ ;  $p = 0,001$ ;  $\eta_p^2 = 0,060$ ], de modo que os homens mostraram maior preconceito ( $M = 2,07$ ;  $DP = 1,19$ ) do que as mulheres ( $M = 1,58$ ;  $DP = 0,84$ ). A interação entre a manipulação experimental da ameaça e o sexo do participante não foi significativa [ $F(2, 190) = 0,21$ ;  $p = 0,80$ ;  $\eta_p^2 = 0,002$ ]. No entanto, observamos que, nas participantes mulheres, houve preconceito marginalmente maior na condição mulher transgênero ( $M = 1,77$ ;  $DP = 0,98$ ) quando comparado com a condição de controle ( $M = 1,37$ ;  $DP = 0,57$ ) ( $b = 0,40$ ;  $EP = 0,21$ ;  $p = 0,063$ ;  $d = 0,49$ ). Também observamos que os homens expressaram mais

preconceito do que as mulheres na condição controle ( $b = 0,62$ ;  $EP = 0,24$ ;  $p = 0,011$ ,  $d = 0,69$ ) e na condição de mulheres transgênero ( $b = 0,53$ ;  $EP = 0,27$ ;  $p = 0,052$ ,  $d = 0,46$ ). Na condição experimental de homem transgênero não houve diferença significativa entre os sexos dos participantes ( $b = 0,39$ ;  $EP = 0,25$ ;  $p = 0,119$ ,  $d = 0,39$ ). As médias dos grupos separadas para participantes homens e mulheres são apresentadas na Figura 4.

**Figura 4.**

*Preconceito contra pessoas transgênero em função da condição experimental e sexo dos participantes*



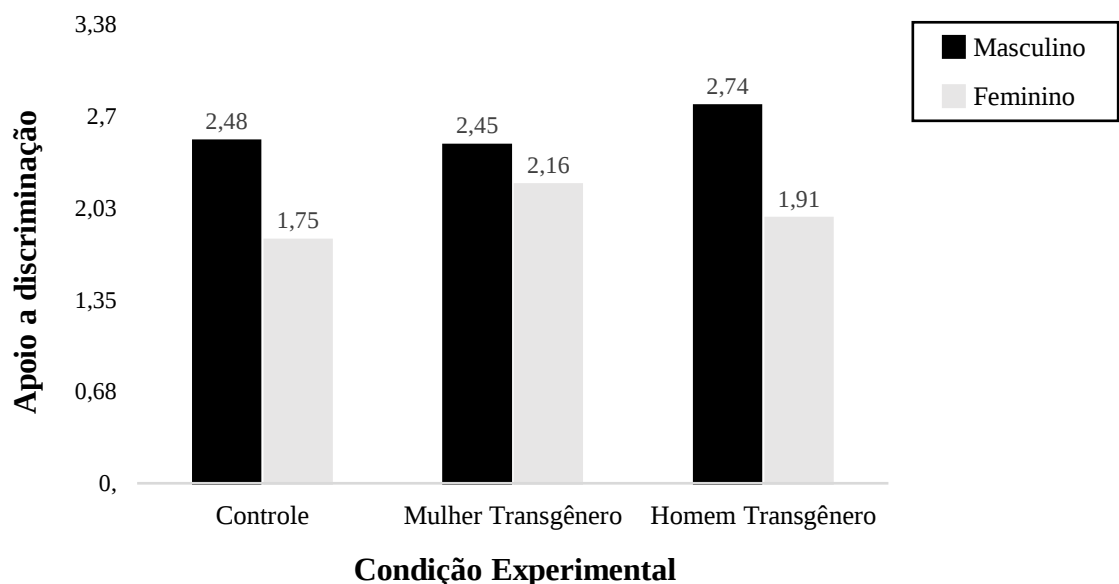
#### ***Apoio à Políticas Discriminatórias***

O efeito principal da ameaça no apoio à discriminação não foi significativo [ $F(2, 181) = 1,06$ ;  $p = 0,346$ ;  $\eta_p^2 = 0,012$ ]. Já o efeito principal do sexo dos participantes foi significativo [ $F(1, 181) = 21,38$ ;  $p < 0,001$ ;  $\eta_p^2 = 0,106$ ], de modo que os homens ( $M = 2,56$ ;  $DP = 0,97$ ) mostraram maior apoio à discriminação contra pessoas transgênero do que mulheres ( $M = 1,95$ ;  $DP = 0,79$ ) ( $b = 0,61$ ;  $EP = 0,13$ ;  $p < 0,001$ ;  $d = 0,68$ ). Analisamos também se a diferença entre os sexos dos participantes também ocorria em cada uma das condições experimentais (Figura 5). Os homens ( $M = 2,48$ ;  $DP = 0,99$ ) apoiaram mais a discriminação do que mulheres ( $M = 1,75$ ;  $DP = 0,57$ ) na condição

controle ( $b = 0,72$ ;  $EP = 0,21$ ;  $p = 0,001$ ,  $d = 0,90$ ). Este efeito ocorreu também na condição de ameaça por homens transgênero, pois os participantes do sexo masculino apoiaram significativamente mais a discriminação ( $M = 2,74$ ;  $DP = 0,86$ ) do que as participantes do sexo feminino ( $M = 1,91$ ;  $DP = 0,67$ ), ( $b = 0,83$ ;  $EP = 0,22$ ;  $p < 0,001$ ,  $d = 1,07$ ). Já na condição de ameaça por mulheres transgênero, não houve diferença significativa no apoio à discriminação entre homens e mulheres ( $b = 0,28$ ;  $EP = 0,24$ ;  $p = 0,245$ ,  $d = 0,27$ ). Por fim, analisando a influência da ameaça no apoio à discriminação, observamos que as participantes mulheres apoiaram mais a discriminação na condição mulher transgênero ( $M = 2,16$ ;  $DP = 1,00$ ) do que na condição controle ( $M = 1,75$ ;  $DP = 0,57$ ) ( $b = 0,40$ ;  $EP = 0,19$ ;  $p = 0,037$ ;  $d = 0,50$ ), enquanto que, nos homens, não houve diferenças significativas entre as três condições. Apesar de termos observado um padrão diferente de reação à manipulação em homens e mulheres, a interação entre essa manipulação e o sexo dos participantes não foi significativa [ $F(2, 186) = 1,45$ ;  $p = 0,237$ ;  $\eta_p^2 = 0,016$ ].

**Figura 5.**

*Apoio a discriminação contra pessoas transgênero em função da condição experimental e do sexo dos participantes*

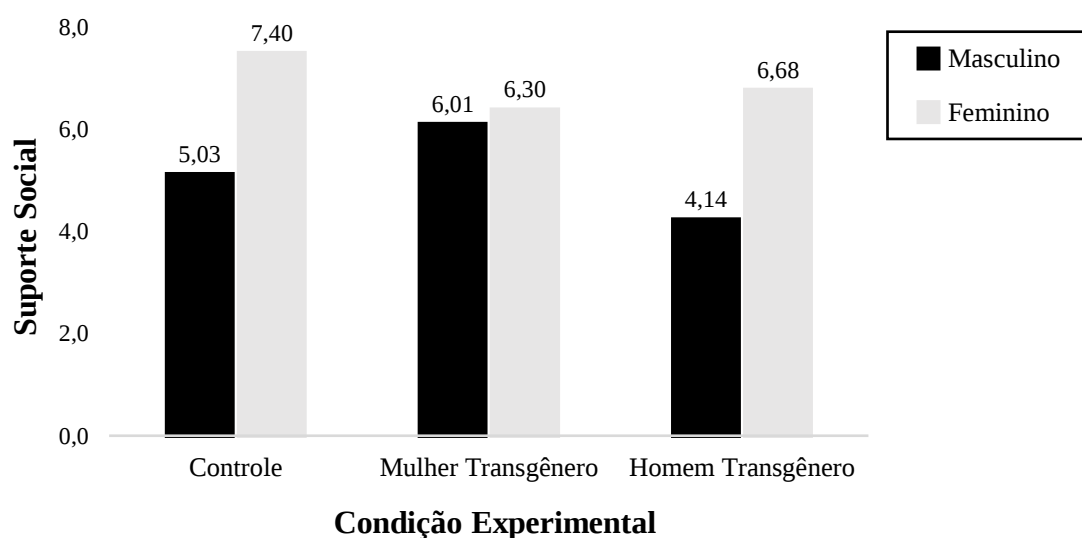


### ***Suporte Social***

Avaliamos o valor em dinheiro atribuído para a cirurgia de redesignação sexual logaritimizado como uma medida de suporte social. Observamos que o efeito da ameaça no suporte social não foi significativo [ $F(2, 181) = 0,71$ ;  $p = 0,491$ ;  $\eta_p^2 = 0,008$ ], mas houve diferença significativa entre os sexos dos participantes [ $F(1, 181) = 7,85$ ;  $p = 0,006$ ;  $\eta_p^2 = 0,042$ ]: os homens expressaram menor suporte social do que as mulheres ( $d = 0,43$ ). Esse efeito foi significativo na condição de controle ( $b = -2,36$ ;  $EP = 1,00$ ;  $p = 0,019$ ;  $d = 0,65$ ) e na condição de ameaça por homens transgênero ( $b = -2,54$ ;  $EP = 1,06$ ;  $p = 0,018$ ;  $d = 0,64$ ), enquanto que, na condição de ameaça por mulheres transgênero, não houve diferença entre os sexos. Apesar deste padrão de resposta ser claramente diferente (Figura 6), a interação entre a manipulação experimental da ameaça e o sexo dos participantes não foi significativa [ $F(2, 181) = 1,26$ ;  $p = 0,285$ ;  $\eta_p^2 = 0,014$ ].

**Figura 6.**

*Suporte social em função da condição experimental e sexo dos participantes*



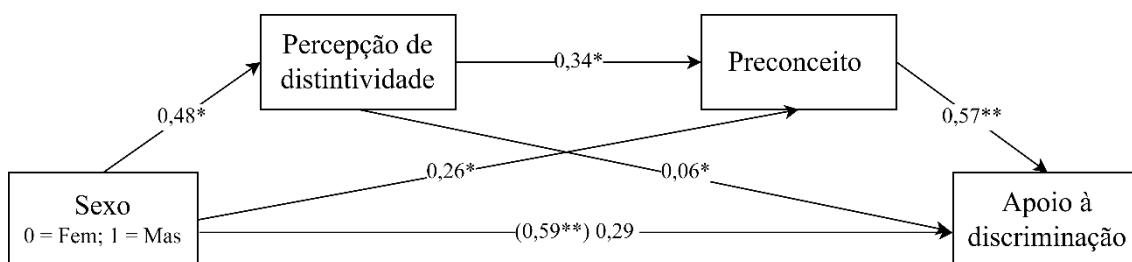
### ***Modelo de Mediação Serial***

Tomando em consideração os resultados das análises anteriores, estimamos um modelo explicativo para o Apoio à discriminação. Para isso, utilizamos a ferramenta

PROCESS (Hayes, 2013) para SPSS adotando o Modelo 6. Nesse macro utilizamos o método *bootstrapping*, que permite avaliar os efeitos diretos e indiretos de variáveis de forma a maximizar o poder:

**Figura 7.**

*Efeito do sexo do participante no apoio à discriminação mediado sequencialmente pela percepção de distintividade de gênero e pelo preconceito contra pessoas transgênero.*



*Nota:* Os números representam os coeficientes não estandardizados. \*  $p < 0,05$ .

O modelo de mediação múltipla serial (Figura 7) apresenta como variável dependente o apoio à discriminação (D), como variável independente o sexo dos participantes e como variáveis mediadoras a percepção de distintividade de gênero (PD) e o preconceito contra pessoas transgênero (P). O efeito indireto total foi significativo ( $b = 0,29$ ;  $EP = 0,10$ ;  $IC\ 95\% = [0,09; 0,50]$ ), de modo que os homens expressaram maior PD do que as mulheres ( $b = 0,18$ ;  $EP = 0,20$ ;  $p = 0,020$ ). A PD, por sua vez, relacionou-se com o maior preconceito contra pessoas transgênero ( $b = 0,39$ ;  $EP = 0,04$ ;  $p < 0,001$ ). Por fim, o preconceito associou-se com o maior apoio à discriminação ( $b = 0,57$ ;  $EP = 0,04$ ;  $p < 0,001$ ).

Somente o caminho incluindo as duas variáveis mediadoras (Sexo → PD → Preconceito → Apoio à discriminação) foi significativo, pois os seus intervalos de confiança não contêm zero. Estes dados são ilustrados na tabela 3.

**Tabela 3.**

*Método de bootstrapping para a análise do efeito indireto da mediação, cujo outcome é a Apoio à Discriminação.*

|                              | Mediation Model    |           |          | Bootstrapping |       |
|------------------------------|--------------------|-----------|----------|---------------|-------|
|                              | <i>Coeficiente</i> | <i>SE</i> | <i>p</i> | BC 95% CI     |       |
|                              |                    |           |          | Lower         | Upper |
| <b>Efeito total</b>          | 0,59               | 0,12      | 0,0000   | 0,341         | 0,846 |
| <b>Efeito direto</b>         | 0,29               | 0,08      | 0,0009   | 0,122         | 0,467 |
| <b>Efeitos indiretos</b>     |                    |           |          |               |       |
| <b>Efeito indireto total</b> | 0,33               | 0,11      |          | 0,113         | 0,542 |
| Sexo → PD → D                | 0,03               | 0,02      |          | -0,003        | 0,096 |
| Sexo → P → D                 | 0,17               | 0,08      |          | -0,002        | 0,351 |
| Sexo → PD → P → D            | 0,12               | 0,05      |          | 0,021         | 0,224 |

Em seguida, o modelo de mediação serial foi executado incluindo a manipulação experimental da ameaça como variável moderadora (Modelo 92, PROCESS). Os resultados dessa mediação (Figura 8) evidenciaram uma interação significativa entre o preconceito e a manipulação experimental ( $b = -0,13$ ;  $EP = 0,06$ ;  $p = 0,023$ ;  $CI\ 95\% = [-0,25; -0,02]$ ).

A mediação Sexo → PD → D foi significativa apenas na condição de ameaça representada pelas mulheres trans (efeito indireto:  $b = 0,02$ ;  $EP = 0,05$ ;  $CI\ 95\% = [0,001; 0,098]$ ). Ou seja, na condição na qual as mulheres trans estavam salientes, os homens expressaram maior sentimento de ameaça à sua distintividade de gênero e, quanto maior foi esse sentimento, maior foi o seu apoio à discriminação. Nas condições controle e de ameaça representada pelos homens trans, a mediação foi não significativa.

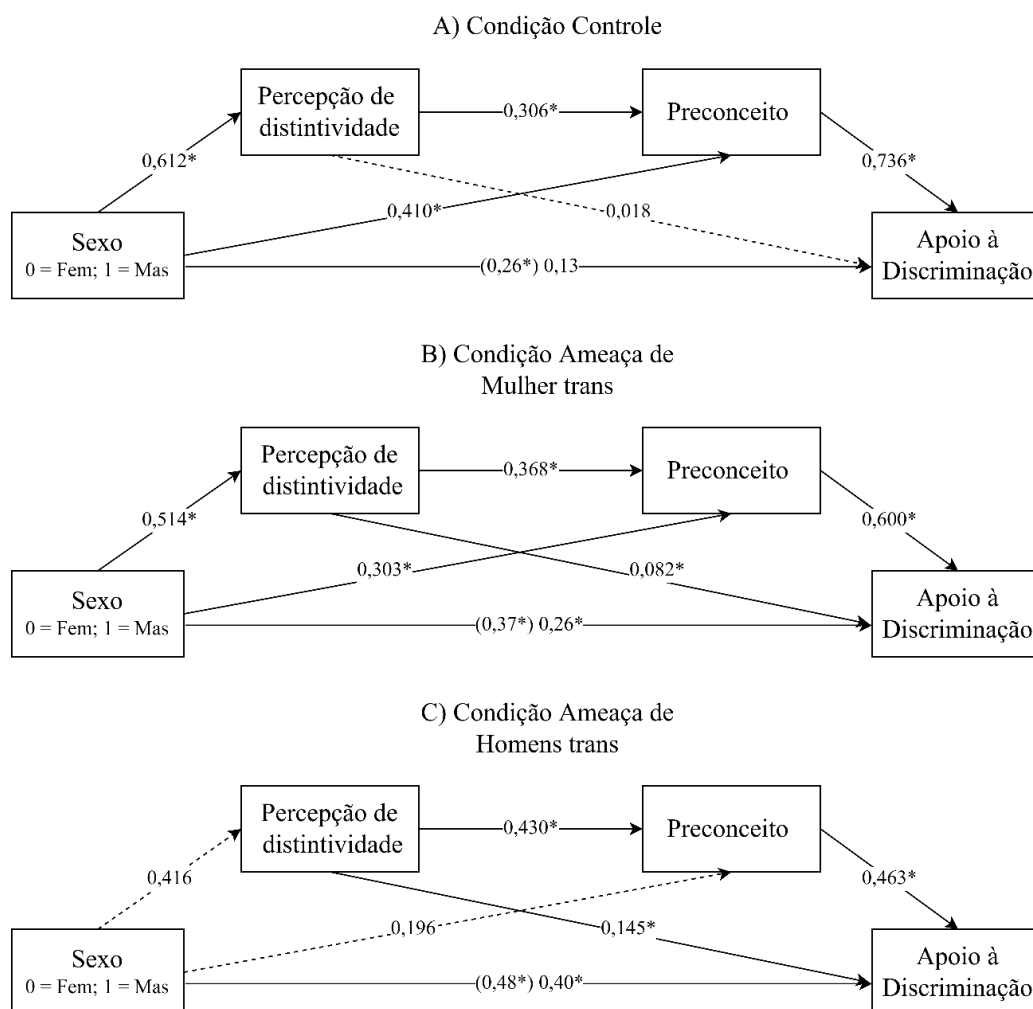
A mediação Sexo → P → D foi significativa para condição controle (efeito

indireto:  $b = 0,30$ ;  $EP = 0,15$ ;  $CI\ 95\% = [0,002; 0,622]$ ) e condição de ameaça de mulheres trans (efeito indireto:  $b = 0,18$ ;  $EP = 0,08$ ;  $CI\ 95\% = [0,023; 0,346]$ ), mas não foi significativa no contexto de ameaça por homens trans.

A mediação serial total ( $\text{Sexo} \rightarrow \text{PD} \rightarrow \text{P} \rightarrow \text{D}$ ) ocorreu para a condição controle (efeito indireto:  $b = 0,138$ ;  $EP = 0,07$ ;  $IC\ 95\% = [0,011; 0,303]$ ) e para a condição de ameaça por mulheres trans (Efeito indireto:  $b = 0,113$ ;  $EP = 0,04$ ;  $IC\ 95\% = [0,023; 0,212]$ ), mas não foi significativa para a condição de ameaça por homens trans (efeito indireto:  $b = 0,083$ ;  $EP = 0,07$ ;  $IC\ 95\% = [-0,051; 0,241]$ ).

**Figura 8.**

*Efeito do sexo do participante no apoio à discriminação mediado pela percepção de distintividade de gênero e pelo preconceito nas diferentes condições experimentais.*



Nota: \* ( $p < 0,05$ ); \*\* ( $p < 0,001$ )

## Discussão

O objetivo desse estudo foi investigar diferenças na discriminação e no preconceito contra pessoas trans quando a distintividade de gênero estava ameaçada. Os resultados mostraram, como previmos, que os homens apoiam mais a discriminação de pessoas transgênero do que as mulheres e que esse efeito foi sequencialmente mediado pela percepção de distintividade de gênero e pela maior transfobia. Isto significa que os homens, ao terem sentido maior ameaça à sua diferenciação de gênero, expressaram maior preconceito contra transgêneros e, como uma provável consequência desse processo, apoiaram em maior intensidade a discriminação. Também foi importante notar que este processo ocorreu em maior intensidade na condição em que colocamos em saliência as mulheres transgêneros, i.e., quando os participantes leram uma notícia sobre as pessoas às quais atribuíram-lhe o sexo masculino, mas mudam ao longo da vida para uma identidade de gênero feminina.

Além disso, os homens apoiaram mais a discriminação e perceberam mais ameaça do que as mulheres, isto ocorreu na condição de controle e na condição de homem trans. Já na condição de mulheres trans, as participantes mulheres apresentaram apoio à discriminação e percepção de ameaça de forma similar aos homens, evidenciando um possível efeito da ameaça à distintividade de gênero, confirmando parcialmente a hipótese 2 segundo a qual o apoio à discriminação e a percepção de distintividade dependem do sexo do participante. Nesse sentido, a ameaça à distintividade de gênero parece ser uma variável importante para compreendermos o preconceito e discriminação contra pessoas trans. Esses processos serão melhor investigados no estudo 3, a partir da manipulação mais personificada da ameaça à distintividade de gênero.

### **Estudo 3**

Esse estudo busca fortalecer evidências de que a percepção de distintividade de gênero (PD) e o preconceito transgênero sequencialmente medeiam a tendência maior nos homens do que nas mulheres a discriminarem mais pessoas transgênero. Além disso, propomos que esse processo é motivado pela ameaça à distintividade de gênero, a qual manipulamos experimentalmente usando um procedimento que colocou em saliência as semelhanças entre cisgêneros e transgêneros. Informamos aos participantes que iriam responder a um teste que supostamente avaliaria a sua personalidade de forma implícita e que o computador produziria um relatório com os resultados sobre as características da personalidade deles. Entretanto, o suposto teste não medida nenhum constructo psicológico e foi por nós desenvolvido para que pudéssemos manipular a ameaça à distintividade de gênero fornecendo aos participantes feedback previamente elaborados que os alocavam em uma de duas condições: 1) condição de ameaça à distintividade de gênero, na qual informamos que os resultados do teste indicaram ter eles personalidade muito semelhante a de pessoas transgênero; 2) condição de afirmação da distintividade de gênero, na qual os resultados salientavam uma personalidade muito diferente daquela de pessoas transgênero. Depois, medimos a percepção de distintividade de gênero, o preconceito anti-trans e o apoio à uma política pública de inclusão social de pessoas transgênero: o uso do banheiro correspondendo à identidade de gênero do usuário.

A nossa principal hipótese foi a de que os participantes homens deveriam se opor mais ao uso do banheiro do que as mulheres e que esse efeito é sequencialmente mediado pela percepção de distintividade de gênero e pelo preconceito anti-trans. Além disso, prevemos que a maior percepção de distintividade nos homens ocorresse de forma mais forte na condição de ameaça à distintividade de gênero do que na de afirmação dessa distintividade. Isto significa que a ameaça à distintividade de gênero deve moderar o

processo que descrevemos na mediação serial que representa a relação entre o sexo dos participantes (masculino vs feminino) e o apoio ao uso do banheiro consoante a identidade de gênero do usuário.

## **Método**

### ***Participantes***

Estimamos o tamanho da amostra no WebPower (Zhang & Yuan, 2018) tendo em conta um tamanho de efeito baixo ( $d = 0,20$ ;  $\alpha = 0,05$  e poder do teste  $\beta = 0,80$ ), o qual indicou ser necessária uma amostra de 198 ou mais participantes. Contudo, participaram do estudo 249 pessoas. A idade deles situa-se entre 18 e 66 anos ( $M = 30,51$ ;  $DP = 10,58$ ), sendo a maioria do sexo feminino (73,1%). Alocamos aleatoriamente os participantes numa de quatro condições experimentais seguindo um delineamento fatorial do tipo 2 (mulheres transgênero vs. homens transgênero) x 2 (ameaça à distintividade vs. afirmação da distintividade).

### ***Procedimentos e Manipulação***

Realizamos a coleta de dados de forma online por meio da plataforma Qualtrics (<https://www.qualtrics.com/>). Realizamos a manipulação por meio de um feedback sobre os resultados que obtiveram num suposto teste de personalidade (Apêndice C). Especificamente, indicamos aos participantes que iriam responder uma pesquisa sobre a relação entre personalidade e identidade de gênero. Após responderem ao suposto teste implícito de personalidade, os participantes visualizaram gráficos e um texto que, dependendo a condição experimental à qual foram alocados, descrevia que “sua personalidade era compatível e muito semelhante à personalidade de pessoas transgênero” (Condição de ameaça à distintividade); ou que “sua personalidade era incompatível e muito diferente da personalidade de pessoas transgênero” (Condição de afirmação da distintividade).

Quando os participantes eram do sexo masculino, a ameaça foi manipulada comparando-o às mulheres transgênero. Por outro lado, quando eram participantes mulheres, a comparação era com homens transgênero. Nas condições de afirmação da distintividade, os participantes homens recebiam um resultado de que tinham a personalidade incompatível e muito diferente de mulheres transgênero. Já quando eram participantes mulheres, recebiam um resultado de que tinham a personalidade incompatível e muito diferente de mulheres transgênero. Ao final do questionário de pesquisa foi feito um debriefing

### **Medidas**

*Percepção Distintividade de Gênero.* Aplicamos a mesma medida com quatro itens que foi adaptada no Estudo 2. Porém, desta vez, os participantes homens avaliaram itens a respeito de mulheres transgênero (e.g. *Mulheres transgênero e homens cisgêneros são psicologicamente diferentes*), enquanto as participantes mulheres responderam a respeito dos homens transgênero (e.g. *Homens transgênero e mulheres cisgêneros são psicologicamente diferentes*). A PD em relação a mulheres transgênero apresentou um único fator que explicou 64,5% da variância (KMO = 0,72, Bartlett's  $p$  test < 0,05; autovalor = 2,49, loadings = 0,58 a 0,83,  $\alpha$  = 0,79). A PD em relação a homens transgênero também apresentou um único fator que explicou 64,5% da variância (KMO = 0,78, Bartlett's  $p$  test < 0,05; autovalor = 2,58, loadings = 0,70 a 0,76,  $\alpha$  = 0,81).

*Preconceito contra Pessoas Transgênero.* Aplicamos as mesmas escalas de preconceito dos Estudos 1 e 2. Desta vez, a Escala de preconceito contra Mulheres Transgênero (PTS-W) foi respondida pelos participantes homens e Escala de preconceito contra homens Transgênero (PTS-M) foi respondida pelas participantes mulheres. As consistências internas da PTS-M e PTSW nesse estudo foram de 0,94 e 0,93, respectivamente. No entanto, usamos um escore único de preconceito, referente a versão que cada participante respondeu.

*Apoio ao uso do banheiro por pessoas transgênero.* Como uma medida de suporte social, apresentamos aos participantes homens a seguinte situação: “Por favor, imagine que o Estado em que você reside está debatendo uma lei sobre mulheres transgênero (isto é, uma pessoa que foi atribuído o sexo masculino ao nascer, mas agora “mudou de gênero” e se sente e age como mulher). A nova lei permitiria que mulheres transgênero usassem banheiros femininos, aqueles só para mulheres em espaços públicos. Se essa lei fosse aprovada, significaria que seria permitido, por lei, mulheres transgênero usarem banheiros só para mulheres em ambientes públicos.” Para as participantes mulheres, apresentamos o mesmo texto se referindo ao uso de banheiros masculinos por homens transgênero. A partir dessas informações, solicitamos que os participantes respondessem a três itens em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os itens foram os seguintes: 1) “Se meu estado fosse propor um projeto como este, eu apoiaria”; 2) “Eu estaria disposto(a) a votar em políticos que apoiam projetos de lei como este”; e 3) “A ideia por trás deste projeto de lei é consistente com minhas opiniões pessoais”. A consistência interna dessa medida foi de 0,94 para participantes mulheres e 0,95 para participantes homens.

*Manipulation check.* No fim do questionário, pedimos aos participantes que indicassem o resultado do feedback que eles receberam sobre o suposto teste de personalidade. Apenas 8 participantes (3,3%) erraram e por esta razão os eliminamos das análises.

## **Resultados**

A Tabela 4 apresenta as médias e desvios-padrão das variáveis do nosso modelo analítico em cada condição experimental. A Tabela 5 (anexo) disponibiliza as correlações bivariadas entre as variáveis, que evidenciaram relação mais fortes na condição de afirmação da distintividade do que na condição de ameaça à distintividade.

**Tabela 4***Médias e Desvios-Padrão da amostra.*

|                             | Ameaça      |        | Afirmação   |        | Total  |        |
|-----------------------------|-------------|--------|-------------|--------|--------|--------|
|                             | Homem       | Mulher | Homem       | Mulher | Homem  | Mulher |
| Percepção de distintividade | 4,28        | 4,11   | 4,68        | 4,11   | 4,47   | 4,11   |
|                             | (1,36)      | (1,29) | (1,34)      | (1,30) | (1,36) | (1,29) |
| Total                       | 4,18 (1,33) |        | 4,35 (1,34) |        |        |        |
| Preconceito                 | 1,89        | 1,80   | 2,17        | 1,62   | 2,02   | 1,71   |
|                             | (1,38)      | (1,22) | (1,58)      | (0,95) | (1,48) | (1,09) |
| Total                       | 1,84 (1,29) |        | 1,85 (1,28) |        |        |        |
| Suporte Social              | 5,05        | 5,34   | 4,86        | 5,58   | 4,96   | 5,46   |
|                             | (2,26)      | (1,95) | (2,21)      | (1,89) | (2,23) | (1,92) |
| Total                       | 5,20 (2,09) |        | 5,27 (2,06) |        |        |        |

***Percepção de distintividade***

Uma ANOVA fatorial 2 (manipulação experimental: ameaça à distintividade vs. afirmação da distintividade) x 2 (sexo do participante: homem vs. mulher) foi conduzida. O efeito principal da manipulação experimental foi não significativo [ $F(1, 336) = 1,93$ ;  $p = 0,165$ ;  $\eta_p^2 = 0,006$ ]. Porém, os resultados indicaram um efeito principal significativo do sexo dos participantes [ $F(1, 336) = 6,33$ ;  $p = 0,012$ ,  $\eta_p^2 = 0,019$ ], pois os homens ( $M = 4,47$ ;  $DP = 1,36$ ) apresentaram maior percepção de distintividade de gênero do que as mulheres ( $M = 4,11$ ;  $DP = 1,29$ ). Além disso, na condição de afirmação da distintividade, os homens tiveram maior percepção de distintividade ( $M = 4,68$ ;  $DP = 1,34$ ) do que as mulheres ( $M = 4,11$ ;  $DP = 1,30$ ) ( $b = 0,56$ ;  $EP = 0,20$ ;  $p = 0,006$ ;  $d = 0,43$ ), enquanto que, na condição de ameaça à distintividade, não houve diferença nessa percepção entre

homens e mulheres ( $b = 0,16$ ;  $EP = 0,20$ ;  $p = 0,422$ ;  $d = 0,12$ ). Analisando a influência da manipulação da ameaça à distintividade em cada sexo dos participantes, verificamos uma diferença marginalmente significativa nos homens, visto que a condição de afirmação da distintividade produziu médias maiores do que a condição de ameaça à distintividade ( $b = 0,40$ ;  $EP = 0,21$ ;  $p = 0,064$ ;  $d = 0,12$ ). Nas participantes mulheres, a influência da manipulação foi não significativa ( $b = 0,01$ ;  $EP = 0,21$ ;  $p = 0,995$ ;  $d = 0,04$ ). No entanto, apesar desse diferente padrão, a interação manipulação\*sexo dos participantes foi não significativa [ $F(1, 336) = 1,92$ ;  $p = 0,167$ ,  $\eta_p^2 = 0,006$ ].

### ***Preconceito contra pessoas transgênero***

O efeito principal da manipulação da ameaça foi não significativo [ $F(1, 326) = 0,11$ ;  $p = 0,734$ ;  $\eta_p^2 = 0,001$ ], mas foi o efeito principal do sexo [ $F(1, 326) = 5,11$ ;  $p = 0,024$ ;  $\eta_p^2 = 0,015$ ], indicando que os homens ( $M = 2,02$ ;  $DP = 1,48$ ) foram mais preconceituosos do que as mulheres ( $M = 1,71$ ;  $DP = 1,09$ ) ( $d = 0,23$ ). Além disso, na condição de afirmação da distintividade, os homens expressaram mais preconceito ( $M = 2,17$ ;  $DP = 1,58$ ) do que as mulheres ( $M = 1,68$ ;  $DP = 0,95$ ) ( $b = 0,54$ ;  $EP = 0,20$ ;  $p = 0,007$ ;  $d = 0,37$ ), o que não ocorreu na condição de ameaça à distintividade em que homens e mulheres não diferenciaram ( $b = 0,09$ ;  $EP = 0,20$ ;  $p = 0,636$ ;  $d = 0,06$ ). Porém, a interação manipulação\*sexo do participante foi não significativa [ $F(1, 326) = 2,54$ ;  $p = 0,112$ ;  $\eta_p^2 = 0,008$ ].

### ***Apoio ao uso do banheiro (Suporte social)***

O efeito principal da manipulação experimental foi não significativo [ $F(1, 320) = 0,01$ ;  $p = 0,912$ ;  $\eta_p^2 = 0,000$ ]. No entanto, verificamos um efeito principal significativo do sexo dos participantes no apoio ao uso do banheiro [ $F(1, 320) = 4,73$ ;  $p = 0,030$ ;  $\eta_p^2 = 0,015$ ], pois os participantes da condição homens trans ( $M = 4,96$ ;  $DP = 2,23$ ) apoiaram menos o uso do banheiro do que as participantes mulheres ( $M = 5,46$ ;  $DP = 1,92$ ) ( $d =$

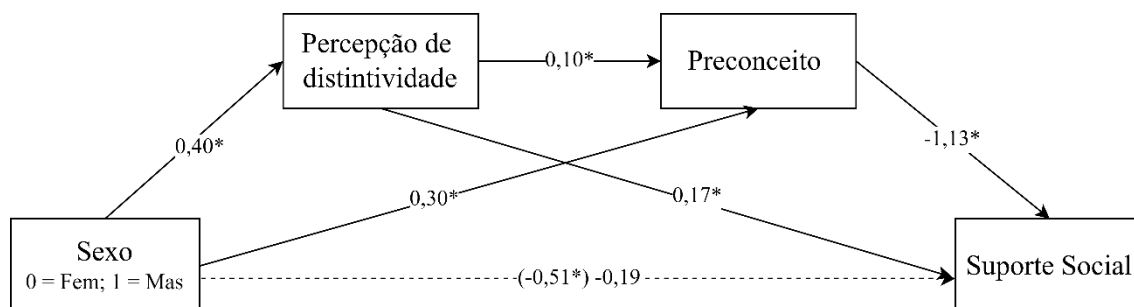
0,24). Além disso, na condição de afirmação da distintividade de gênero, os homens deram menor apoio ( $M = 4,86$ ;  $DP = 2,21$ ) do que as mulheres ( $M = 5,58$ ;  $DP = 1,89$ ) ( $b = 0,72$ ;  $EP = 0,33$ ;  $p = 0,030$ ;  $d = 0,35$ ), o que não ocorreu na condição de ameaça à distintividade em que homens e mulheres não diferenciaram ( $b = 0,28$ ;  $EP = 0,32$ ;  $p = 0,378$ ;  $d = 0,13$ ). Entretanto, a interação manipulação\*sexo dos participantes foi não significativa [ $F(1, 320) = 0,87$ ;  $p = 0,350$ ;  $\eta_p^2 = 0,003$ ].

### **Mediação serial**

Efetuamos uma mediação serial (modelo 6 do Hayes): sexo  $\rightarrow$  Distintividade Percebida  $\rightarrow$  Preconceito  $\rightarrow$  Suporte Social. Os resultados mostram que os homens percebem maior distintividade, porém quanto maior a percepção de distintividade maior o suporte social, o que diverge da nossa previsão inicial.

### **Figura 9.**

*Efeito do sexo do participante no suporte social mediado sequencialmente pela percepção de distintividade de gênero e pelo preconceito.*



Nota: \* $p < 0,05$ ; \*\* $p < 0,001$ .

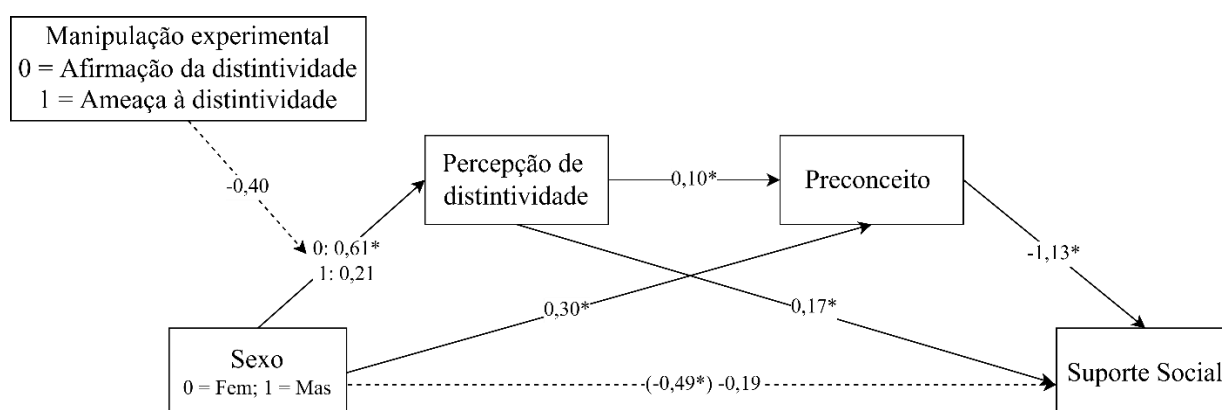
O efeito indireto sexo  $\rightarrow$  PD  $\rightarrow$  Preconceito  $\rightarrow$  Suporte social não foi significativo ( $b = -0,04$ ;  $EP = 0,03$ ; IC 95% [-0,13; 0,007]). Mas foram significativos os caminhos sexo  $\rightarrow$  PD  $\rightarrow$  Suporte social (Efeito indireto:  $b = 0,07$ ;  $EP = 0,04$ ; IC 95% [0,009; 0,167]) e sexo  $\rightarrow$  Preconceito  $\rightarrow$  Suporte social (Efeito indireto:  $b = -0,34$ ;  $EP = 0,16$ ; IC 95% [-0,67; -0,04]).

### **Mediação serial moderada**

O modelo de mediação serial foi executado incluindo o sexo dos participantes como variável previsor, a PD e o preconceito como mediadores e o apoio ao uso do banheiro por pessoas transgênero (suporte social) como variável dependente. A manipulação experimental da ameaça foi inserida como variável moderadora (Modelo 83, PROCESS).

**Figura 10.**

*Efeito do sexo do participante no suporte social mediado sequencialmente pela percepção de distintividade de gênero e pelo preconceito e moderado pela manipulação experimental.*



Nota: \* $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,001$ .

Os resultados dessa mediação moderada não evidenciaram interações significativas. Não foram significativos os efeitos indiretos totais na condição de afirmação da distintividade ( $b = -0,07$ ;  $EP = 0,05$ ;  $IC\ 95\% [-0,19; 0,01]$ ), nem na condição de ameaça à distintividade ( $b = -0,02$ ;  $EP = 0,03$ ;  $IC\ 95\% [-0,10; 0,02]$ ). Foi significativo o efeito indireto Sexo  $\rightarrow$  PD  $\rightarrow$  Suporte Social na condição de afirmação da distintividade ( $b = 0,11$ ;  $EP = 0,06$ ;  $IC\ 95\% [0,01; 0,24]$ ), mas não na condição de ameaça ( $b = -0,03$ ;

EP = 0,04; IC 95% [-0,03; 0,13]). Também foi significativo o efeito indireto Sexo → Preconceito → Suporte Social ( $b = -0,34$ ; EP = 0,16; IC 95% [-0,67; -0,03]).

## **Discussão**

Nesse estudo, manipulamos a ameaça à distintividade (vs. afirmação da distintividade) entre pessoas cisgênero (vs. transgênero) usando o procedimento que colocou em saliência a ameaça numa dimensão mais personalista. Os resultados destacaram o efeito principal do sexo dos participantes na percepção de distintividade, no preconceito e no suporte social ao uso do banheiro público consoante à identidade de gênero do usuário. Os participantes homens perceberam maior distintividade, expressam maior preconceito e menor suporte social às pessoas trans do que mulheres. Entretanto, as diferenças entre homens e mulheres ocorreram na condição de afirmação da distintividade, diferentemente da hipótese que inicialmente previmos. O modelo de mediação serial não se mostrou significativo em sua totalidade. Entretanto, caminhos separados pela percepção de distintividade e pelo preconceito mostram-se significativos.

## **Discussão Geral**

A ameaça à distintividade é um construto central para a compreensão da expressão do preconceito e da discriminação contra grupos minoritários. É um fenômeno importante para representar um dos mecanismos explicativos da diferença entre homens e mulheres em relação às atitudes e comportamentos face a indivíduos transgênero. Realizamos três estudos para testar a hipótese de que os homens expressam mais discriminação, sendo esse efeito mediado sequencialmente pela percepção de distintividade intergrupar e pelo preconceito. Esse processo seria mais forte em condições de ameaça à distintividade entre o endogrupo (i.e., cisgêneros) e exogrupo (i.e., transgêneros). Abordamos essa questão

demonstrando que os homens cisgêneros expressaram mais preconceito do que as mulheres cisgênero, sentem maior necessidade de diferenciação positiva, o que se relacionou com mais preconceito e com maior suporte à políticas discriminatória, o que vai ao encontro da tese de que a distintividade representa uma efeito reativo quando a similaridade intergrupal é ameaçada (Tajfel & Turner, 1986).

No estudo 1, testamos a hipótese de que os homens dariam menor suporte social às pessoas trans do que as mulheres, isso ocorreria por meio do preconceito expresso após apresentarmos pessoas transgêneros (vs. cisgêneros) como vítimas de vazamento de fotos na internet. Os resultados indicaram que os homens foram mais preconceituosos do que as mulheres na condição em que a vítima era um homem trans. Além disso, os homens ofereceram menos suporte social à vítima do que as mulheres na condição em que a vítima era uma mulher trans. Além disso, mostramos que a relação entre o sexo dos participantes e o suporte social ocorreu indiretamente pelo preconceito. Ou seja, os participantes homens expressam maior preconceito, e quanto maior o preconceito que expressaram, menor foi o suporte social que deram à vítima trans. Na condição que enfatizava uma mulher trans, o efeito mediado não foi significativo. Os homens apoiaram menos a vítima quando era mulher trans de forma direta, i.e., independentemente do nível de preconceito que apresentaram. Isto refletiu o fato de homens e mulheres não terem se diferenciado em seu nível de preconceito nessa condição.

Embora no Estudo 1 não tenhamos manipulado a ameaça a distintividade, nem mensuramos a percepção de distinção, levantamos a questão de saber se a mera visibilidade de pessoas trans pode ameaçar pessoas cisgênero. O estudo de Meeusen e Jacobs (2016) identificou que o conteúdo de notícias de televisão sobre grupos minoritários, incluindo transgêneros, coloca em saliência um contexto intergrupal que favorece preconceitos contra grupos específicos. Nesse sentido, Kende e McGarty (2018)

argumentam sobre a possibilidade de a visibilidade influenciar o preconceito por meio da percepção de ameaça. Ao considerar que a base da relação intergrupar é a categorização de si e dos outros em grupos sociais (Tajfel et al., 1971), a visibilidade afetaria a expressão do preconceito de duas formas. Primeiro, pertencer a um grupo social visível pode levar a uma hostilidade mais aberta. Em segundo lugar, chamar a atenção para uma categoria social minoritária (pessoas trans), representaria uma ameaça simbólica ao que é considerado “normal” (Stephan & Stephan, 2000). De acordo com Teoria de Identidade Social, quando as identidades sociais são salientes, é comum a adoção de estratégias e atitudes que mantenham um senso de superioridade do endogrupo em relação ao exogrupo. Isso pode incluir atitudes depreciativas e comportamentos preconceituosos para com os membros do exogrupo (Tajfel & Turner, 1979). Desta forma, tornar o grupo transgênero saliente pode provocar ameaça à distintividade, o que explicaria o preconceito e a discriminação.

No Estudo 2, manipulamos experimentalmente a ameaça à distintividade de gênero de mulheres e homens trans (vs. condição controle). Além disso, acrescentamos a percepção de distintividade no modelo explicativo da discriminação contra pessoas trans. Testamos a hipótese de que homens e mulheres se diferenciariam no apoio que deram à discriminação e isto ocorreu por meio da percepção de distintividade e do preconceito, sendo que deveria ocorrer mais fortemente nas condições de ameaça à distintividade intergrupar. Os resultados confirmaram a hipótese 2, visto que os homens, mais do que as mulheres, perceberam maior distintividade, expressaram maior preconceito e apoio à discriminação e menor suporte social às pessoas transgênero. Os homens perceberam maior distintividade e deram maior apoio à discriminação na condição de ameaça por homens trans. Esses resultados corroboram os de um estudo realizado por Carrol et al (2012) com homens universitários, o qual mostrou que os homens relataram menos

vontade de interagir e tiveram sentimentos negativos mais fortes em relação aos homens transgênero do que em relação a mulheres transgênero. Por outro lado, na condição de ameaça por mulheres trans, homens e mulheres não diferenciaram na percepção de distintividade, no apoio à discriminação e no suporte social. Isso pode ter ocorrido porque as participantes mulheres se sentiram ameaçadas por mulheres trans no que tange aos papéis sociais femininos (Nagoshi et al., 2019). Esses dados corroboram os estudos que identificaram que mulheres que se sentem ameaçadas podem expressar maior discriminação (Outten et al., 2019), percepção de ameaça à distintividade de gênero e preconceito (Hayes & Reiman, 2021) quando comparadas a contextos não ameaçadores.

O modelo de mediação proposto foi significativo também no Estudo 2, indicando que os homens apoiaram mais políticas discriminatórias quanto maior for a sua percepção de distintividade e mais forte foi o seu preconceito. Esses resultados estão em consonância com os achados de Konopka et al. (2019) e de Harrison e Michelson (2018), segundo os quais os homens apresentaram preconceitos contra transgêneros mais elevados quando sofreram ameaça à masculinidade e distintividade de gênero. Esse processo foi particularmente forte na condição de ameaça por mulheres trans. Em contextos não ameaçadores (i.e., na condição controle), o processo ocorreu indiretamente por meio do preconceito. Isso é um indicativo do preconceito como uma variável mediadora importante, mesmo quando não ativada a ameaça à distintividade.

No Estudo 3, manipulamos a ameaça à distintividade de gênero descrevendo a semelhança (i.e., ameaça à distintividade) ou a diferença (i.e., afirmação da distintividade) entre pessoas cisgênero (vs. transgênero). Os resultados das ANOVAs corroboraram aqueles do Estudo 2, pois o efeito principal do sexo dos participantes foi significativo para a percepção de distintividade, preconceito e suporte social. Os homens percebem maior distintividade, expressam maior preconceito e menor suporte social às

peessoas trans do que mulheres, independente da ativação de ameaça. As diferenças entre homens e mulheres ocorreram sobretudo na condição de afirmação da distintividade.

Diferentemente da hipótese levantada nesse estudo, a condição de afirmação das diferenças entre a personalidade do participante e do exogrupo transgênero aumentou a motivação para distintividade. Esperava-se que essa resposta seria prevalente nos participantes da condição de ameaça à distintividade. Isso pode ter ocorrido porque apontar semelhanças entre dois grupos pode provocar respostas não preconceituosas. Segundo Stephan et al. (2009), embora as ameaças geralmente induzam um comportamento hostil, as ameaças por vezes desencadeiam comportamentos aparentemente positivos em relação aos membros do exogrupo. Esses comportamentos positivos são prováveis quando as pessoas são motivadas a parecer que são não preconceituosas e, por isso, buscam manter uma imagem positiva de si mesmas. De fato, as médias encontradas na medida de preconceito explícito foram baixas, abaixo do ponto médio da escala. Por outro lado, ressaltar as diferenças pode fazer com que o(a) participante reconheça a distintividade previamente estabelecida por suas próprias crenças. Ou seja, a distintividade percebida pode indicar uma manutenção da hierarquia no estatuto social intergrupar. Além disso, apontar diferenças na personalidade de grupos pode ressaltar algum outro tipo de ameaça simbólica provocada em parte pelo endogrupo ser muito distinto do exogrupo (Stephan et al., 2009, 2015). A pesquisa sobre distinção reflexiva permite a possibilidade de que ser altamente distinto de um exogrupo motive uma maior diferenciação confirmatória das hierarquias intergrupais, a fim de esclarecer os limites das distâncias intergrupais (Jetten & Spears, 2003), enquanto a ameaça simbólica envolve a diferenciação a fim de preservar os valores específicos do endogrupo (Stephan et al., 2015).

As pessoas podem ou não reagir às ameaças à distinção intergrupos, seja enfatizando as características essenciais e distintas dos grupos, ou aumentando a discriminação e o preconceito contra grupos. No entanto, as circunstâncias sob as quais esse fenômeno acontece podem depender dos fatores pessoais e contextuais (Falomir-Pichastor et al., 2015). A distinção reativa é uma resposta particularmente forte entre os indivíduos com maior propensão a sentirem-se ameaçados, isto é, naqueles que derivam a sua autoestima do pertencimento a um grupo socialmente relevante (Plante et al., 2015). Além disso, a motivação para a distinção ocorre quando o exogrupo é percebido como um grupo de comparação relevante em um determinado contexto intergrupal (Jetten & Spears, 2003; Tajfel & Turner, 1986).

### **Implicações Teóricas**

Os resultados do presente programa de pesquisa podem contribuir para o debate sobre as diferenças de gênero e o seu papel nas atitudes intergrupais e nos comportamentos discriminatórios contra pessoas trans, situando a ameaça intergrupal com um fator relevante nesse fenômeno. Destacamos dados acerca das diferenças de gênero na expressão do preconceito e da discriminação, da relação causal entre ameaça à distintividade e o preconceito e propomos um modelo explicativo da relação entre o sexo dos participantes e o seu apoio à políticas discriminatórias contra pessoas transgênero.

#### **Diferenças de gênero na expressão do preconceito e discriminação**

Os três estudos apontaram consistentemente um efeito principal do sexo dos participantes nas variáveis analisadas. Esse efeito corroborou pesquisas anteriores e contribui para reforçar a evidência empírica de que os homens expressam mais preconceituoso do que as mulheres (Broussard & Warner, 2019; Hill & Willoughby, 2005; Konopka et al., 2019; Nagoshi et al., 2008; Norton & Herek, 2013), perceberam

maior distintividade (Falomir-Pichastor et al., 2015; Figueiredo & Pereira, 2021) e se comportam de forma mais discriminatória apoiando políticas discriminatórias e menor suporte social às pessoas transgênero (Harrison & Michelson, 2018). Entretanto, em alguns contextos ameaçadores por mulheres trans (Estudo 2) e ameaça à distintividade (Estudo 3), as diferenças nas atitudes de homens e mulheres não foram significativas. Esses resultados vão ao encontro dos achados de Outten et al (2019) e Hayes e Reiman (2021) em que mulheres que estavam em condições ameaçadoras apoiaram menos o uso do banheiro compartilhado por pessoas trans. Com base nesses resultados, enfatizamos a possibilidade de que nem sempre os homens terão maiores indicadores de preconceito do que as mulheres face às pessoas transgênero, à percepção de ameaça e à discriminação contra essas pessoas. As mulheres, quando sentem a sua distintividade de gênero ameaçada, podem reagir de forma similar aos homens em algumas situações como aqui demonstramos.

### ***Relação entre percepção de distintividade e Preconceito***

Estudos recentes sugeriram que é provável não apenas que a ameaça afete o preconceito (Stephan & Stephan, 1996; Stephan et al., 2009, 2015) mas também que o preconceito afete a ameaça (Pereira et al., 2010). Sendo assim, as pessoas que são preconceituosas podem perceber a ameaça como um meio de justificar seus preconceitos (Bahns, 2017; Pereira et al., 2018). O presente artigo, portanto, acrescentou informações importantes para o corpo de pesquisas que envolve a Teoria da Ameaça Intergrupar, pois possibilitou esclarecer melhor a relação entre ameaça a distintividade e o preconceito em diferentes situações de ameaça experimentalmente manipulada. No estudo 1, por exemplo, a visibilidade de pessoas na notícia de vitimização provocou maior reação preconceituosa nos homens. No estudo 2, o preconceito foi maior nos contextos ameaçadores do que na condição controle, especialmente o preconceito de homens

cisgênero na condição semelhança com homens transgênero. No estudo 3, entretanto, a afirmação da distintividade teve efeito no maior preconceito de homens. Esse padrão diferente contribui para a discussão sobre o papel diferencial que o sentimento de ameaça pode representar para as relações intergrupais consoante a saliência contextual de seus elementos (Jetten et al., 2004), como estreitando as fronteiras intergrupais (Estudo 2), reduzindo (vs. maximizando) as diferenças intergrupais por meio da personalização dessas diferenças, como colocamos no Estudo 3. Este é um aspecto inovador no estudo da ameaça à distintividade de gênero, ainda que esse fenômeno tenha também sido observado no domínio da homofobia (Figueiredo & Pereira, 2021).

### ***O modelo explicativo da discriminação***

Os estudos apresentados também promovem uma contribuição teórica para a literatura sobre a transfobia ao testarem um modelo de mediação sobre como e quando homens e mulheres diferem em comportamentos discriminatórios contra indivíduos transgêneros. Sugerimos que os homens apoiam mais a discriminação e oferecem menor suporte social às pessoas transgênero por meio da percepção de distintividade de gênero e do preconceito. Em condição de ameaça à distintividade, esse processo seria mais forte. Já em contextos em que as mulheres cisgêneros também se sentem ameaçadas, esse modelo não se sustentou, visto que homens e mulheres convergiram em seu nível de preconceito. No Estudo 3, esse processo se mostrou significativo na condição de afirmação da distintividade, enquanto na condição de ameaça, novamente homens e mulheres reagiram de forma semelhante. Entretanto, um resultado inesperado no modelo foi a correlação positiva entre a percepção de distintividade e o suporte social quando controlado o preconceito. A mediação proposta foi corroborada com os estudos anteriores somente por meio do preconceito. Apesar dessas divergências, esses resultados nos permitem levantar novas perguntas de pesquisa a serem solucionadas em estudos futuros,

bem como levantar novos questionamentos teóricos sobre o papel da categorização e comparação social nas relações intergrupais.

### ***Limitações e Delineamentos futuros***

Apesar dos resultados encontrados sustentarem parcialmente nossas hipóteses e das implicações teóricas levantadas, devemos considerar algumas limitações importantes tendo em vista pesquisas futuras. Em primeiro lugar, destacamos que a presente pesquisa compartilha a limitação típica dos estudos experimentais em um contexto universitário (Estudo 1) e online (Estudo 2 e 3). O fato de os questionários terem sido aplicados apenas a universitários e obtido as respostas por meio online, com grande parte da amostra composta por universitários, pode ter enviesado os parâmetros estimados nos modelos, o que impossibilita a generalização dos resultados para a outros grupos amostrais. Além disso, acrescenta-se o fato de a amostra ter sido não probabilística, tendo participado apenas as pessoas dispostas a colaborar com o estudo e que, provavelmente, tinham algum grau de interesse na temática abordada.

Em segundo lugar, não consideramos elegíveis para participarem nos Estudos 1 e 2 os indivíduos que se declarassem não heterossexuais. No entanto, no Estudo 3 consideramos não elegíveis apenas os transgêneros, pois os participantes homossexuais ou bissexuais também podem perceber distintividade intergrupar e se sentirem ameaçados pelos indivíduos transgêneros (e.g., Anderson, 2018). Entretanto, em nenhum dos estudos mensuramos o contato com pessoas trans, sendo esse contato um fator importante para o estudo do preconceito face a vários grupos sociais (Pettigrew & Tropp, 2006). O ambiente de alto contato pode melhorar o relacionamento entre os grupos (Allport, 1954). Em estudos futuros sugerimos controlar essa variável que já se mostrou importante para atitudes frente a transgêneros (Boccanfuso et al., 2021).

Em terceiro lugar, destacamos, no estudo 3, que a ameaça à distintividade de gênero ocorreu mais fortemente a nível interpessoal, pois o feedback apresentado comparava a personalidade do(a) participante com a personalidade dos membros do exogrupo. Futuros estudos são necessários para elucidar melhor essa questão manipulando a ameaça à distintividade a nível grupal (nós *versus* eles). Além disso, também no Estudo 3, a semelhança (vs. diferença) foi manipulada com base no exogrupo com identidade de gênero oposta à do endogrupo. Isto é, homens cisgêneros foram comparados ou diferenciados de mulheres trans, enquanto mulheres cisgêneros foram comparadas ou diferenciadas de homens trans. É fundamental replicar esse procedimento fazendo variar os grupos de referência. É possível que o exogrupo mais relevante para a ameaça à distintividade dos homens seja os homens trans, e para as mulheres, as mulheres trans. No estudo 3 também não houve uma condição controle. Uma sugestão de condição controle para o delineamento experimental seria apresentar um feedback individual sem comparação com o exogrupo, ou mesmo não apresentar qualquer instrução sobre diferenças ou semelhança entre pessoas. A variável dependente suporte social levantou uma questão sensível sobre o uso de banheiros por pessoas trans de acordo com a identidade de gênero que elas se identificam. A mera exposição do projeto de lei que garante esse direito pode ter ativado também a ameaça realista, como no estudo de Harrison e Michelson (2017).

Nos nossos estudos, a distinção percebida foi medida usando uma escala adaptada de cinco itens examinando crenças essencialistas sobre as diferenças entre cisgêneros e transgêneros (Falomir-Pichastor et al., 2015). Embora a medida tenha apresentado adequada confiabilidade e padrão consistente de resultados, pesquisas futuras devem replicar esses resultados usando outras ferramentas de diferenciação de grupo. Outra sugestão seria avaliar a identificação com a identidade de gênero ou a autoestima de

gênero como uma variável com potencial para se relacionar com a distintividade reativa (Jetten et al., 2004) ou para a recuperação da autoconceito positivo após situações de ameaça intergrupar (Ching, 2021; Hayes & Reiman, 2021). A identificação endogrupal pode aumentar a diferenciação intergrupar em contextos de forte ameaça a distinção (Gabarrot & Falomir-Pichastor, 2017).

Em ambos os estudos investigados, encontramos baixas médias de preconceito contra transgêneros, o que possivelmente não reflete atitudes da população geral brasileira, sugerindo ter ocorrido um efeito de inibição da expressão das atitudes intergrupais negativas, o que pode ter implicações para a força das relações entre as variáveis que estudamos. Por isso, para estudos futuros sugerimos aplicações em pessoas da população geral e a inclusão de medidas implícitas do preconceito contra trans, que reduzam o impacto da desejabilidade social, além do estudo de outras formas veladas de preconceito, como preconceito moderno, aversivo ou sutil (Kende & McGarty, 2018).

Apesar dessas limitações, o presente programa de pesquisa representa um passo importante para a compreensão das condições nas quais os homens e mulheres diferenciam na expressão do preconceito transfóbico e dos processos identitários associados ao apoio a políticas discriminatórias contra pessoas trans. Nossos resultados têm implicações para o estudo de fatores de identidade na expressão da transfobia. Eles podem contribuir para o campo de estudo das relações intergrupais e promover a compreensão dos mecanismos psicossociais que tornam as pessoas resistentes a reduzirem seus preconceitos e apoiarem políticas igualitárias entre cisgêneros e transgêneros.

### Referências

- Abreu, R. L., Gonzalez, K. A., Lindley, L., Rosario, C. C., Lockett, G. M., & Teran, M. (2021). “Why can’t I Have the Office Jobs?”: Immigrant Latinx Transgender Peoples’ Experiences with Seeking Employment. *Journal of Career Development, 0*(0) 1–17. <https://dx.doi.org/10.1177/08948453211062951>
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading: Addison Wesley-Brown.
- Anderson, V. N. (2018). Cisgender men and trans prejudice: Relationships with sexual orientation and gender self-esteem. *Psychology of Men & Masculinity, 19*(3), 373–384. <https://doi.org/10.1037/men0000125>
- Antoszewski, B., Kasielska, A., Jędrzejczak, M., & Kruk-Jeromin, J. (2007). Knowledge of and Attitude Toward Transsexualism Among College Students. *Sexuality and Disability, 25*(1), 29–35. <https://dx.doi.org/10.1007/s11195-006-9029-1>
- Berberick, S. N. (2018). The paradox of trans visibility: Interrogating the “year of trans visibility.” *Journal of Media Critiques, 13*(4), 123-144. Retrieved from <https://www.ceeol.com/search/article-detail?id=697454>
- Boccanfuso, E., White, F.A. & Maunder, R.D. Reducing Transgender Stigma via an E-contact Intervention. *Sex Roles, 84*, 326–336 (2021). <https://doi.org/10.1007/s11199-020-01171-9>
- Broussard, K. A. & Warner, R. H. (2019). Gender Nonconformity Is Perceived Differently for Cisgender and Transgender Targets. *Sex Roles, 80*(7), 409 – 428. <https://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0947-z>
- Carroll, L., Güss, D., Hutchinson, K. S., & Gauler, A. A. (2012). How do U.S. students perceive trans persons? *Sex Roles: A Journal of Research, 67*(9-10), 516–527. <https://doi.org/10.1007/s11199-012-0193-8>

- Ching, B. H.-H. (2021). The effect of masculinity threat on transprejudice: Influence of different aspects of masculinity contingent self-worth. *Psychology & Sexuality*, 1–15. <https://dx.doi.org/10.1080/19419899.2021.1883724>
- Ellemers, N., Spears, R., & Doosje, B. (2002). Self and social identity. *Annual Review of Psychology*, 53(1), 161–186.  
<https://doi.org/10.1146/annurev.psych.53.100901.135228>
- Falomir-Pichastor, J. M., Mugny, G., & Berent, J. (2015). The side effect of egalitarian norms: Reactive group distinctiveness, biological essentialism, and sexual prejudice. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(4), 540–558.  
<https://dx.doi.org/10.1177/1368430215613843>
- Figueiredo, C. V., & Pereira, C. R. (2021). The effect of gender and male distinctiveness threat on prejudice against homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*. Advance online publication.  
<https://doi.org/10.1037/pspi0000269>
- Flores, A. R., Haider-Markel, D. P., Lewis, D. C., Miller, P. R., Tadlock, B. L., & Taylor, J. K. (2018). Transgender prejudice reduction and opinions on transgender rights: Results from a mediation analysis on experimental data. *Research & Politics*, 5(1), 1-7. <https://dx.doi.org/10.1177/2053168018764945>
- Gabarrot, F., & Falomir-Pichastor, J. M. (2017). Ingroup Identification Increases Differentiation in Response to Egalitarian Ingroup Norm under Distinctiveness Threat. *International Review of Social Psychology*, 30(1), 219–228. DOI: <http://doi.org/10.5334/irsp.22>
- Harrison, B. F., & Michelson, M. R. (2017). Using experiments to understand public attitudes towards transgender rights. *Politics, Groups, and Identities*, 5(1), 152–160. <http://dx.doi.org/10.1080/21565503.2016.1256823>

- Harrison, B. F., & Michelson, M. R. (2018). Gender, Masculinity Threat, and Support for Transgender Rights: An Experimental Study. *Sex Roles*, 80, 63–75.  
<http://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0916-6>
- Hill, D. B., & Willoughby, B. L. B. (2005). The development and validation of the genderism and transphobia scale. *Sex Roles*, 53(7–8), 531–544.  
<http://dx.doi.org/10.1007/s11199-005-7140-x>
- Hogg, M. A. (2014). From uncertainty to extremism: Social categorization and identity processes. *Current Directions in Psychological Science*, 23(5), 338–342.  
<https://doi.org/10.1177/0963721414540168>
- Huffaker, L., & Kwon, P. (2016). A comprehensive approach to sexual and transgender prejudice. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 28(3), 195–213.  
<https://doi.org/10.1080/10538720.2016.1191405>
- Jetten, J., Summerville, N., Hornsey, M. J. & Mewse, A. J. (2005). When differences matter: Intergroup distinctiveness and the evaluation of impostors. *European Journal of Social Psychology*, 35, 609–620. <http://dx.doi.org/10.1002/ejsp.282>
- Jetten, J., & Spears, R. (2003). The divisive potential of differences and similarities: The role of intergroup distinctiveness in intergroup differentiation. *European Review of Social Psychology*, 14(1), 203–241.  
<https://doi.org/10.1080/104632803400000063>
- Jones, P. E., Brewer, P. R., Young, D. G., Lambe, J. L., & Hoffman, L. H. (2018). Explaining Public Opinion toward Transgender People, Rights, and Candidates. *Public Opinion Quarterly*, 82(2), 252–278. <https://doi.org/10.1093/poq/nfy009>
- Kende, A., & McGarty, C. (2018). A Model for Predicting Prejudice and Stigma Expression by Understanding Target Perceptions: The Effects of Visibility,

- Politicization, Responsibility, and Entitativity. *European Journal of Social Psychology*, 49(5), 839-856 <https://doi.org/10.1002/ejsp.2550>
- Konopka, K., Rajchert, J., Dominiak-Kochanek, M., & Roszak, J. (2019). The Role of Masculinity Threat in Homonegativity and Transphobia, *Journal of Homosexuality*, 66, 1-28. <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2019.1661728>
- Lewis, D. C., Tadlock, B. L., Flores, A. R., Haider-Markel, D. P., Miller, P. R., & Taylor, J. K. (2021). Public Attitudes on Transgender Military Service: The Role of Gender. *Armed Forces & Society*, 47(2), 276–297. <https://doi.org/10.1177/0095327X19861737>
- Meeusen, C., & Jacobs, L. (2016). Television News Content of Minority Groups as an Intergroup Context Indicator of Differences Between Target-Specific Prejudices. *Mass Communication and Society*, 20(2), 213–240. <https://doi.org/10.1080/15205436.2016.1233438>
- McCullough, R., Dispenza, F., Chang, C. Y., & Zeligman, M. R. (2019). Correlates and predictors of anti-transgender prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(3), 359–368. <https://doi.org/10.1037/sgd0000334>
- Nagoshi, C. T., Cloud, J. R., Lindley, L. M., Nagoshi, J. L., & Lothamer, L. J. (2019). A Test of the Three-Component Model of Gender-Based Prejudices: Homophobia and Transphobia Are Affected by Raters' and Targets' Assigned Sex at Birth. *Sex Roles*, 80, 137-146. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0919-3>
- Norton, A. T., & Herek, G. M. (2013). Heterosexuals' attitudes toward transgender people: Findings from a national probability sample of US adults. *Sex Roles*, 68, 738-753. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-011-0110-6>
- Outten, H. R., Lee, T., & Lawrence, M. E. (2019). Heterosexual women's support for trans inclusive bathroom legislation depends on the degree to which they

- perceive trans women as a threat. *Group Processes & Intergroup Relations*, 22(8), 1094–1108. <http://dx.doi.org/10.1177/1368430218812660>
- Pereira, C. R., Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2010). From prejudice to discrimination: The legitimizing role of perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 40, 1231–1250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.718>
- Pereira, C. R., Álvaro, J. L., & Vala, J. (2018). The Ego-Defensive Role of Legitimacy: How Threat-Based Justifications Protect the Self-Esteem of Discriminators. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 44(10), 1473–1486. <https://doi.org/10.1177/0146167218771007>
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2006). A meta-analytic test of intergroup contact theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(5), 751–783. <http://dx.doi.org/0.1037/0022-3514.90.5.751>
- Plante, C. N., Roberts, S. E., Snider, J. S., Schroy, C., Reysen, S., Gerbasi, K. (2015). “More than skin-deep”: Biological essentialism in response to a distinctiveness threat in a stigmatized fan community. *British Journal of Social Psychology*, 54, 359–370. <http://dx.doi.org/10.1111/bjso.12079>
- Rios, K., Sosa, N., & Osborn, H. (2018). An experimental approach to Intergroup Threat Theory: Manipulations, moderators, and consequences of realistic vs. symbolic threat. *European Review of Social Psychology*, 29(1), 212–255. <http://dx.doi.org/10.1080/10463283.2018.1537049>
- Rye, B. J., Merritt, O. A., & Straatsma, D. (2019). Individual difference predictors of transgender beliefs: Expanding our conceptualization of conservatism. *Personality and Individual Differences*, 149, 179–185. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2019.05.033>

- Stephan, W. G., Boniecki, K. A., Ybarra, O., Bettencourt, A., Ervin, K. S., Jackson, L. A., McNatt, P. S., Renfro, C. L. (2002). The role of threats in the racial attitudes of blacks and whites. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(9), 1242–1254. <https://doi.org/10.1177/01461672022812009>
- Stephan, W. G., & Stephan, C. W. (1996). Predicting prejudice. *International Journal of Intercultural Relations*, 20(3-4), 409–426. [https://doi.org/10.1016/0147-1767\(96\)00026-0](https://doi.org/10.1016/0147-1767(96)00026-0)
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Morrison, K. R. (2009). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (1st ed., pp. 43–59). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2015). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2nd ed., pp. 255–278). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Tajfel, H. (1982). *Grupos humanos e categorias sociais*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). *The social identity theory of inter-group behavior*. In S. Worchel & W. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tebbe, E. N., & Moradi, B. (2012). Anti-transgender prejudice: A structural equation model of associated constructs. *Journal of Counseling Psychology*, 59(2), 251–261. <http://dx.doi.org/10.1037/a0026990>

- Tee, N., & Hegarty, P. (2006). Predicting opposition to the civil rights of trans persons in the United Kingdom. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 16(1), 70–80. <http://dx.doi.org/10.1002/casp.851>
- Transgender Europe (2021). 375 trans and gender-diverse people reported murdered in the past year. <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell.
- Vala, J., Lopes, D., Lima, M., & Brito, R. (2002). Cultural differences and heteroethnicization in Portugal: the perceptions of White and Black people. *Portugese Journal of Social Sciences*, 1(2), 111–128. <http://dx.doi.org/10.1386/pjss.1.2.111>
- Vala, J., Pereira, C. R., Lima, M. E. O., & Leyens, J.-P. (2011). Intergroup Time Bias and Racialized Social Relations. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(4), 491–504. <http://dx.doi.org/10.1177/0146167211429746>
- Zhang, Z., Yuan, K. H. (2018). Practical statistical power analysis using Webpower and R. Granger, IN: ISDSA Press.

### **Discussão geral da Tese**

A discriminação da população transgênero é um problema mundial a ser enfrentado. É, segundo Kidd e Witten (2007), uma pandemia atravessando diversos continentes, culturas e idiomas. São muitos os exemplos da extensão da violência e ódio que afetam a vida de pessoas não identificadas com o sexo atribuído ao nascimento, ou pessoas não conformes com o gênero. Na base dessa extensão está o preconceito transfóbico, expresso por atitudes negativas e hostis direcionadas a indivíduos transgênero.

Como consequência do preconceito, as pessoas transgênero sofrem múltiplas formas de violência (Messinger et al., 2012; Peitzmeier et al., 2020), microagressões (Wesselmann et al., 2021), marginalização social (Peters, 2021), e a oposição de grande parcela da população aos seus direitos (Flores et al., 2018), como, por exemplo, a restrição ao uso do banheiro conforme a identidade de gênero (Outten et al. 2019). Outra forma de exclusão concentra-se no fato de as pessoas cisgênero não respeitarem o nome social de pessoas trans em locais de trabalho e em atendimentos médicos e de saúde (Silva et al., 2017). Além disso, indivíduos trans enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho e baixa escolaridade (Silva et al., 2020), bem como impactos significativos na saúde mental (Valentine & Shipherd, 2018).

O comportamento hostil frente aos indivíduos trans é, em parte, impulsionado por percepções de ameaça (Stephan et al., 2009). Nesse sentido, as pessoas transgênero podem ameaçar a identidade e o estatuto social das pessoas cisgêneros na medida em que os trans se tornam mais salientes na sociedade (Kende & McGarty, 2018), que rompem com crenças no binarismo de gênero e reduzem as diferenciações entre os grupos (McCullough et al., 2019), fenômeno abordado como ameaça à distintividade intergrupal (Jetten & Spears, 2003). Sendo assim, a forma como homens e mulheres cisgêneros

percebem pessoas transgênero pode contribuir para perpetuação dessas violências e processos de exclusão social elencados acima. Tendo esse cenário como quadro de referência, a presente tese abordou o tema do apoio a políticas discriminatórias contra pessoas transgêneros recorrendo a teorias e modelos analíticos desenvolvidos no âmbito da psicologia social das relações intergrupais. Focamos especificamente o preconceito transfóbico e ameaça à distintividade de gênero como fatores centrais para responder ao problema de pesquisa que levantamos.

As pesquisas sobre as atitudes e comportamentos face a esse grupo minoritário consideram o papel das diferenças de gênero no preconceito transfóbico (Broussard & Warner, 2019), na percepção de distintividade intergrupar (Figueiredo & Pereira, 2021) e na discriminação persistente contra pessoas transgêneros (Harrison & Michelson, 2018). Abordagens teóricas da psicologia social também destacam a possibilidade ameaça intergrupar ser um antecedente importante para as atitudes intergrupais negativas (Stephan et al., 2015; Tajfel & Turner, 1986). Com base na Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) e na Teoria da ameaça intergrupos (Stephan et al., 2015), propomos que os homens discriminam mais do que mulheres, pois percebem maior distintividade de gênero e, conseqüentemente, expressam maior preconceito e discriminação. Além disso, propomos que, em situações de ameaça à distintividade, tanto homens como mulheres podem agir com preconceito e discriminação.

Alguns estudos já demonstraram que o pertencimento a um grupo ou categoria social contribuem para a busca de um autoconceito positivo, que ocorre por meio da comparação com outros grupos relevantes (Tajfel & Turner, 1986). Quando as fronteiras que distinguem grupos dominantes de grupos dominados são reduzidas, o sentimento de ameaça à distintividade intergrupar pode entrar em operação (Jetten & Spears, 2003). Para manter uma distintividade positiva em relação aos grupos minoritários, as pessoas podem

agir com preconceito e discriminação como uma reação a essa ameaça (Falomir-Pichastor et al., 2015). No entanto, o complexo fenômeno da discriminação contra pessoas transgênero ainda tinha sido pouco explorado por essa perspectiva. Até onde sabemos, ainda estava para ser estudado experimentalmente o processo psicossocial que motiva as pessoas a discriminar os transgêneros colocando em destaque a ameaça à distintividade de gênero e o preconceito em homens e mulheres. Nós então conduzimos oito estudos, dispostos em três artigos empíricos nos quais abordamos o preconceito transfóbico e a percepção de ameaça à distintividade de gênero, destacamos como esses conceitos estão relacionados com a desvalorização, o menor suporte social e ao maior apoio a políticas discriminatórias contra pessoas transgênero.

Na presente tese analisamos as atitudes discriminatórias contra pessoas trans de várias formas. Consideramos que essas atitudes podem ocorrer por meio da desvalorização social que as pessoas fazem quando alocam menos recursos a uma vítima trans, pelo menor suporte social dado à uma vítima trans relativamente a uma não trans, pela menor apoio financeiro para cirurgia de redesignação sexual, ou pelo menor comportamento de apoio. Ainda, testamos o suporte a políticas discriminatórias contra transgêneros.

No primeiro artigo, desenvolvemos um novo instrumento para mensuração do preconceito contra mulheres e homens transgêneros. Esse artigo consistiu em um estudo preliminar para construção e validação de duas escalas em formato paralelo para a avaliação das atitudes negativas frente às mulheres trans e a homens trans, considerando estes indivíduos como diferentes minorias dentro de um grupo maior, os transgêneros (Morrison, 2017). Para isso, conduzimos quatro estudos objetivando explorar diversos tipos de validade (validade de conteúdo, validade da estrutura interna, validade por relações com medidas externas), como uma tentativa de suprir algumas lacunas nas outras

medidas de preconceito já existentes. Os resultados indicaram evidências satisfatórias de validade de conteúdo e da estrutura interna, cuja unidimensionalidade foi corroborada em dois dos estudos realizados. Além disso, as escalas se correlacionaram fortemente com outra medida de preconceito contra diversidade sexual e de gênero (Costa et al., 2015) e apresentaram baixas correlações com uma medida de personalidade. De forma complementar, os estudos também mostraram diferenças de gênero nos escores produzidos pelas amostras em dois estudos. Cabe destacar que esse primeiro artigo não respondeu ao problema geral da tese, mas foi relevante para o desenvolvimento dos estudos subsequentes, além de ter estimulado a discussão sobre aspectos teóricos importantes para a investigação do preconceito contra pessoas transgênero.

No segundo artigo, objetivamos estudar a discriminação de pessoas transgênero, por meio de um experimento no qual apresentamos aos participantes uma notícia fictícia (cenário) acerca de uma vítima de vazamento de fotos pessoais na internet. Manipulamos o sexo do alvo designado no nascimento (Masculino vs. Feminino) e a informação sobre a pertença categorial da vítima (Heterossexual vs. Homossexual vs. Transexual). A variável dependente foi a atribuição de indenização como medida reparatória à situação de vitimização. Os resultados demonstraram que as pessoas cisgênero tendem a valorizar o próprio grupo e discriminar pessoas transexuais. Especificamente, os homens desvalorizaram mais os homens trans e não diferenciaram gays de lésbicas. As mulheres desvalorizaram mais as lésbicas e homens trans. Apesar da maior desvalorização dos trans em comparação com os homossexuais, as diferenças de valor atribuído para essas duas minorias não foram relevantes estatisticamente. De modo geral, os achados desse artigo corroboraram previsões que fizemos com base na Teoria da Identidade Social, pois os resultados mostraram que, apesar de existir uma orientação generalizada para agir de forma justa e igualitária que motiva os indivíduos a evitarem expressar atitudes

preconceituosas, os participantes revelaram uma tendência significativa para atribuir mais recursos a membros do endogrupo do que dos exogrupos, semelhante ao processo teorizado pelo paradigma dos grupos mínimos (Tajfel et al., 1971). Colocar grupos minoritários em saliência pode ter ativado a ameaça à distintividade de gênero, como uma resposta reativa. Observamos que os participantes desvalorizaram os membros do exogrupo pela alocação de menos recursos de modo a manter distância entre os grupos (Falomir-Pichastor et al., 2015).

O terceiro artigo consistiu em três estudos experimentais sobre o papel da ameaça à distintividade no preconceito e na discriminação contra transgêneros. Hipotetizamos que os homens agem com maior discriminação do que as mulheres porque tentam maximizar distintividade de gênero, o que contribui para reagirem com mais preconceito do que as mulheres. No estudo 1, a ameaça foi compreendida como a mera visibilidade dos grupos-alvo de preconceito em um contexto de vitimização. Utilizamos um cenário similar ao artigo anterior em que se descrevia uma situação de vitimização causada por fotos vazadas nas redes sociais. Porém, usamos um delineamento mais simples, variando o sexo do alvo designado no nascimento (Masculino vs. Feminino) e a informação sobre a identidade de gênero da vítima (Cisgênero vs. Transgênero). Os resultados enfatizaram que os homens, mais do que as mulheres, foram mais preconceituosos e ofereceram menos suporte social à vítima trans. Um modelo de mediação entre o sexo dos participantes e o suporte social demonstrou que essa relação ocorre indiretamente por meio do preconceito. No segundo estudo, manipulamos a ameaça à distintividade de gênero enfatizando a semelhança de mulheres e homens transgêneros com os cisgêneros (vs. condição controle). Os resultados ofereceram evidências de que os homens percebem maior distintividade, são mais preconceituosos e apoiam mais à discriminação contra transgêneros do que as mulheres. Um modelo de mediação entre o sexo do participante e

o apoio à discriminação indicou que essa relação ocorre indiretamente pela percepção de distintividade e pelo preconceito, sendo esse processo mais forte em contexto de ameaça por mulheres trans. No estudo 3, manipulamos a ameaça à distintividade (vs. afirmação da distintividade) entre cisgêneros e transgêneros mediante feedbacks sobre os resultados de teste de personalidade fictício que os participantes realizaram. Os resultados replicaram os efeitos principais do sexo na percepção de distintividade, no preconceito e no suporte social. No entanto, esses efeitos foram mais fortes na condição de afirmação da distintividade, i.e., quando ressaltávamos as diferenças entre cisgêneros e transgêneros. De modo geral, as respostas das mulheres não se diferenciaram das apresentadas pelos homens em algumas situações ameaçadoras, isso levou-nos a sugerir que elas também podem responder de forma reativa à ameaça à distintividade de gênero, o que nos parece ser uma hipótese plausível verificada noutros estudos (e.g., Hayes & Reiman, 2021).

Em síntese, o padrão dos resultados que obtivemos mostrou consistência para a nossa hipótese de que o maior apoio a políticas discriminatórias contra pessoas transgênero que os homens apresentaram está relacionado com a ameaça à distintividade de gênero e com o preconceito reativo decorrente dessa ameaça, ainda que os resultados do último estudo tenham mostrado que esse processo pode também ocorrer nas mulheres, provavelmente nas situações em que a ameaça é situada num nível mais personalista.

### **Contribuições Teóricas**

Não podemos deixar de considerar como relevantes os outros construtos envolvidos na expressão do preconceito anti-transgêneros, como o autoritarismo de direita (e.g., Makwana et al., 2018), o fundamentalismo religioso (Adams et al., 2016), crenças essencialistas sobre o binarismo e imutabilidade das categorias de gênero (Ching & Xu, 2018). No entanto, pareceu-nos urgente estudar o papel da ameaça à distintividade

porque esse aspecto tem sido relativamente menos explorado na literatura sobre o tema (Rios et al., 2018). A ameaça à distintividade é, de fato, um conceito chave para compreender o porquê de algumas pessoas reagem com mais preconceito do que outras, especialmente o processo associado ao fato de os homens expressarem mais atitudes negativas face a pessoas transgênero do que as mulheres.

Os estudos apresentados ressaltaram diferenças de gênero na expressão do preconceito e discriminação contra indivíduos trans, o que vão ao encontro de estudos anteriores sobre esse tema (Broussard & Warner; Harrison & Michelson, 2018). Os homens seriam sensíveis a situações de ameaças à distintividade por sentirem-se incomodados com a possibilidade de perderem o seu status social e a sua masculinidade internalizada (Konopka et al., 2019). No cotidiano, a cultura de depreciar os homens com comparativos de conotação feminina (e.g., “maricas”, “mulherzinha”), ou qualquer forma de expressão verbal em forma de xingamentos associando-os a um grupo externo de menor status social, pode ser decorrente de maior percepção de ameaça à distintividade de gênero provocada pelo alvo dos xingamentos, o que poderia motivar reações preconceituosas. A partir da busca por ser distinto e melhor, pessoas mais sensíveis à essa ameaça propagam comportamentos discriminatórios, como uma forma de manter a distinção entre cisgêneros e transgêneros (Falomir-Pichastor et al., 2015). Por outro lado, quando os papéis sociais femininos são ameaçados, as mulheres também podem ser reativas para manter a sua distintividade em relação a pessoas transgênero (Nagoshi et al., 2019). Com isso, os estudos apresentados acrescentam informações na literatura sobre as diferenças de gênero nas relações intergrupais.

Além disso, o conjunto de estudos também acrescentam dados que corroboram a Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) e a Teoria da Ameaça Intergrupar (Stephan et al., 2015). Evidências empíricas indicaram o favorecimento endogrupal e a

derrogação do exogrupo (transgêneros), especialmente em contextos ameaçadores para a distintividade intergrupar. Além disso, os experimentos possibilitaram testar elementos do contexto imediato que facilitam o processo por meio do qual a ameaça e o preconceito se relacionam com o apoio a políticas discriminatórias contra pessoas transgênero.

### **Limitações e Direcionamentos Futuros**

Além das limitações já listadas nos artigos que compõem esta tese, elencamos algumas limitações mais gerais, como o fato de usarmos uma amostragem não-probabilística, predominância de participantes universitários e a ausência de controle de variáveis importantes para a compreensão das relações intergrupais, como o contato, a orientação para a dominância social, a motivação para a justificação do sistema e as diferenças individuais nas concepções sobre os papéis de gênero. Estudos posteriores são necessários não apenas para avançar empiricamente diante das limitações já apresentadas, mas também para que os achados aqui descritos possam embasar políticas públicas que visem combater o preconceito e a discriminação.

A presente tese nos permite elucidar, por exemplo, se o preconceito e a discriminação contra mulheres e homens trans difere em níveis e formas de expressão. Porém, os estudos apresentados podem subsidiar futuras hipóteses, por exemplo de que as mulheres cisgêneros respondem com maior preconceito frente a mulheres transgêneros. Ou que homens trans sofrem maior preconceito de homens cisgênero. Entretanto, sabemos que variáveis contextuais, culturais e pessoais interferem nos comportamentos discriminatórios, tornando o fenômeno bastante complexo. Dados da realidade empírica apontam que são as mulheres trans que sofrem maior violência fatal (TGEu, 2020; 2021). Existe evidência consolidada de que a violência fatal ocorre, sobretudo, contra mulheres trans negras e pobres, muitas destas profissionais do sexo (TGEu, 2021, ANTRA, 2021). Por isso, é de suma importância que futuros estudos sobre

preconceito e discriminação contra pessoas trans abordem também as intersecções entre categorização de gênero, etnia, classe social, passabilidade e status de cidadania, as quais podem ajudar a elucidar as lacunas no estudo sobre esse tema, como também tem sido destacado na literatura sobre a experiência particular de discriminação (Van Schuylenbergh et al., 2017).

Outros construtos relacionados com a discriminação contra transgêneros também podem ser investigados, como a infra-humanização. A percepção do exogrupo enquanto uma ameaça pode maximizar a tendência das pessoas cisgênero a usarem estratégias de infra-humanização do exogrupo (Vala & Costa-Lopes, 2016). Esta percepção de ameaça poderia também ser utilizada para legitimar a discriminação contra essa minoria social (Pereira et al., 2009).

Ademais, a continuação das pesquisas sobre a percepção de distintividade de gênero e do preconceito contra pessoas trans pode se relacionar com outras abordagens teóricas que propõem modelos para a redução do preconceito, como o modelo de diferenciação intergrupar mútua (Hewstone, 1996). Nesse sentido, o modelo estabelece que a minimização do preconceito se dá por meio do contato intergrupar, entretanto isso deve ser estruturado de tal forma que as identidades do grupo não sejam ameaçadas (Vala & Costa-Lopes, 2016). Vários outros fenômenos que se baseiam no processo de categorização identificados no âmbito da psicologia social podem oferecer visões adicionais importantes para o conhecimento das relações intergrupais entre cisgêneros e transgêneros. Por exemplo, Doise (1976), que propõe o modelo de diferenciação categorial. Segundo esse autor, a categorização tem um papel estrutural das relações intergrupais e a diferenciação entre endogrupos e exogrupos gera diferenciações correspondentes ao nível avaliativo, cognitivo e comportamental (Vala & Costa-Lopes, 2016). Um outro exemplo é o estudo do efeito de homogeneidade do exogrupo, que

aborda a tendência para perceber os membros de exogrupos como mais semelhantes entre si do que os membros do endogrupo, um efeito mais forte para grupos dominantes do que para dominados (e.g. Lorenzi-Cioldi, 1993). O efeito da homogeneidade está correlacionado com percepções intergrupais mais negativas. Particularmente grupos mais homogêneos são vistos como mais ameaçadores (Abelson et al., 1998). Nesse sentido, compreender o papel da homogeneidade percebida nos transgêneros poderia ajudar a esclarecer como a ameaça a distintividade de gênero atua na discriminação contra pessoas transgênero.

### **Conclusões**

A síntese dos resultados que obtivemos evidenciou que as pessoas tendem apoiar políticas discriminatórias contra pessoas transgênero quanto mais necessitam diferenciar as categorias de gênero e quanto mais fortemente expressam atitudes preconceituosas como resposta a ameaça à distintividade. Os homens sistematicamente dão menor suporte social às pessoas trans e apoiam mais fortemente a discriminação contra esse grupo social do que mulheres, isso ocorre, sobretudo, por meio da distintividade de gênero e do preconceito transfóbico. No entanto, em condições de ameaça à distintividade, tanto mulheres quanto homens podem agir de forma reativa, percebendo mais distinção intergrupal, o que as leva a expressar maior preconceito e discriminação. Além disso, ao ressaltar as diferenças entre os grupos (e.g., em condições de afirmação da distintividade de gênero), os homens, mas não as mulheres, pode estimular a distintividade percebida, atitudes negativas frente aos transgêneros e consequentemente, maior tendência à discriminação.

Notavelmente, os resultados encontrados acrescentaram dados relevantes para teorias de psicologia social das relações intergrupais, como diferenciações de gênero na discriminação de pessoas trans e o papel desempenhado pela ameaça à distintividade no

preconceito e em atitudes discriminatórias. O debate promovido entre os achados aqui descritos e a literatura sobre a temática podem oferecer, a longo prazo, embasamento para políticas públicas e abordagens teóricas e empíricas que intencionam a redução do preconceito e a exclusão social dos indivíduos transgênero.

## Referências

- Abelson, R. P., Dasgupta, N., Park, J., & Banaji, M. R. (1998). Perceptions of the collective other. *Personality and Social Psychology Review*, 2(4), 243-250.  
[https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0204\\_2](https://doi.org/10.1207/s15327957pspr0204_2)
- Adams, K. A., Nagoshi, C. T., Filip-Crawford, G., Terrell, H. K., & Nagoshi, J. L. (2016). Components of gender-based prejudice. *International Journal of Transgenderism*, 17, 185–198. <http://dx.doi.org/10.1080/15532739.2016.1200509>
- Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021). Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020.  
<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf>
- Broussard, K. A. & Warner, R. H. (2019). Gender Nonconformity Is Perceived Differently for Cisgender and Transgender Targets. *Sex Roles*, 80(7), 409 – 428.  
<https://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0947-z>
- Ching, B. H. H., Xu, J. T. (2018). The Effects of Gender Neuroessentialism on Transprejudice: An Experimental Study. *Sex Roles*, 78, 228–241  
<https://doi.org/10.1007/s11199-017-0786-3>
- Doise, W., Sinclair, A., & Bourhis, R. Y. (1976). Evaluation of Accent Convergence and Divergence in Cooperative and Competitive Intergroup Situations. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 15(3), 247–252.  
<https://doi.org/10.1111/j.2044-8260.1976.tb00031.x>
- Falomir-Pichastor, J. M., Mugny, G., & Berent, J. (2015). The side effect of egalitarian norms: Reactive group distinctiveness, biological essentialism, and sexual prejudice. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(4), 540–558.  
<https://dx.doi.org/10.1177/1368430215613843>

- Figueiredo, C. V., & Pereira, C. R. (2021). The effect of gender and male distinctiveness threat on prejudice against homosexuals. *Journal of Personality and Social Psychology*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/pspi0000269>
- Flores, A. R., Haider-Markel, D. P., Lewis, D. C., Miller, P. R., Tadlock, B. L., & Taylor, J. K. (2018). Transgender prejudice reduction and opinions on transgender rights: Results from a mediation analysis on experimental data. *Research & Politics*, 5(1), 1-7. <https://dx.doi.org/10.1177/2053168018764945>
- Harrison, B. F., & Michelson, M. R. (2018). Gender, Masculinity Threat, and Support for Transgender Rights: An Experimental Study. *Sex Roles*, 80, 63–75. <http://dx.doi.org/10.1007/s11199-018-0916-6>
- Hewstone, M. (1996). Contact and categorization: Social psychological interventions to change intergroup relations. In C. N. Macrae, C. Stangor, & M. Hewstone (Eds.), *Stereotypes and stereotyping* (pp. 323-368). London: Guilford.
- Jetten, J., & Spears, R. (2003). The divisive potential of differences and similarities: The role of intergroup distinctiveness in intergroup differentiation. *European Review of Social Psychology*, 14(1), 203–241. <https://doi.org/10.1080/10463280340000063>
- Kende, A., & McGarty, C. (2018). A Model for Predicting Prejudice and Stigma Expression by Understanding Target Perceptions: The Effects of Visibility, Politicization, Responsibility, and Entitativity. *European Journal of Social Psychology*, 49(5), 839-856 <https://doi.org/10.1002/ejsp.2550>
- Kidd, J. D., & Witten, T. M. (2007). Transgender and transsexual identities: The next strange fruit-hate crimes, violence and genocide against the global trans-

communities. *Journal of Hate Studies.*, 6 (3), 31- 63.

<http://hdl.handle.net/20.500.12389/21379>

Lorenzi-Cioldi, F. (1993). They all look alike, but so do we... sometimes: Perceptions of in-group and out-group homogeneity as a function of sex and context. *British Journal of Social Psychology*, 32(2), 111-124. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1993.tb00990.x>

Makwana, A. P., Dhont, K., Akhlaghi-Ghaffarokh, P., Masure, M., & Roets, A. (2018). The motivated cognitive basis of transphobia: The roles of right-wing ideologies and gender role beliefs. *Sex Roles*, 79(3), 206-217. <https://doi.org/10.1007/s11199-017-0860-x>

McCullough, R., Dispenza, F., Chang, C. Y., & Zeligman, M. R. (2019). Correlates and predictors of anti-transgender prejudice. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(3), 359–368. <https://doi.org/10.1037/sgd0000334>

Messinger, A. M., Guadalupe-Diaz, X. L., & Kurdyla, V. (2021). Transgender Polyvictimization in the U.S. Transgender Survey. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-27. <https://doi.org/10.1177/08862605211039250>

Morrison, T. G. (2017). Systematic review of the psychometric properties of transphobia scales. *International Journal of Transgenderism*, 18(4), 395–410. <https://doi.org/10.1080/15532739.2017.1332535>

Outten, H. R., Lee, T., & Lawrence, M. E. (2019). Heterosexual women's support for trans inclusive bathroom legislation depends on the degree to which they perceive trans women as a threat. *Group Processes & Intergroup Relations*, 22(8), 1094–1108. <http://dx.doi.org/10.1177/1368430218812660>

Peitzmeier, S. M., Malik, M., Kattari, S. K., Marrow, E., Stephenson, R., Agénor, M., &

Reisner, S. L. (2020). Intimate partner violence in transgender populations:

Systematic review and meta-analysis of prevalence and correlates. *American journal of public health*, 110(9), e1-e14.

<https://doi.org/10.2105/AJPH.2020.305774>

Pereira, C., Vala, J., & Leyens, J. P. (2009). From infra-humanization to discrimination:

The mediation of symbolic threat needs egalitarian norms. *Journal of experimental social psychology*, 45(2), 336-344. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2008.10.010>

Peters, S. W. (2021). Transgender and Gender-Expansive Homeless Youth:

Considerations for Empowerment Using a Narrative Approach. *Journal of LGBTQ Issues in Counseling*, 15(4), 426-442.

<https://doi.org/10.1080/15538605.2021.1967253>

Rios, K., Sosa, N., & Osborn, H. (2018). An experimental approach to Intergroup

Threat Theory: Manipulations, moderators, and consequences of realistic vs. symbolic threat. *European Review of Social Psychology*, 29(1), 212–255.

<http://dx.doi.org/10.1080/10463283.2018.1537049>

Silva, M. A. D., Luppi, C. G., & Veras, M. A. D. S. M. (2020). Work and health issues

of the transgender population: factors associated with entering the labor market in the state of São Paulo, Brazil. *Ciência & Saúde coletiva*, 25(5), 1723-1734.

<https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.33082019>

Silva, L. K. M. D., Silva, A. L. M. A. D., Coelho, A. A., & Martiniano, C. S. (2017).

Uso do nome social no Sistema Único de Saúde: elementos para o debate sobre a

- assistência prestada a travestis e transexuais. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 27(3), 835-846. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300023>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Morrison, K. R. (2009). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (1st ed., pp. 43–59). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2015). *Intergroup threat theory*. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2nd ed., pp. 255–278). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). *The social identity theory of inter-group behavior*. In S. Worchel & W. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Tajfel, H., Billig, M. G., Bundy, R. P., & Flament, C. (1971). Social categorization and intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 1(2), 149-178. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420010202>
- Transgender Europe – TGEU (2020). Trans Day of Remembrance 2020: Fighting for our futures. Retirado de <https://tgeu.org/joint-statement-tdor-2020/>
- Transgender Europe (2021). 375 trans and gender-diverse people reported murdered in the past year. <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>
- Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2016). Categorização social e fatores ideológicos na dinâmica das relações intergrupais. In D. X. França, & M. E. O. Lima (Eds.). *Níveis de análise e formas de intervenção em psicologia social* (pp. 43-71). São Paulo: Scortecci
- Valentine, S. E., & Shipherd, J. C. (2018). A systematic review of social stress and mental health among transgender and gender non-conforming people in the United States. *Clinical Psychology Review*, 66, 24-38. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2018.03.003>

Van Schuylenbergh, J., Motmans, J., & Coene, G. (2017). Transgender and non-binary persons and sexual risk: A critical review of 10 years of research from a feminist intersectional perspective. *Critical Social Policy*, 38(1), 121–142.

<https://doi.org/10.1177/0261018317732478>

Wesselmann, E. D., DeSouza, E. R., AuBuchon, S., Bebel, C., & Parris, L. (2021).

Investigating microaggressions against transgender individuals as a form of social exclusion. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/sgd0000513>

## **Apêndices**

## Apêndice A (Materiais usados no Capítulo I)

### Online Supplementary Materials

S1.

#### *Initial Item and Item Source*

| Initial Item                                                                                                                                                                    | Item Source             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------|
| 1. I feel angry when a person who was born a man and became a woman flirts with me./ 1. I feel angry when a person who was born a woman and became a man flirts with me.        | TS (Nagoshi, 2008)      |
| 2. I think there's something wrong with a person who was born a man and says he's a woman./ 2. I think there's something wrong with a person born a woman and says she's a man. | TS (Nagoshi, 2008)      |
| 3. I would be upset if a female friend of mine revealed that she was born a man./ 3. I would be upset if a male friend of mine revealed that he was born a woman.               | TS (Nagoshi, 2008)      |
| 4. I avoid people on the street who were born a man and became a woman./ 4. I avoid people on the street who were born women and became men.                                    | TS (Nagoshi, 2008)      |
| 5. I believe that men must remain men./ 5. I believe that women should remain women.                                                                                            | GTS (Hill et al., 2005) |
| 6. A man who has medical intervention to change sex is immoral./ A woman who has medical intervention to change sex is immoral.                                                 | GTS (Hill et al., 2005) |
| 7. Men who see themselves as women are freaks./ 7. Women who see themselves as men are freaks.                                                                                  | GTS (Hill et al., 2005) |
| 8. Men who behave like women should be ashamed.                                                                                                                                 | GTS (Hill et al., 2005) |
| 9. Men who turn into women make me sick./ 9. Women who have turned into men make me sick.                                                                                       | Authors                 |
| 10. I would go to a bar frequented by men who have become women./ 10. I would go to a bar frequented by women became men.                                                       | GTS (Hill et al., 2005) |
| 11. A man who thinks he's a woman is a pervert. / 11. A woman who thinks she's a man is a pervert.                                                                              | GTS (Hill et al., 2005) |

- |                                                                                                                                                                        |                                 |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------|
| 12. It is morally wrong for a man to present himself as if he were a woman in public./ 12. It is morally wrong for a woman to present herself as a man in public.      | GTS (Hill et al., 2005)         |
| 13. Transgender women already have all the rights they need./ 13. Transgender men already have all the rights they need.                                               | MHS (Morrison & Morrison, 2003) |
| 14. It is unacceptable for a man who has changed sex to use the women's bathroom./ 14. It is unacceptable for a woman who has changed sex to use the men's bathroom.   | Authors                         |
| 15. I would feel uncomfortable if a son of mine wanted to be a woman./ 15. I would feel uncomfortable if a daughter of mine wanted to be a man.                        | Authors                         |
| 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a man who became a woman./ 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a woman who became a man. | Authors                         |
| 17. Men who have become women should avoid working in public./ 17. Women who have become men should avoid working in public.                                           | Authors                         |
| 18. Men who see themselves as women should live outside society.                                                                                                       | Authors                         |
| 19. Men who become women are good for family life.                                                                                                                     | Authors                         |
| 20. It's a sin for a man to want to be a woman./ 18. Women who see themselves as men should stay out of society.                                                       | Authors                         |
| 21. It's against human nature for a man to say he's a woman./ 21. It's against human nature for a woman to say she's a man.                                            | Authors                         |
-

## S2.

*PTS-W items before and after Raters' Analysis and Semantic Validation.*

| Initial Item                                                                               | CVC<br>suitability | CVC<br>relevance | CVC<br>clarity | Final Item                                                                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. I feel angry when a person who was born a man and became a woman flirts with me.        | 0.87               | 0.87             | 0.67           | 1. I feel angry when a person who was born a man and became a woman wants to flirt with me. |
| 2. I think there's something wrong with a person who was born a man and says he's a woman. | 0.73               | 0.53             | 0.67           | 2. I think there's something wrong with a person who was born a man and says he's a woman.  |
| 3. I would be upset if a female friend of mine revealed that she was born a man.           | 0.73               | 0.73             | 0.73           | 3. I would be upset if a female friend of mine revealed that she was born with a male body. |
| 4. I avoid people on the street who were born a man and became a woman.                    | 0.73               | 0.80             | 0.73           | 4. I avoid people who were born men. but feel like women.                                   |
| 5. I believe that man must remain a man.                                                   | 0.73               | 0.73             | 0.73           | 5. I believe that the person who was born a man must remain a man.                          |
| 6. A man who gets surgical intervention to change sex is immoral.                          | 0.93               | 0.80             | 0.73           | 6. A man who gets surgical intervention to "change sex" is immoral.                         |
| 7. Men who see themselves as women are abnormal.                                           | 0.73               | 0.80             | 0.67           | 7. A person who is born a man and feels like a woman is abnormal.                           |
| 8. Men who behave like women should be ashamed.                                            | 0.67               | 0.67             | 0.80           | 8. Men who behave like women should be ashamed.                                             |
| 9. Men who turn into women make me sick.                                                   | 0.93               | 0.93             | 0.80           | 9. Men who turn into women make me sick.                                                    |
| 10. I would go to a bar frequented by men who have become women.                           | 0.87               | 0.87             | 0.73           | 10. I would go to a bar frequented by men who have become women.                            |
| 11. A man who thinks he's a woman is a pervert.                                            | 0.73               | 0.73             | 0.67           | 11. A man who feels like a woman is a pervert.                                              |

|                                                                                       |      |      |      |                                                                                           |
|---------------------------------------------------------------------------------------|------|------|------|-------------------------------------------------------------------------------------------|
| 12. It is morally wrong for a man to present himself as if he were a woman in public. | 0.73 | 0.80 | 0.80 | 12. It is morally wrong for a man to present himself as if he were a woman in public.     |
| 13. Transgender women already have all the rights they need.                          | 0.80 | 0.53 | 0.93 | 13. Transgender women already have all the rights they need.                              |
| 14. It is unacceptable for a man who has changed sex to use the women's bathroom.     | 0.87 | 0.87 | 0.73 | 14. It is unacceptable for a man who has changed sex to use the women's bathroom.         |
| 15. I would feel uncomfortable if a son of mine wanted to be a woman.                 | 0.73 | 0.73 | 0.80 | 15. I would feel uncomfortable if a son of mine wanted to have feminine characteristics.  |
| 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a man who became a woman.    | 0.93 | 0.87 | 0.80 | 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a man who became a woman.        |
| 17. Men who have become women should avoid working in public.                         | 0.93 | 0.80 | 0.80 | 17. Men who have become women should avoid working in public.                             |
| 18. Men who see themselves as women should live outside society.                      | 0.80 | 0.80 | 0.73 | 18. Men who see themselves as women should live outside society.                          |
| 19. Men who become women are good for family life.                                    | 0.53 | 0.60 | 0.53 | Disposed*                                                                                 |
| 20. It's a sin for a man to want to be a woman.                                       | 0.87 | 0.80 | 0.40 | 19. It is a sin for a person who was born a man to identify himself as a woman.           |
| 21. It is against human nature for a man to say he is a woman.                        | 0.67 | 0.87 | 0.40 | 20. It is against human nature for a person who was born a man to say that he is a woman. |

---

S3.

*PTS-M items before and after Raters' Analysis and Semantic Validation.*

| Initial Item                                                                        | CVC<br>suitability | CVC<br>relevance | CVC<br>clarity | Final Item                                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------|------------------|----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. I feel angry when a person who was born a woman and became a man flirts with me. | 0.87               | 0.87             | 0.67           | 1. I feel angry when a person who was born a woman and became a man wants to flirt with me. |
| 2. I think there's something wrong with a person born a woman and says she's a man. | 0.73               | 0.53             | 0.67           | 2. I think there's something wrong with a person who's born a woman and says she's a man.   |
| 3. I would be upset if a male friend of mine revealed that he was born a woman.     | 0.73               | 0.73             | 0.73           | 3. I would be upset if a male friend of mine revealed that he was born with a female body.  |
| 4. I avoid people on the street who were born women and became men.                 | 0.73               | 0.80             | 0.73           | 4. I avoid people who are born women. but feel like men.                                    |
| 5. I believe that woman should remain a woman.                                      | 0.73               | 0.73             | 0.67           | 5. I believe that the person who was born a woman must remain a woman.                      |
| 6. A woman who gets surgical intervention to change sex is immoral.                 | 0.93               | 0.80             | 0.80           | 6. A woman who gets surgical intervention to "change sex" is immoral.                       |
| 7. Women who see themselves as men are abnormal.                                    | 0.73               | 0.73             | 0.67           | 7. A person who is born a woman and feels like a man is abnormal.                           |
| 8. Women who behave like men should be ashamed.                                     | 0.60               | 0.60             | 0.80           | 8. Women who behave like men should be ashamed.                                             |
| 9. Women who have turned into men make me sick.                                     | 0.93               | 0.93             | 0.80           | 9. Women who have turned into men make me sick.                                             |
| 10. I would go to a bar frequented by women became men.                             | 0.87               | 0.87             | 0.73           | 10. I would go to a bar frequented by women who became men.                                 |

|                                                                                    |      |      |      |                                                                                                |
|------------------------------------------------------------------------------------|------|------|------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 11. A woman who thinks she's a man is a pervert.                                   | 0.73 | 0.73 | 0.67 | 11. A woman who feels like a man is a pervert.                                                 |
| 12. It is morally wrong for a woman to present herself as a man in public.         | 0.73 | 0.73 | 0.73 | 12. It is morally wrong for a woman to present herself as a man in public.                     |
| 13. Transgender men already have all the rights they need.                         | 0.73 | 0.73 | 1.00 | 13. Transgender men already have all the rights they need.                                     |
| 14. It is unacceptable for a woman who has changed sex to use the men's bathroom.  | 0.87 | 0.60 | 0.87 | 14. It is unacceptable for a woman who has "changed sex" to use the men's bathroom.            |
| 15. I would feel uncomfortable if a daughter of mine wanted to be a man.           | 0.67 | 0.73 | 0.80 | 15. I would feel uncomfortable if a daughter of mine wanted to have masculine characteristics. |
| 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a woman who became a man. | 0.93 | 0.87 | 0.80 | 16. I would feel uncomfortable if my child's teacher was a woman who became a man.             |
| 17. Women who have become men should avoid working in public.                      | 0.93 | 0.80 | 0.80 | 17. Women who have become men should avoid working in public.                                  |
| 18. Women who see themselves as men should stay out of society.                    | 0.73 | 0.73 | 0.67 | 18. Women who see themselves as men should live outside society.                               |
| 19. Women who become men are good for family life.                                 | 0.53 | 0.60 | 0.47 | Disposed*                                                                                      |
| 20. It's a sin for a woman to want to be a man.                                    | 0.87 | 0.80 | 0.40 | 19. It is a sin for a person who was born a woman to identify herself as a man.                |
| 21. It's against human nature for a woman to say she's a man.                      | 0.67 | 0.87 | 0.40 | 20. It is against human nature for a person who was born a woman to say that she is a man.     |

---

**Versão final da PTS-W e PTS-M**

*PTS-W*

**INSTRUÇÕES:** Abaixo encontram-se algumas frases com as quais você pode ou não concordar sobre **mulheres transgênero**. Por favor, em cada frase marque a alternativa que melhor expressa a sua opinião de acordo com seguinte escala de 1 (Discordo Muito) a 7 (Concordo Muito):

| <b>Itens</b>                                                                            | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Eu acho que há algo errado com uma pessoa que nasceu homem e diz que é mulher.          |          |          |          |          |          |          |          |
| Eu acredito que a pessoa que nasceu homem deve permanecer homem.                        |          |          |          |          |          |          |          |
| Um homem que se opera para “mudar de sexo” é imoral.                                    |          |          |          |          |          |          |          |
| Uma pessoa que nasce homem e se sente mulher é anormal.                                 |          |          |          |          |          |          |          |
| Os homens que se comportam como mulheres deveriam se envergonhar.                       |          |          |          |          |          |          |          |
| Um homem que se sente mulher é um perverso.                                             |          |          |          |          |          |          |          |
| É moralmente errado que um homem se apresente como se fosse uma mulher em público.      |          |          |          |          |          |          |          |
| Me sentiria incomodado(a) se um filho meu quisesse ter características femininas.       |          |          |          |          |          |          |          |
| Me sentiria incomodado(a) se a professora do meu filho fosse um homem que virou mulher. |          |          |          |          |          |          |          |
| É contra a natureza humana uma pessoa que nasceu homem dizer que é uma mulher.          |          |          |          |          |          |          |          |

## PTS-M

**INSTRUÇÕES:** Abaixo encontram-se algumas frases com as quais você pode ou não concordar sobre **homens transgênero**. Por favor, em cada frase marque a alternativa que melhor expressa a sua opinião de acordo com seguinte escala de 1 (Discordo Muito) a 7 (Concordo Muito):

| Itens                                                                                   | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|
| Eu acho que há algo errado com uma pessoa que nasceu mulher e diz que é homem.          |   |   |   |   |   |   |   |
| Eu acredito que a pessoa que nasceu mulher deve permanecer mulher.                      |   |   |   |   |   |   |   |
| Uma mulher que se opera para “mudar de sexo” é imoral.                                  |   |   |   |   |   |   |   |
| Uma pessoa que nasce mulher e se sente homem é anormal.                                 |   |   |   |   |   |   |   |
| As mulheres que se comportam como homens deveriam se envergonhar.                       |   |   |   |   |   |   |   |
| Uma mulher que se sente homem é uma pervertida.                                         |   |   |   |   |   |   |   |
| É moralmente errado que uma mulher se apresente como se fosse um homem em público.      |   |   |   |   |   |   |   |
| Me sentiria incomodado(a) se uma filha minha quisesse ter características masculinas.   |   |   |   |   |   |   |   |
| Me sentiria incomodado(a) se o professor do meu filho fosse uma mulher que virou homem. |   |   |   |   |   |   |   |
| É contra a natureza humana uma pessoa que nasceu mulher dizer que é um homem.           |   |   |   |   |   |   |   |

**EPDSG (Costa et al., 2015)**

**INSTRUÇÕES:** Marque como você responderia às seguintes afirmativas utilizando a escala de cinco opções descrita abaixo. Por favor, responda CUIDADOSAMENTE e HONESTAMENTE a cada pergunta. É importante indicar como você se sente AGORA e não como você pode ter-se sentido no PASSADO. Algumas das situações podem ser estranhas para você, mas tente pensar sobre situações semelhantes que você possa ter vivenciado. Responda a cada item e não se preocupe com suas respostas anteriores. Não há respostas certas ou erradas.

| Discorda<br>Totalmente | Discorda um<br>pouco | Nem concorda nem<br>discorda | Concorda um<br>pouco | Concorda<br>Totalmente |
|------------------------|----------------------|------------------------------|----------------------|------------------------|
| 1                      | 2                    | 3                            | 4                    | 5                      |

|                                                                                    | Discordo<br>Totalmente |   |   |   | Concordo<br>Totalmente |
|------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|---|---|---|------------------------|
| 1) Sexo entre dois homens é totalmente errado.                                     | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 2) Eu acho que os homens <i>gays</i> são nojentos.                                 | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 3) A homossexualidade masculina é uma perversão.                                   | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 4) Sexo entre duas mulheres é totalmente errado.                                   | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 5) Eu acho que as mulheres lésbicas são nojentas.                                  | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 6) Travestis me dão nojo.                                                          | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 7) Os homens que se comportam como mulheres deveriam se envergonhar.               | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 8) Os homens que depilam suas pernas são estranhos.                                | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 9) Eu não consigo entender por que uma mulher se comportaria feito um homem.       | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 10) As crianças deveriam brincar com brinquedos apropriados para seu próprio sexo. | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 11) As mulheres que se veem como homens são anormais.                              | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 12) Operações de mudança de sexo são moralmente erradas.                           | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 13) As meninas masculinas deveriam receber tratamento.                             | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 14) Os homens afeminados não me deixam à vontade.                                  | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 15) Eu iria a um bar frequentado por travestis.                                    | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |
| 16) As mulheres masculinas não me deixam à vontade.                                | 1                      | 2 | 3 | 4 | 5                      |

**Escala TIPI Pimentel et al. (2014)**

**INSTRUÇÕES:** Agora você encontrará traços de personalidade que pode dizer respeito a você em algum grau. Por favor, escreva um número ao lado de cada afirmação indicando em que medida você concorda ou discorda. Você deve avaliar em quem medida o par de traços se aplica a você, ainda que alguns se apliquem mais fortemente que outros.

| 1                          | 2                             | 3                        | 4                                  | 5                        | 6                             | 7                          |
|----------------------------|-------------------------------|--------------------------|------------------------------------|--------------------------|-------------------------------|----------------------------|
| Discordo<br>fortement<br>e | Discordo<br>moderadamen<br>te | Discord<br>o um<br>pouco | Nem<br>concordo<br>nem<br>discordo | Concord<br>o um<br>pouco | Concordo<br>moderadamen<br>te | Concordo<br>fortement<br>e |

Eu me vejo como alguém...

1. \_\_\_\_\_ Extrovertido, entusiasta.
2. \_\_\_\_\_ Crítico, briguento.
3. \_\_\_\_\_ Confiável, autodisciplinado.
4. \_\_\_\_\_ Ansioso, que se chateia facilmente,
5. \_\_\_\_\_ Aberto a novas experiências, complexo.
6. \_\_\_\_\_ Reservado, quieto.
7. \_\_\_\_\_ Simpático, acolhedor.
8. \_\_\_\_\_ Desorganizado, descuidado.
9. \_\_\_\_\_ Calmo, emocionalmente estável
10. \_\_\_\_\_ Convencional, sem criatividade.

**Questionário Sociodemográfico**

**1. Idade:** \_\_\_\_\_ **2. Cidade/Estado:** \_\_\_\_\_

**3. Qual é o seu sexo biológico?** ( ) Masculino ( ) Feminino

**4. Indique a sua Identidade de gênero:**

- ( ) Homem Cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)
- ( ) Mulher Cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)
- ( ) Homem Transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)
- ( ) Mulher Transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)
- ( ) Outra identidade Transgênero (Não se identifica com um gênero correspondente ao sexo biológico)

**5. Indique a sua Orientação Sexual:**

- ( ) Heterossexual ( ) Outra
- ( ) Homossexual ( ) Prefiro não dizer
- ( ) Bissexual

**6. Estado Civil:**

- ( ) Solteiro(a) ( ) Viúvo(a)
- ( ) Casado(a) ( ) Mora com companheiro(a)
- ( ) Divorciado(a) ( ) Outro
- ( ) Separado(a)

**7. Curso/Período:** \_\_\_\_\_

**8. Religião:**

- ( ) Católico(a)
- ( ) Evangélico(a)/Protestante
- ( ) Espírita
- ( ) Religião afrodescendente
- ( ) Budista
- ( ) Adventista
- ( ) Ecumênico
- ( ) Não tenho religião
- ( ) Ateísta
- ( ) Outra

**9. Qual é o seu grau de religiosidade?**

|      |   |   |   |   |   |   |   |   |   |       |
|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|-------|
| Nada |   |   |   |   |   |   |   |   |   | Muito |
| 0    | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10    |

*Agradecemos a colaboração!*

## Apêndice B (Materiais usados no Capítulo II)

### *Manipulação Experimental*

*Condição de homem heterossexual*

30/09/2014 09:42 - Atualizado em 30/09/2014 09:45

## FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09:42 PM

 Tweetar 161  Recomendar 5



**João, 30 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ele teve fotos íntimas com a sua namorada divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. João pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ele deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de João:

( ) Masculino ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de João:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de João:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

## Condição de Mulher Heterossexual

20/09/2014 09h43 - Atualizado em 20/09/2014 09h45

### FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09h43 PM

Tweetar 161

Recomendar 5



**Joana, 30 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ela teve fotos íntimas com seu namorado divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. Joana pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ela deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de Joana:

( ) Masculino ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de Joana:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de Joana:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

## Condição de Homem Homossexual (Gay)

30/09/2014 09h43 - Atualizado em 30/09/2014 09h45

### FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09h43 PM

Tweeter 161

Recomendar 5



**João, 30 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ele teve fotos íntimas com seu namorado divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. João pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ele deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de João:

( ) Masculino      ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de João:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de João:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

*Condição de Mulher homossexual (Lésbica)*

30/09/2014 09:43 - Atualizado em 30/09/2014 09:45

## FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09:43 PM

Tweeter 161

Recomendar 5



**Joana, 30 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ela teve fotos íntimas com sua namorada divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. Joana pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ela deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de Joana:

( ) Masculino ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de Joana:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de Joana:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

## Condição de Homem Transexual

26/05/2014 09:43 - Atualizado em 26/05/2014 09:45

### FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09:43 PM

[Tweeter](#) 161 [Recomendar](#) 5



**João, 30 anos, homem transexual, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ele teve fotos íntimas com a sua namorada divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. João pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ele deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de João:

( ) Masculino      ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de João:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de João:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

## Condição de Mulher Transexual

26/09/2014 09:43 - Atualizado em 26/09/2014 09:45

### FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana, cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

De 121 PE

Tweeter 161 Recomendar 5



**Joana, 30 anos, mulher transexual, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ela teve fotos íntimas com seu namorado divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. Joana pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

1. Indique em reais o valor da indenização que ela deve receber:

---

2. Indique o sexo biológico de Joana:

( ) Masculino ( ) Feminino

3. Indique a orientação sexual de Joana:

( ) Heterossexual  
( ) Homossexual  
( ) Bissexual

4. Indique a identidade de gênero de Joana:

( ) Homem cisgênero (Nasceu com sexo masculino e se vê como homem)  
( ) Mulher cisgênero (Nasceu com sexo feminino e se vê como mulher)  
( ) Homem transexual (Nasceu com sexo feminino, mas se vê como homem)  
( ) Mulher transexual (Nasceu com sexo masculino, mas se vê como mulher)

## Apêndice C (Materiais usados no Capítulo III)

### *Estudo 1*

#### *Manipulação Experimental*

##### *Condição Homem Cisgênero*

Vamos apresentar uma notícia publicada num jornal online de grande circulação. Leia com atenção, pois as questões serão sobre a sua opinião em relação a notícia que vai ler.

João nasceu um menino como os outros. Na infância teve muitos amigos(as) e gostava de tirar fotos. Recentemente, João teve fotos pessoais vazadas na internet. O caso foi noticiado em uma página da web.

30/09/2014 09h43 - Atualizado em 30/09/2014 09h43

### **FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR**

No início da semana cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09h43 PM

 Tweetar 161

 Recomendar 5



**João, 25 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ele teve fotos íntimas divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. João pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

### *Condição Mulher Cisgênero*

Vamos apresentar uma notícia publicada num jornal online de grande circulação. Leia com atenção, pois as questões serão sobre a sua opinião em relação a notícia que vai ler.

Joana nasceu uma menina como as outras. Na infância teve muitos amigos(as) e gostava de tirar fotos. Recentemente, Joana teve fotos pessoais vazadas na internet. O caso foi noticiado em uma página da web.

30/09/2014 09:43 - Atualizado em 30/09/2014 09:45

## **FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR**

No início da semana cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

09h 01 PM

 Tweetar 161

 Recomendar 5



**Joana, 25 anos, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ela teve fotos íntimas divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. Joana pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

## Condição Homem Transgênero

Vamos apresentar uma notícia publicada num jornal online de grande circulação. Leia com atenção, pois as questões serão sobre a sua opinião em relação a notícia que vai ler.

Joana nasceu uma menina como as outras. Na infância teve muitos amigos(as) e gostava de tirar fotos. No entanto, na fase adulta ela passou a ser ver e se comportar como sendo um homem (Homem transexual) o) e hoje se chama João.

Recentemente, João teve fotos pessoais vazadas na internet. O caso foi noticiado em uma página da web.

30/09/2014 09:43 - Atualizado em 30/09/2014 09:45

### **FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR**

No início da semana cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

30/09/2014

 Tweetar 161

 Recomendar 5



**João, 25 anos, homem transexual, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ele teve fotos íntimas divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. João pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

## Condição Mulher Transgênero

Vamos apresentar uma notícia publicada num jornal online de grande circulação. Leia com atenção, pois as questões serão sobre a sua opinião em relação a notícia que vai ler.

João nasceu um menino como os outros. Na infância teve muitos amigos(as) e gostava de tirar fotos. No entanto, na fase adulta, ele passou a se ver e se comportar como sendo uma mulher (Mulher transexual) e hoje se chama Joana.

Recentemente, Joana teve fotos pessoais vazadas na internet. O caso foi noticiado em uma página da web.

30/09/2014 08h43 - Atualizado em 30/09/2014 08h45

### FOTOS ÍNTIMAS DE CLIENTE SÃO VAZADAS POR EMPRESA DE CELULAR

No início da semana cliente teve suas fotos íntimas vazadas após enviar o celular para a assistência técnica.

08h43 PM

 Tweetar 161

 Recomendar 5



**Joana, 25 anos, mulher transexual, enviou seu aparelho de celular para a assistência técnica. Dias depois ela teve fotos íntimas divulgadas nas redes sociais e passou a receber mensagens constrangedoras. Joana pede na Justiça que a empresa pague uma indenização por dano moral porque foi a responsável pelo vazamento.**

**Medida de Suporte Social ao alvo chamado João**

Marque o quão provável você se comportaria nessas situações de acordo com a escala de resposta abaixo:

| 0                | 1          | 2                      | 3        | 4              |
|------------------|------------|------------------------|----------|----------------|
| Muito improvável | Improvável | Mais ou menos Provável | Provável | Muito provável |

|                                                                       |   |   |   |   |   |
|-----------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 1. Apoiaria João compartilhando a notícia nas redes sociais.          | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Doaria uma quantia em dinheiro para João pagar advogados.          | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Seria amigo(a) de João.                                            | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Recomendaria a empresa de assistência técnica para amigos/colegas. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |

**Medida de Suporte Social ao alvo chamado Joana**

Marque o quão provável você se comportaria nessas situações de acordo com a escala de resposta abaixo:

| 0                | 1          | 2                      | 3        | 4              |
|------------------|------------|------------------------|----------|----------------|
| Muito improvável | Improvável | Mais ou menos Provável | Provável | Muito provável |

|                                                                       |   |   |   |   |   |
|-----------------------------------------------------------------------|---|---|---|---|---|
| 1. Apoiaria Joana compartilhando a notícia nas redes sociais.         | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 2. Doaria uma quantia em dinheiro para Joana pagar advogados.         | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 3. Seria amigo(a) de Joana.                                           | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |
| 4. Recomendaria a empresa de assistência técnica para amigos/colegas. | 0 | 1 | 2 | 3 | 4 |

## ***Estudo 2***

### ***Manipulação Experimental***

*Condição ameaça por Mulheres transgênero*

11/06/2020 - 13h37

## **Fim da diferença entre Mulheres transgêneros e cisgêneros**

Maria João Vieira

da Agência de Notícias

Transgêneros são indivíduos que se identificam com um gênero oposto ao do sexo atribuído a eles no nascimento. Enquanto Cisgêneros são a maioria da população, representada por indivíduos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceu. Logo, uma mulher transgênero nasceu com sexo biológico masculino, mas se identifica com o gênero feminino. Isto é, nasceu homem, mas agora é mulher.

Geralmente, as mulheres transgênero sentem a necessidade de fazer a transição física de um sexo para outro. Desde a demonstração de sua eficácia em 2019, o transplante uterino (TU) tornou possível que pacientes que passam por transição de gênero um dia tenham seus próprios filhos biológicos. O Cirurgião Dean Hamer (Instituto Nacional de Saúde dos EUA) já realizou a cirurgia em 17 mulheres transgênero. Em conjunto com tratamento hormonal para produção de óvulos e a cirurgia TU, especialistas da área médica afirmam que mulheres transgênero podem ser consideradas biologicamente idênticas a mulheres cisgêneros.

Obviamente, não é nosso papel legislar ou tomar uma posição a respeito do acesso à TU para essas mulheres transgênero. De fato, não é tecnicamente possível que tais procedimentos devam ser necessariamente executados, e não cabe à profissão médica decidir sobre as possibilidades de fertilidade em mulheres transgênero, principalmente porque esse tópico é objeto de acalorado debate na sociedade.

*Condição ameaça por Mulheres transgênero*

11/06/2020 - 13h37

## **Fim da diferença entre Homens transgêneros e cisgêneros**

Maria João Vieira

da Agência de Notícias

Transgêneros são indivíduos que se identificam com um gênero oposto ao do sexo atribuído a eles no nascimento. Enquanto Cisgêneros são a maioria da população, representada por indivíduos que se identificam com o sexo biológico com o qual nasceu. Logo, um homem transgênero nasceu com sexo biológico feminino, mas se identifica com o gênero masculino. Isto é, nasceu mulher, mas agora é homem.

Geralmente, os homens transegênero sentem a necessidade de fazer a transição física de um sexo para outro. Desde a demonstração de sua eficácia em 2019, o transplante do sistema reprodutor masculino (TSRM) tornou possível que pacientes que passam por transição de gênero um dia tenham seus próprios filhos biológicos. O Cirurgião Dean Hamer (Instituto Nacional de Saúde dos EUA) já realizou a cirurgia em 17 homens transgênero. Em conjunto com tratamento hormonal para produção de espermatozoides e a cirurgia TSRM, especialistas da área médica afirmam que homens transgênero podem ser considerados biologicamente idênticos a homens cisgêneros.

Obviamente, não é nosso papel legislar ou tomar uma posição a respeito do acesso à TSRM para esses homens transexuais. De fato, não é tecnicamente possível que tais procedimentos devam ser necessariamente executados, e não cabe à profissão médica decidir sobre as possibilidades de fertilidade em homens transgênero, principalmente porque esse tópico é objeto de acalorado debate na sociedade.

Condição Controle

11/06/2020 - 13h37

## Pesquisa descobre número de civilizações Extraterrestres

Maria João Vieira

da Agência de Notícias

Um novo estudo, publicado no último dia 10 no periódico científico *The Astrophysical Journal*, apontou que o número mais provável de civilizações alienígenas contatáveis na Via Láctea é 36. Trata-se da primeira vez em que se estimou a quantidade de povos extraterrestres inteligentes e comunicáveis na galáxia.

A pesquisa usou uma equação como base o número de estrelas que se formam anualmente na galáxia e o tempo durante o qual cada civilização seria capaz de enviar sinais de vida detectáveis por nós. O problema é que a equação envolve incógnitas muito difíceis de se precisar. Por isso, os resultados da conta podem variar muito. Como forma de tentar compensar esse fato, os cientistas participantes do novo estudo buscaram refinar a equação e adicionar novos dados para obter respostas menos genéricas. Uma das suposições que os pesquisadores fizeram é a de que a vida inteligente se forma de um modo específico, científico, e não aleatoriamente.

Por isso, há evidências de que essas civilizações deveriam ter ao menos algumas semelhanças com os terráqueos, e além disso, tecnologias superiores. De fato, não podemos ter certeza que a pesquisa está correta, não cabe à profissão jornalística decidir sobre as possibilidades de vida fora da terra, principalmente porque esse tópico é objeto de acalorado debate na sociedade.

### **Medida de Apoio à discriminação**

Agora iniciamos a segunda parte da pesquisa a respeito de suas opiniões sobre grupos sociais. Os grupos sociais referidos nas questões serão:

Cisgêneros = Pessoas que se identificam com o sexo atribuído no nascimento (Homens e Mulheres)

Transgêneros = Pessoas que não se identificam com o sexo atribuído no nascimento.

**INSTRUÇÕES:** A seguir serão apresentados supostos projetos de lei referentes a pessoas transgêneros. Pedimos que vote, de acordo com suas opiniões, em cada projeto de acordo com a escala de resposta abaixo:

(1) Definitivamente voto NÃO

(2) Provavelmente voto NÃO

(3) Indeciso

(4) Provavelmente voto SIM

(5) Definitivamente voto SIM

| <b>Itens</b>                                                                            | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Pessoas transgênero devem escolher qual banheiro se encaixa em sua identidade de gênero |          |          |          |          |          |
| Os transgênero usem o banheiro do sexo a que foram designados no nascimento.            |          |          |          |          |          |
| Leis para proteger os transgênero contra a discriminação no trabalho.                   |          |          |          |          |          |
| Regras para o uso de um banheiro separado somente para pessoas transexuais.             |          |          |          |          |          |
| Vagas de trabalho sejam destinadas para pessoas transexuais.                            |          |          |          |          |          |
| Pela proibição da cirurgia para mudar de sexo (redesignação sexual).                    |          |          |          |          |          |
| Cotas universitárias para os transgênero.                                               |          |          |          |          |          |
| Mulheres transgênero detentas sejam colocadas em prisões masculinas                     |          |          |          |          |          |
| Hormônios para tratamento de transição de gênero sejam oferecidos pelo governo.         |          |          |          |          |          |
| Transgênero possam alterar seu nome civil mais rápido.                                  |          |          |          |          |          |

### **Medida de Suporte Social**

Há também um projeto já para aprovação para que o Estado dê apoio financeiro às pessoas transgênero que desejam fazer a cirurgia de mudança de sexo. Quantos reais você acha que o estado deve dar? Escreva abaixo a quantidade em Reais.

---

### **Medida de Distintividade adaptada (Falomir-Pichastor et al., 2015)**

Pedimos que indique, utilizando o número correspondente na escala, em que medida você concorda com cada assertiva. Observe que quanto maior for o número assinalado, maior será a sua concordância com a afirmação. Para responder, basta apertar a tecla numérica correspondente no seu teclado, de 1 (Discordo muito) a 7 (Concordo Muito).

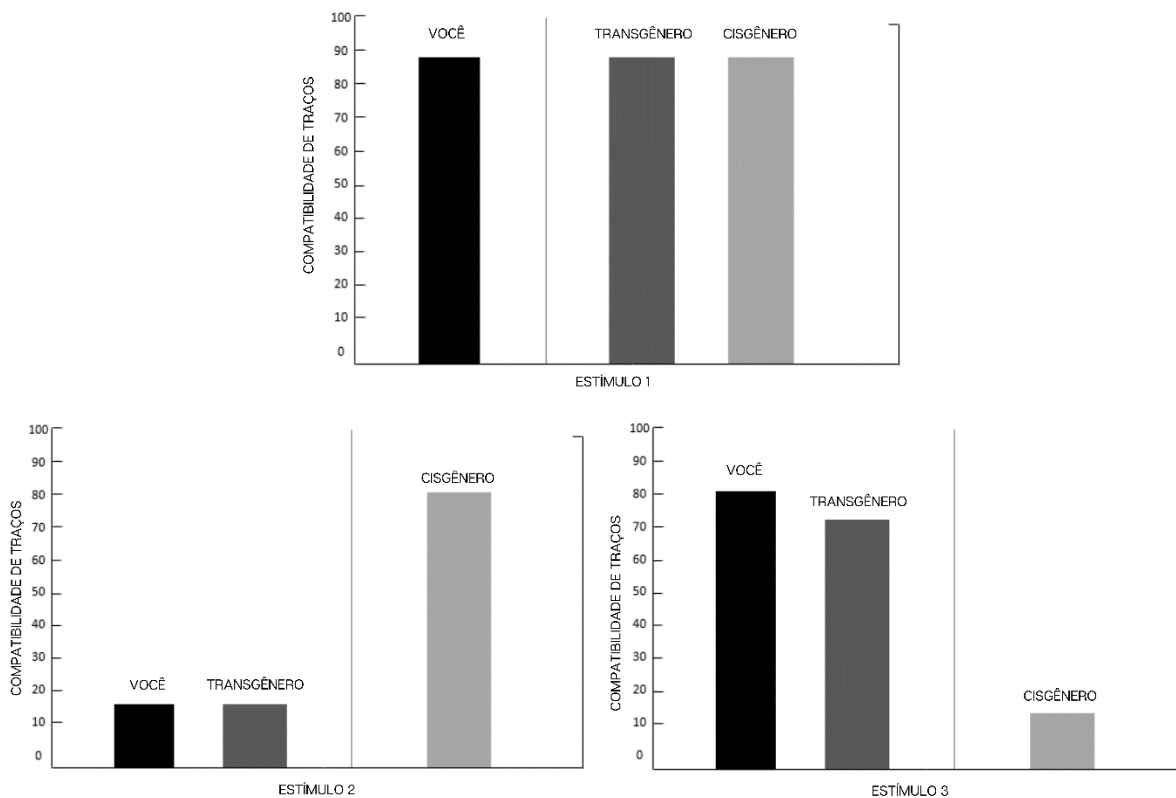
| <b>Itens</b>                                                                                | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1. Transgêneros e cisgêneros são psicologicamente diferentes.                               |          |          |          |          |          |          |          |
| 2. Eu posso identificar facilmente pessoas transgênero por sua forma de ser e se comportar. |          |          |          |          |          |          |          |
| 3. Transgêneros e cisgêneros são essencialmente diferentes.                                 |          |          |          |          |          |          |          |
| 4. Transgêneros e cisgêneros têm diferentes características emocionais.                     |          |          |          |          |          |          |          |
| 5. Transgêneros e cisgêneros têm diferentes traços de personalidade.                        |          |          |          |          |          |          |          |

### Estudo 3

#### *Manipulação Experimental*

##### *Condição de ameaça à distintividade para participantes homens*

Agora você verá seus resultados no teste implícito de personalidade, comparados com os resultados de outras pessoas. Clique em continuar (>>) para ver todos os seus resultados!

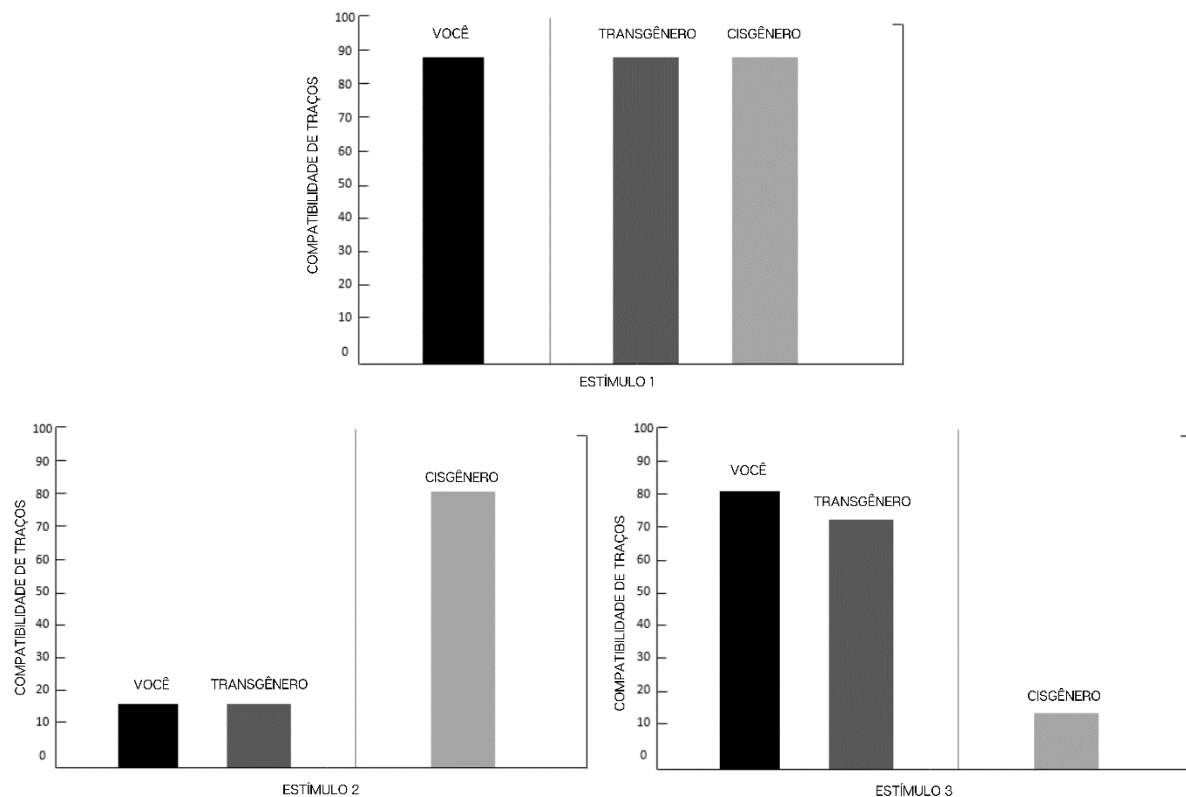


#### **Seu resultado (Feedback)**

A partir da análise de seus resultados, constatamos valores elevados em traços de personalidade que são **compatíveis com a personalidade de mulheres transgênero**. Isto significa que o seu perfil é igual ao de uma pessoa que tem características psicológicas e comportamentais **muito semelhantes** àquelas endossadas por mulheres transgênero. Sua forma de pensar, agir e se posicionar socialmente é semelhante à das pessoas deste grupo e isto ocorre inconscientemente. As pessoas que tem dentro delas uma mulher transgênero, como você, normalmente expressam a sua transgeneridade mais cedo ou mais tarde na vida. É provável que a manifestação dessa forma de transgeneridade possa ocorrer em episódios pontuais em algum momento específico da sua vida. Em algumas pessoas, a transgeneridade pode ser mais estável depois de se manifestar pela primeira vez, instalando-se e perpetuando-se para o resto da vida da pessoa.

### *Condição de ameaça à distintividade para participantes mulheres*

Agora você verá seus resultados no teste implícito de personalidade, comparados com os resultados de outras pessoas. Clique em continuar (>>) para ver todos os seus resultados!

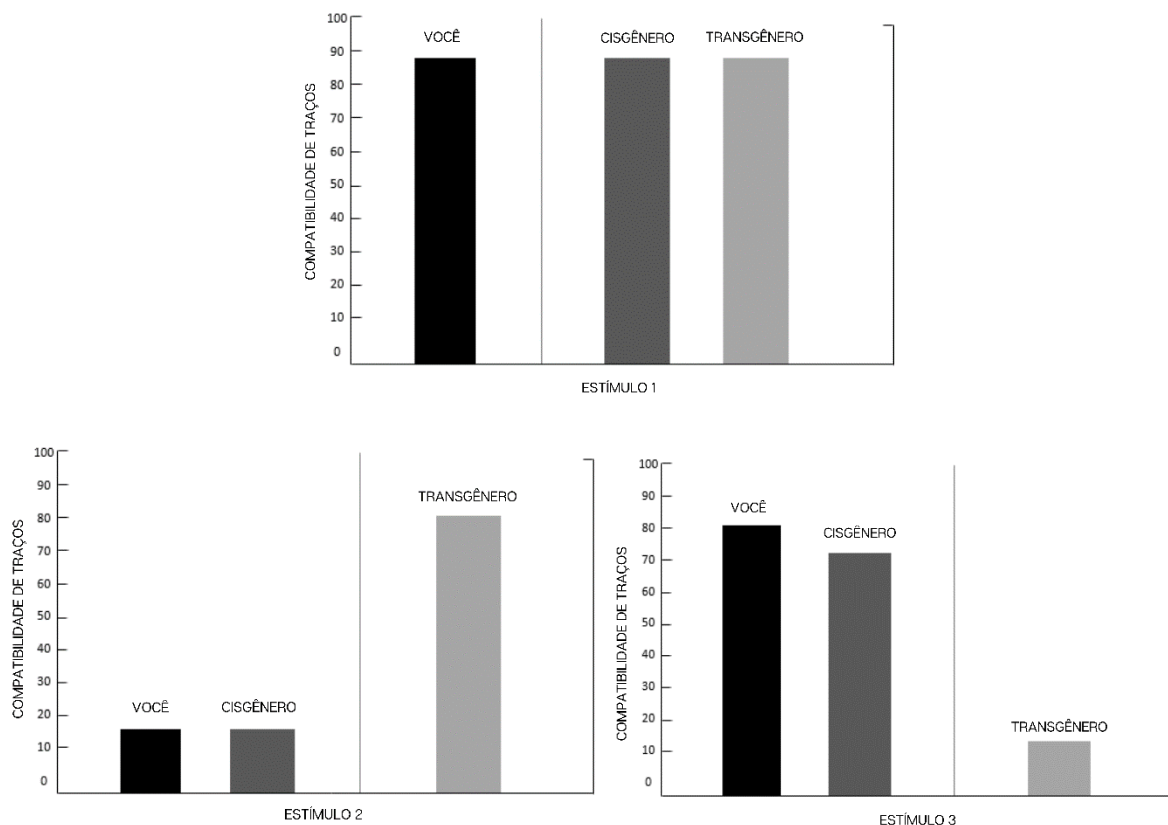


### **Seu Resultado (Feedback)**

A partir da análise de seus resultados, constatamos valores elevados em traços de personalidade que são **compatíveis com a personalidade de homens transgênero**. Isto significa que o seu perfil é igual ao de uma pessoa que tem características psicológicas e comportamentais **muito semelhantes** àquelas endossadas por homens transgênero. Sua forma de pensar, agir e se posicionar socialmente é semelhante à das pessoas deste grupo e isto ocorre inconscientemente. As pessoas que tem dentro delas um homem transgênero, como você, normalmente expressam a sua transgeneridade mais cedo ou mais tarde na vida. É provável que a manifestação dessa forma de transgeneridade possa ocorrer em episódios pontuais em algum momento específico da sua vida. Em algumas pessoas, a transgeneridade pode ser mais estável depois de se manifestar pela primeira vez, instalando-se e perpetuando-se para o resto da vida da pessoa.

### Condição de afirmação da distintividade para participantes homens

Agora você verá seus resultados no teste implícito de personalidade, comparados com os resultados de outras pessoas. Clique em continuar (>>) para ver todos os seus resultados!

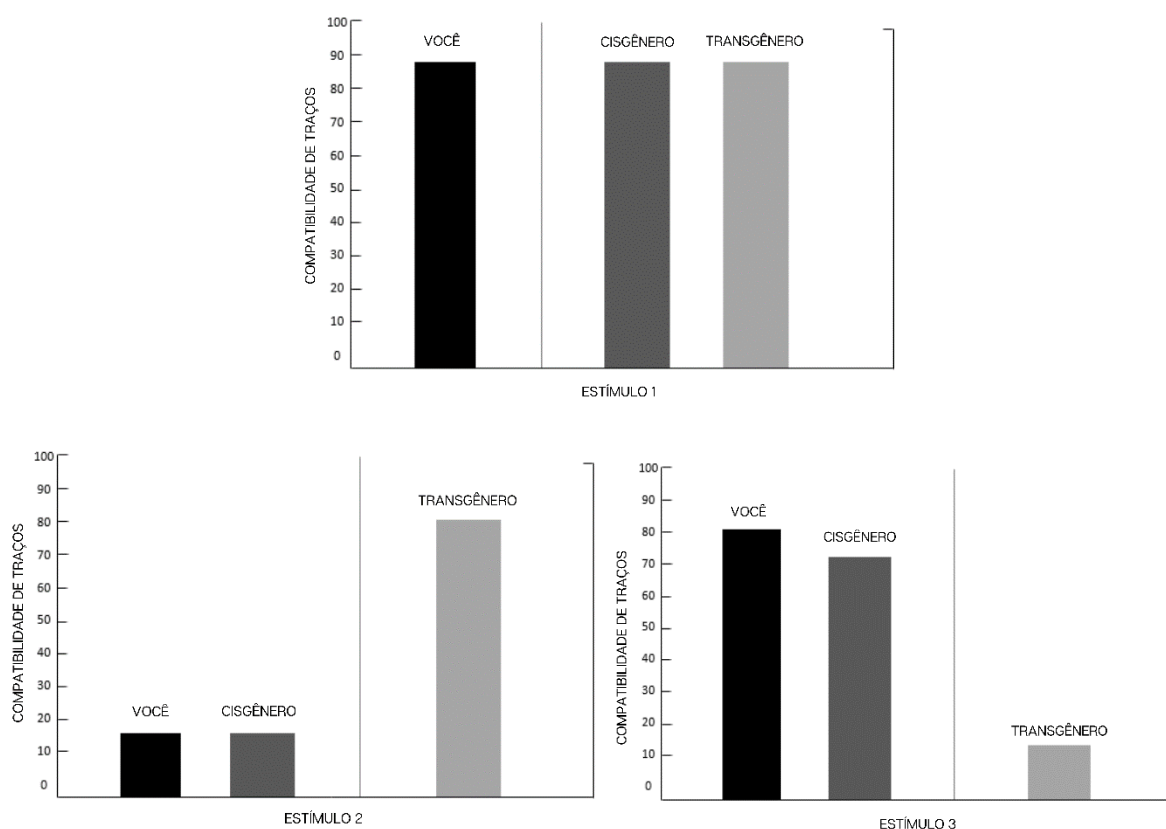


### Seu Resultado (Feedback)

A partir da análise de seus resultados, constatamos valores elevados em traços de personalidade que são muito **incompatíveis com a personalidade de mulheres transgênero**. Isto significa que o seu perfil é o de uma pessoa que tem características psicológicas e comportamentais **muito diferentes** daquelas endossadas por mulheres transgênero. Sua forma de pensar, agir e se posicionar socialmente é diferente das pessoas deste grupo e isto ocorre inconscientemente. As pessoas como você, que têm dentro delas um perfil diferente de uma mulher transgênero, nunca expressam qualquer sinal de transgeneridade ao longo da vida. É provável que o seu jeito de ser possa ocorrer em episódios pontuais em algum momento específico da sua vida. Em algumas pessoas, essa forma de ser é marcadamente distinta da transgeneridade e pode ser mais estável depois de se manifestar pela primeira vez, instalando-se e perpetuando-se para o resto da vida da pessoa.

### *Condição de afirmação da distintividade para participantes mulheres*

Agora você verá seus resultados no teste implícito de personalidade, comparados com os resultados de outras pessoas. Clique em continuar (>>) para ver todos os seus resultados!



### **Seu Resultado (Feedback)**

A partir da análise de seus resultados, constatamos valores elevados em traços de personalidade que são muito **incompatíveis com a personalidade de homens transgênero**. Isto significa que o seu perfil é o de uma pessoa que tem características psicológicas e comportamentais **muito diferentes** daquelas endossadas por homens transgênero. Sua forma de pensar, agir e se posicionar socialmente é diferente das pessoas deste grupo e isto ocorre inconscientemente. As pessoas como você, que têm dentro delas um perfil diferente de um homem transgênero, nunca expressam qualquer sinal de transgeneridade ao longo da vida. É provável que o seu jeito de ser possa ocorrer em episódios pontuais em algum momento específico da sua vida. Em algumas pessoas, essa forma de ser é marcadamente distinta da transgeneridade e pode ser mais estável depois de se manifestar pela primeira vez, instalando-se e perpetuando-se para o resto da vida da pessoa.

**Medida de Distintividade adaptada para participantes homens (Falomir-Pichastor et al., 2015)**

Pedimos que indique, utilizando o número correspondente na escala, em que medida você concorda com cada assertiva. Observe que quanto maior for o número assinalado, maior será a sua concordância com a afirmação. Para responder, basta apertar a tecla numérica correspondente no seu teclado, de 1 (Discordo muito) a 7 (Concordo Muito).

| <b>Itens</b>                                                                                 | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|----------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1. Mulheres transgêneros e homens cisgêneros são psicologicamente diferentes.                |          |          |          |          |          |          |          |
| 2. Eu posso identificar facilmente mulheres transgênero por sua forma de ser e se comportar. |          |          |          |          |          |          |          |
| 3. Mulheres transgênero e homens cisgêneros são essencialmente diferentes.                   |          |          |          |          |          |          |          |
| 4. Mulheres transgênero e homens cisgêneros têm diferentes características emocionais.       |          |          |          |          |          |          |          |
| 5. Mulheres transgênero e homens cisgêneros têm diferentes traços de personalidade.          |          |          |          |          |          |          |          |

**Medida de Distintividade adaptada para participantes mulheres (Falomir-Pichastor et al., 2015)**

Pedimos que indique, utilizando o número correspondente na escala, em que medida você concorda com cada assertiva. Observe que quanto maior for o número assinalado, maior será a sua concordância com a afirmação. Para responder, basta apertar a tecla numérica correspondente no seu teclado, de 1 (Discordo muito) a 7 (Concordo Muito).

| <b>Itens</b>                                                                               | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| 1. Homens transgêneros e mulheres cisgêneros são psicologicamente diferentes.              |          |          |          |          |          |          |          |
| 2. Eu posso identificar facilmente homens transgênero por sua forma de ser e se comportar. |          |          |          |          |          |          |          |
| 3. Homens transgênero e mulheres cisgêneros são essencialmente diferentes.                 |          |          |          |          |          |          |          |
| 4. Homens transgênero e mulheres cisgêneros têm diferentes características emocionais.     |          |          |          |          |          |          |          |
| 5. Homens transgênero e mulheres cisgêneros têm diferentes traços de personalidade.        |          |          |          |          |          |          |          |

### **Medida de Suporte social respondida por homens**

Por favor, imagine que o Estado em que você reside está debatendo uma lei sobre **mulheres transgênero** (isto é, uma pessoa que nasceu homem, mas agora "mudou de gênero" e se sente e age como mulher). A nova lei permitiria que **mulheres transgênero usassem banheiros femininos, aqueles só para mulheres** em espaços públicos. Se essa lei fosse aprovada, significaria que seria permitido por lei mulheres transgênero usarem banheiros só para mulheres em ambientes públicos. A partir dessa informação, indique em que medida você concorda com cada assertiva abaixo. A escala varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Observe que quanto maior for o número assinalado, maior será a sua concordância com a afirmação.

| <b>Itens</b>                                                                      | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Se meu estado fosse propor um projeto como este, eu apoiaria.                     |          |          |          |          |          |          |          |
| Eu estaria disposto(a) a votar em políticos que apoiam projetos de lei como este. |          |          |          |          |          |          |          |
| A ideia por trás deste projeto de lei é consistente com minhas opiniões pessoais. |          |          |          |          |          |          |          |

### **Medida de Suporte social respondida por mulheres**

Por favor, imagine que o Estado em que você reside está debatendo uma lei sobre **homens transgênero** (isto é, uma pessoa que nasceu mulher, mas agora "mudou de gênero" e se sente e age como homem). A nova lei permitiria que **homens transgênero usassem banheiros masculinos, aqueles só para homens** em espaços públicos. Se essa lei fosse aprovada, significaria que seria permitido por lei homens transexuais usarem banheiros só para homens em ambientes públicos. A partir dessa informação, indique em que medida você concorda com cada assertiva abaixo. A escala varia de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Observe que quanto maior for o número assinalado, maior será a sua concordância com a afirmação.

| <b>Itens</b>                                                                      | <b>1</b> | <b>2</b> | <b>3</b> | <b>4</b> | <b>5</b> | <b>6</b> | <b>7</b> |
|-----------------------------------------------------------------------------------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Se meu estado fosse propor um projeto como este, eu apoiaria.                     |          |          |          |          |          |          |          |
| Eu estaria disposto(a) a votar em políticos que apoiam projetos de lei como este. |          |          |          |          |          |          |          |
| A ideia por trás deste projeto de lei é consistente com minhas opiniões pessoais. |          |          |          |          |          |          |          |